

SOB O PÔR DO SOL



edição brasileira© Hedra 2017

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORIA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

SOB O PÔR DO SOL

Bram Stoker

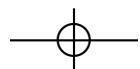
Rafael Rocca dos Santos (*organização*)

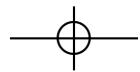
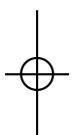
1^a edição

□ □

hedra

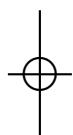
□ □
São Paulo_2017





Sumário

Sob o pôr do sol, <i>por Rafael Rocca dos Santos</i>	7
SOB O POR DO SOL	47
Dedicatória	49
Sob o pôr do sol	51
O Príncipe da Rosa	61
O Gigante Invisível	85
O Construtor de Sombras	103
Como o 7 ficou louco	121
Mentiras e lírios	141
O castelo do rei	147
A criança maravilhosa	173



Sob o pôr do sol *Do gótico ao Drácula*

Rafael Rocca dos Santos

A literatura gótica floresceu na Inglaterra como uma resposta às ideias e movimentos decorrentes do Iluminismo oriundo da França no século XVIII, cuja característica principal consistia em afirmar a primazia da razão sobre as demais formas de pensamento e a religião em geral. O movimento propôs uma análise da sociedade tendo como ponto de partida a observação empírica dos costumes, das leis, do comportamento, entre outros, o que influenciou sobremaneira a literatura da virada do século XVIII ao XIX. Assim, à medida que ascendia a instâncias cada vez mais altas nos planos econômico, político e científico-intelectual, a burguesia veio a encontrar no romance sua forma de expressão literária por excelência.

No entanto, alguns autores ingleses desviaram-se do afã provocado pelo nascimento das ideias iluministas de esclarecimento intelectual e progresso. Tais autores, cujos principais representantes são Ann Radcliffe¹, Horace Walpole² e Matthew Gregory Lewis³, ao mesmo tempo

1. 1729–1807, autora de *O velho barão inglês* (1777). É digno de nota que um grande número de novelas do gênero gótico foi escrito por mulheres, algo até então incomum.

2. 1717–1797, autor de *O castelo de Otranto* (1764).

3. 1775–1818, autor de *O monge* (1796).

SOB O PÔR DO SOL

que aceitavam as mudanças provocadas pelo pensamento racionalista, colocavam-no em xeque, valorizando e explorando dimensões sombrias e sobrenaturais da experiência, que seriam indevassáveis pelas luzes da razão. Os autores do gênero gótico combinam a modernidade da medicina e dos transportes com a atmosfera medieval de castelos frios, cheios de salas secretas e passagens subterrâneas sombrias; o refinamento dos novos costumes com o barbarismo e a excentricidade; a descrição realista das ações e dos ambientes com sentimentos de desolação e abandono. Atingindo seu auge na década de 1790⁴, a literatura gótica influenciou muitos autores de gerações posteriores que não se dedicaram ao gênero. Por exemplo, Jane Austen, que em *A abadia de Northanger* (1818) conta uma história na qual a protagonista é leitora de romances góticos (tal como a própria Austen). Centrando sua narrativa na discussão desse tipo de literatura, a autora busca realçar seus aspectos interessantes e criticar seus pontos fracos. Já entre os continuadores do gótico, destaca-se justamente Bram Stoker: seu *Conde Drácula*, ainda que produzido bem depois do auge do gênero, é considerado o romance gótico por excelência.

Bram Stoker nasceu em 1847, em Dublin, Irlanda. Logo após seu nascimento, foi acometido por uma doença desconhecida, que o deixou acamado e afastado do convívio social até os sete anos de idade. Durante esse período de convalescência e isolamento, seus familiares liam para ele histórias, contos de fadas e breves narrativas sobre diversos assuntos que lhe pudessem interessar. Já então Stoker teve um primeiro e intenso contato com a literatura gótica, que surgira recentemente e era bastante

4. VASCONCELOS (2002), p 130.

SOB O PÔR DO SOL

consumida. Aos sete anos, e sem qualquer explicação, o menino Stoker recuperou sua saúde e iniciou os estudos. A respeito dessa nova fase, Stoker escreve, em uma obra biográfica sobre seu amigo Henry Irving, um ator muito famoso e seu amigo próximo: “Eu era naturalmente pensativo, e o ócio de uma longa doença forneceu a oportunidade a muitos pensamentos que foram frutíferos, de acordo com sua qualidade, em anos posteriores”. Esse dado biográfico é relevante e está refletido em diversos temas tratados ao longo de toda a sua obra, tais como a impossibilidade da fala e dos movimentos e a oposição entre os ambientes fechados (claustro) e o mundo externo.

Jovem adulto, Stoker inicia sua carreira como crítico de teatro no periódico *Dublin Evening Mail*. Em uma de suas críticas, escreve sobre uma montagem de *Hamlet* estrelada por Henry Irving, fato que deu ensejo à duvidosa amizade entre ambos. Literariamente, seu *début* se deu com contos publicados em jornais a partir de 1872. Seguiram-se romances e coletâneas de contos, destacando-se a presente obra, *Sob o pôr do sol* (publicada em 1882), e sua obra máxima, *Drácula*, publicada em 1897.

Drácula é um dos romances mais conhecidos da literatura inglesa do século XIX, tendo sido desde então adaptado para teatro, cinema e usado como referência ou ponto de partida para outras obras literárias. O tema central do romance, o vampirismo, que está presente em lendas e mitos antigos, encontrou um grande desenvolvimento no gótico literário inglês. Bram Stoker partiu de tais lendas e de referências literárias para desenvolver sua própria concepção de vampirismo, acrescentando-lhe características peculiares e inéditas. *Drácula* possuiu uma longa gestação, cerca de sete anos, durante os quais

SOB O PÔR DO SOL

o autor reuniu mais de cem páginas manuscritas com informações acerca de costumes, modos, atitudes, localizações geográficas, reações médicas, relatos de viagem e referências literárias, todo um material de pesquisa que foi em larga medida processado e incorporado à obra.

Literariamente, Stoker bebeu das mais diversas fontes, em especial da poesia e da prosa inglesas, norte-americanas e alemãs. Neste breve texto introdutório, porém, seria inoportuna a análise de toda essa gama de influências. Aqui, basta que se aponte para o aspecto fundamental da ficção do autor, que está presente tanto em *Sob o pôr do sol* (uma obra de juventude) quanto em *Drácula* (uma obra de maturidade): a articulação da narrativa com base em dualidades de extremos como “bem e mal”, “luz e trevas”, “amor e ódio”.

O livro *Sob o pôr do sol* inicia com um conto cujo título é justamente “Sob o Pôr do Sol”. Trata-se de um conto-moldura, que cria uma espécie de quadro, com características próprias, “dentro” do qual deve ser feita a leitura dos contos subsequentes. Por meio dessa técnica literária, Stoker estabelece um fio condutor que alinhava todas as narrativas do livro, definindo o lugar e o tema de todas as histórias, respectivamente: o País Sob o Pôr do Sol e as lutas travadas entre o “bem” e o “mal”.

O País Sob o Pôr do Sol tem em seu centro um castelo, é governado por um Rei bom e povoado por pessoas puras, pias e dedicadas ao bem. Na região fronteiriça por que passa a única estrada que liga o país ao exterior, a terra é mais seca, com menos vida e menos luz. É nessa fronteira que se ergue o Portal guardado por dois anjos celestes. Para além dele há outro país, de terra desolada, em cujo centro habita outro Rei (personagem do conto “O Castelo do Rei”), que é exatamente o oposto do Rei

SOB O PÔR DO SOL

bondoso e caridoso do País sob o Pôr do Sol. Nessa outra terra, a paisagem é assustadora: somente trevas e vales escuros. Os habitantes são todos seres os mais repugnantes: desde animais peçonhentos a fantasmas e espíritos de não mortos e não vivos. Enfim, além do Portal, está tudo o que há de perigoso e repugnante às pessoas puras do País Sob o Pôr do Sol. A oposição entre “bem” e “mal”, que confere uma base religiosa cristã para o conto (Stoker era ele mesmo um homem religioso) já está delimitada no primeiro dos contos da coletânea e retornará, em maior ou menor grau, em todas as demais narrativas⁵.

O segundo conto do volume, “O Príncipe da Rosa”, trata da batalha do filho do Rei do País sob o Pôr do Sol contra um gigante que foi enviado de fora para castigar as pessoas que se desviam do caminho justo e incorrem em pecados. Com essa história, Stoker parece sugerir que toda disputa violenta sempre tem um efeito nocivo sobre a povo, que sofre com suas consequências mesmo quando a luta é vencida pelo lado virtuoso e não exige a participação direta da população. Por mais que não pareça ter uma influência gótica tão acentuada, “O Príncipe da Rosa” apresenta uma característica típica do gênero: a fabulação de costumes e perversões de uma perspectiva maniqueísta.

Os elementos do gótico propriamente dito começam a aparecer no terceiro conto do livro, “O Gigante Invisível”. No País sob o Pôr do Sol, com o argumento de que o mal não tem capacidade de triunfar nesse mundo, as pessoas relevam a boa conduta e a atenção à solidari-

5. Segundo uma leitura psicanalítica, o conto “País sob o Pôr do Sol” representa um *claustrum*, um lugar análogo ao útero materno, um estado primitivo de conforto e nutrição, do qual estariam afastados os perigos do mundo exterior (v. BIERMAN, 1988, p 167).

SOB O PÔR DO SOL

edade. Em meio a esse ambiente de displicênciia moral, uma menina órfã, Zaya, enxerga aproximando-se da cidade um Gigante imenso, que traz consigo os males do mundo como castigo às atitudes perversas do povo. No entanto, ele é visto somente pela menina, que tenta em vão avisar a todos de sua aproximação funesta⁶. O conto então se reveste de uma atmosfera sombria, e o elemento da morte começa a aparecer com mais intensidade, conforme mostram as belas ilustrações originais que também estão presentes nesta edição.

É no quarto conto da obra, “O Construtor de Sombras”⁷, que o gótico está mais bem representado. A personagem que dá nome à narrativa é um ser sombrio, esquivo, solitário, que habita um local incerto. Ele constrói sombras das vidas de seres humanos que passarão por um limiar entre a vida e a morte, viverão e enfim retornarão a uma procissão de sombras, que permanece a vagar sem rumo, eternamente. O terror, o horror e o medo, sentimentos arraigados no mais íntimo do ser humano, estão explicitados na atitude do Construtor de Sombras e no lugar sobrenatural em que atua e habita. Em vez do sonho presente no conto “Sob o Pôr do Sol”, agora o pesadelo se torna protagonista. Tal clima de pesadelo é intensificado ao máximo na passagem em que uma mãe se esforça

6. O Gigante simboliza as pragas bíblicas do *Velho Testamento*. É interessante notar o paralelo entre a personagem de Zaya, neste conto, e a de Cassandra, na mitologia. Segundo algumas versões do mito grego, o dom da profecia foi dado a Cassandra por Apolo. Entretanto, uma vez que ela não cedia aos avanços do deus, este lhe retira o poder do convencimento mas preserva o da profecia. Como resultado, Cassandra passa a alertar a todos acerca dos males por vir sem jamais ser escutada.

7. A história foi adaptada para o cinema em 1988, sob o título *Shadow Builder* (em português, *O senhor das sombras*).

SOB O PÔR DO SOL

por salvar seu bebê, que atravessou o limiar entre a vida e a morte⁸. Trata-se de um dos momentos mais belos e poéticos do todo o livro. O tratamento literário desse trecho é perceptível até mesmo na pontuação, manejada por Stoker com maestria: as frases tornam-se mais curtas e o andamento é acelerado, de modo a criar um clima de suspense e preparar o desfecho.

O interesse que Stoker possuía pelas ciências exatas, que em sua época avançavam a plenos pulmões, é bastante perceptível no quinto conto da coletânea, “Como o 7 ficou louco”. A história lida de maneira emblemática com o mais importante e característico tema da literatura gótica: o conflito entre o racional e o irracional. No encontro, um professor conta uma história acerca do número 7, ressaltando a importância do aprendizado da matemática. Pouco depois, um de seus alunos desdenha desse número e desaparece misteriosamente do cotidiano de seus colegas. Em uma virada inesperada, o fim do conto contém elementos do grotesco e do estranho, que realçam justamente a tensão entre o racional e irracional.

O sexto conto, “Mentiras e lírios”, está ligado ao tema da mentira, recorrente na obra de Bram Stoker. A história relata como a menina Claribel⁹ sofre a influência de um “Espírito Mau”, Skooro (que já aparece no primeiro conto como influência negativa no mundo) e de um espírito bom, Chiaro¹⁰. Sua professora prega que os mentiro-

8. Essa passagem em que uma mãe parte em busca de seu filho parece inspirada pelo romance *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe.

9. O nome evoca a pureza da personagem, relacionando-a tanto à “luz” e à “claridade” quanto à “beleza”.

10. Ambos os nomes compõem mais uma das múltiplas dualidades presentes em *Sob o pôr do sol*: “Chiaro” evoca o termo homógrafo ita-

SOB O PÔR DO SOL

sos sejam condenados ao ostracismo, uma pena que consiste em denegar-lhes as benesses da vida ao bani-los do País Sob o Pôr do Sol¹¹. Aqui, a oposição entre “dentro” e “fora” retoma o contraste bíblico entre o “digno” e o “indigno” e, por extensão, entre o “bom” (pessoa que fala a verdade) e o “mau” (pessoa que mente).

Assim como em “O Construtor de Sombras”, o sétimo conto da coletânea, “O Castelo do Rei”, traz os elementos do gótico ao primeiro plano. Já na frase de abertura, a morte e a loucura aparecem de modo explícito, dando ao conto um tom sombrio que gradualmente se intensifica. O protagonista é chamado de “Poeta”, alegoria de um tipo humano associado ao ato da criação, ao desbravamento de distâncias físicas e imaginárias por meio da poesia. Desde o mito grego de Tirésias, os poetas são tidos “como os cegos, podem ver na escuridão” – comparação que se ajusta perfeitamente ao conto. Desejando resgatar (ou se unir à) sua amada no temível castelo do Rei da Morte, que fica além do Portal do País Sob o Pôr do Sol e simboliza um lugar de antítese completa aos valores que ali reinam, o Poeta parte em uma jornada por terras sombrias. Atravessa o Vale das Sombras¹², escutando a

liano para “claro, luminoso, ilustre”, representando o “bem”; já “Skoro” evoca “escuro, obscuro, triste, sombrio”, representando o “mau”. Também é digno de nota que ambas as palavras estejam presentes no termo *chiaroscuro*, usado para designar os efeitos de luz e sombra da pintura renascentista.

11. Tal como a professora neste conto, o Sr. Swales, no *Drácula*, também prega contra a mentira, condenando as falsidades inscritas nas lápides dos túmulos da abadia de Whitby. Ambas as personagens também se assemelham pela personalidade doce e amigável.

12. Clara referência bíblica ao Salmo 23, intitulado “O bom Pastor”, relacionado à tradição de Davi.

SOB O PÔR DO SOL

Música das Esferas¹³, passando por diversos perigos e dificuldades, a fim de alcançar o castelo do Rei da Morte e enfrentá-lo frente a frente. A narrativa dá a entender que semelhante aventura só poderia ser empreendida por um poeta, indivíduo excepcional que se distingue pela coragem de criar e ousar novas formas.

A paisagem que o Poeta encontra em sua viagem é um rarear de plantas, um suceder de cavernas, montanhas e abismos, um desfile de bestas ferozes e animais peçonhentos, em especial, de cobras. À medida que se aproxima da raiz de todo o mal, o castelo do Rei da Morte, o poeta testemunha o terror e o horror absolutos, que afugentam até mesmo aqueles animais rudes e nocivos. No entanto, mesmo exausto e com pés corroídos pela jornada, o Poeta prosseguirá com sua missão para, talvez, conseguir resgatar sua esposa, presa nas garras da morte.

Como se vê, o clima sombrio, os frequentes adjetivos relacionados à morte e a presença de animais peçonhentos não só dão a esse conto a atmosfera própria das narrativas góticas como também revelam afinidades entre a obra de Stoker e as de Edgar Allan Poe e H P Lovecraft, dois dos maiores expoentes da literatura de terror. E tal como em Poe e Lovecraft, Stoker também sabe dar aos temas mórbidos e sombrios um forte teor poético. Valendo-se de um trato sugestivo da linguagem na descrição de sons, cores e lugares, a narrativa consegue a façanha de combinar a sensação de suspense com um tom ameno, a despeito de toda a dureza e toda a crueldade que permeiam a jornada do Poeta. As ilustrações originais tam-

13. A concepção de uma “música das esferas” provém de Pitágoras, segundo o qual os astros celestes emitem uma música em harmonia com o cosmos.

SOB O PÔR DO SOL

bém sugerem uma atmosfera completamente enegrecida diante do horizonte, transmitindo um clima de desolação e isolamento, em contraste com o mundo cheio de luz presente em outros contos.

O ambiente noturno e sombrio desaparece no oitavo e último conto do livro, “A Criança Maravilhosa”. Numa atmosfera diametralmente oposta à de “O Castelo do Rei”, a história narra a descoberta de um bebê por duas crianças, os irmãos Sibold e May, que se aventuraram em um mundo paralelo ao transpassar a fenda de um salgueiro, árvore miticamente associada à pureza e à imaginação. O bebê que encontram nessa outra dimensão, apesar de possuir traços de divindade benfazeja, demonstrar necessita de cuidados e de atenção, pois sua bondade o expõe a diversos perigos, sugerindo a associação simbólica com a figura do menino Jesus. Um tom sapiencial permeia esse último conto do livro, pois o bebê explica às crianças como o comportamento delas deve ser para que possam levar a vida de uma maneira justa e feliz. Após esse período de aprendizagem, os dois irmãos retornam ao mundo real, e a história termina com ambos dormindo rodeados de papoulas¹⁴.



As anotações dos diários de Bram Stoker, descobertos há pouco tempo, elucidam de modo particularmente penetrante muitas semelhanças entre Sob o pôr do sol e os romances posteriores do autor. Nesses diários é possível encontrar ideias centrais de seu projeto literário e até mesmo a semente de certos escritos. Por exemplo:

14. A presença das papoulas nas descrições de Stoker pode estar associada ao ópio, substância muito consumida à época como fonte de inspiração criadora.

SOB O PÔR DO SOL

Um homem constrói uma sombra em uma parede, pedaço a pedaço, acrescentando nela sua substância. De repente, a sombra se torna viva.

Em nota marginal a esse apontamento, Stoker escreve: “Ideia usada em Sob o pôr do sol”, numa evidentemente alusão a “O Construtor de Sombras”.

Já outra passagem dos diários diz o seguinte:

Anot.[Anotação] para história para crianças: Palácio da Fada Rainha. Criança vai dormir e o palácio cresce – céu muda para cortinas azuis de seda etc.

A ideia expressa nesse apontamento aparentemente tem a intenção de descrever um processo da imaginação infantil pelo qual a criança se transporta do mundo real para o onírico. Ora, semelhante transporte psicológico pode ser identificado em vários momentos de Sob o pôr do sol, especialmente em “Como o 7 Ficou Louco” e “Mentiras e Lírios”. O universo infantil, com efeito, permeia toda a obra de Stoker: as crianças que povoam os contos de Sob o pôr do sol como exemplos de candura serão, no romance Drácula, as vítimas preferidas de Lucy, exatamente por serem puras de alma e de sangue.

Mas não é apenas nos diários de Stoker que se podem constatar as estreitas relações entre Sob o pôr do sol e Drácula. Como já sugerido, é patente o paralelo entre a centralidade do tema da mentira no conto “Mentiras e Lírios” e as invectivas do Sr. Swales contra as mentiras em Drácula (ver nota 12). Também é perceptível a proximidade entre o Médico de Alfabeto, no conto “Como o 7 Ficou Louco”, e o médico John Seward, em *Drácula*.

No entanto, a mais clara semelhança entre a coletânea de contos e o romance é dada pela comparação entre a descrição da paisagem que o Poeta vê ao aproximar-se do

SOB O PÔR DO SOL

castelo do Rei da Morte, em “O Castelo do Rei”, e a descrição da paisagem que Jonathan Harker vê ao aproximar-se do castelo do Conde Drácula. Em “O Castelo do Rei”, depois de ser aconselhado a não se aventurar em um mundo perigoso e desconhecido, o Poeta inicia uma longa travesia em busca de sua Amada, que está nos braços da morte. A caminhada é interrompida pelo encontro com animais que representam grande perigo; estradas vicinais levam a cavernas e a passagens estreitas por entre montanhas, que têm a função de desviar a atenção de quem passa por lá; a vegetação, em vez de fornecer alguma espécie de alimento, torna-se seca e cada vez mais rara; brumas e névoas travancam os sentidos, obnubilando o caminho e minando a disposição do poeta em continuar sua missão. Esses elementos de uma natureza sombria que acompanha externamente o ânimo inflamado do protagonista também estão presentes em *Drácula*. Ao se dirigir pela primeira vez ao castelo do conde, construção oculta atrás de uma cadeia montanhosa, Jonathan Harker é aconselhado pelos locais da Transilvânia a não viajar com a carroagem enviada por Drácula. Harker, no entanto, embarca na carroagem, que é guiada por um estranho condutor. Observando a paisagem ao seu redor, à medida que sobe os estreitos caminhos pelas montanhas, Harker percebe mudanças incomuns: brumas e névoas envolvem a noite densa e o fazem acreditar que está andando em círculos; no meio do nevoeiro, surgem pequenos clarões, que, como depois se saberá, são os espíritos dos mortos de uma antiga batalha que ali acontecera; as montanhas tornam-se cada vez mais íngremes e os caminhos cada vez mais perigosos, ameaçando a carroagem com seus desfiladeiros; por fim, divisa-se o castelo do Conde. Está coberto de escuridão e névoas, envolto por

SOB O PÔR DO SOL

sons estranhos e uivos de lobos, circundando por uma paisagem desolada. As jornadas do Poeta e de Harker até o lugar do mau, além de muito semelhantes, também indicam um claro paralelismo entre o Rei da Morte, em “O Castelo do Rei”, e o Conde Drácula no romance homônimo.

De resto, cabe dizer que a proximidade entre as obras não se refere apenas às semelhanças de enredo, mas também à comunhão dos grandes temas. Com efeito, tanto os contos de *Sob o pôr do sol* quanto o romance *Drácula* se estruturam sobre as oposições “bem e mal”, “claro e escuro”, “verdade e mentira”, “razão e desrazão”. Além disso, também se caracterizam pela forte presença do universo infantil, do moralismo e da religiosidade. Ambos os livros se complementam formal e tematicamente, mostrando o que há de melhor no riquíssimo mundo narrativo de Bram Stoker. *Sob o pôr do sol*, em especial, não obstante ser uma das primeiras obras do autor, revela com ainda maior força a poeticidade de sua prosa, com trechos de grande lirismo e maestria na arte de contar histórias. A presente tradução, a primeira e única para o português, buscou ser fiel às nuances do original e à qualidade da linguagem de Stoker, vindo a público para mostrar ao leitor brasileiro que o talento de Bram Stoker não se resume a um livro só.



BREVE BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE LEITURA

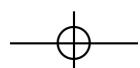
- ▷ BIERMAN, Joseph S.: “A Crucial Stage in the Writing of *Dracula*”; in HUGHES, William & SMITH, Andrew (orgs.): *Bram Stoker: History, Psychoanalys and the Gothic*, MacMillan, Londres, 1988, pp 151–172.

SOB O PÔR DO SOL

- ▷ ROGERS, David: "Introduction"; in STOKER, Bram: *Dracula*, Wordsworth Editions, Londres, 2000, pp v-xix.
- ▷ SENF, Carol A.: *Science and Social Science in Bram Stoker's Fiction*, Greenwood Press, Londres, 2002.
- ▷ STOKER, Bram & MILLER, Elizabeth & STOKER, Dacre (eds.): *The lost Journal of Bram Stoker: The Dublin Years*, Biteback Publishing, Londres, 2013.
- ▷ VASCONCELOS, Sandra Guardini: *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, Boitempo Editorial, São Paulo, 2002, pp 118–135.







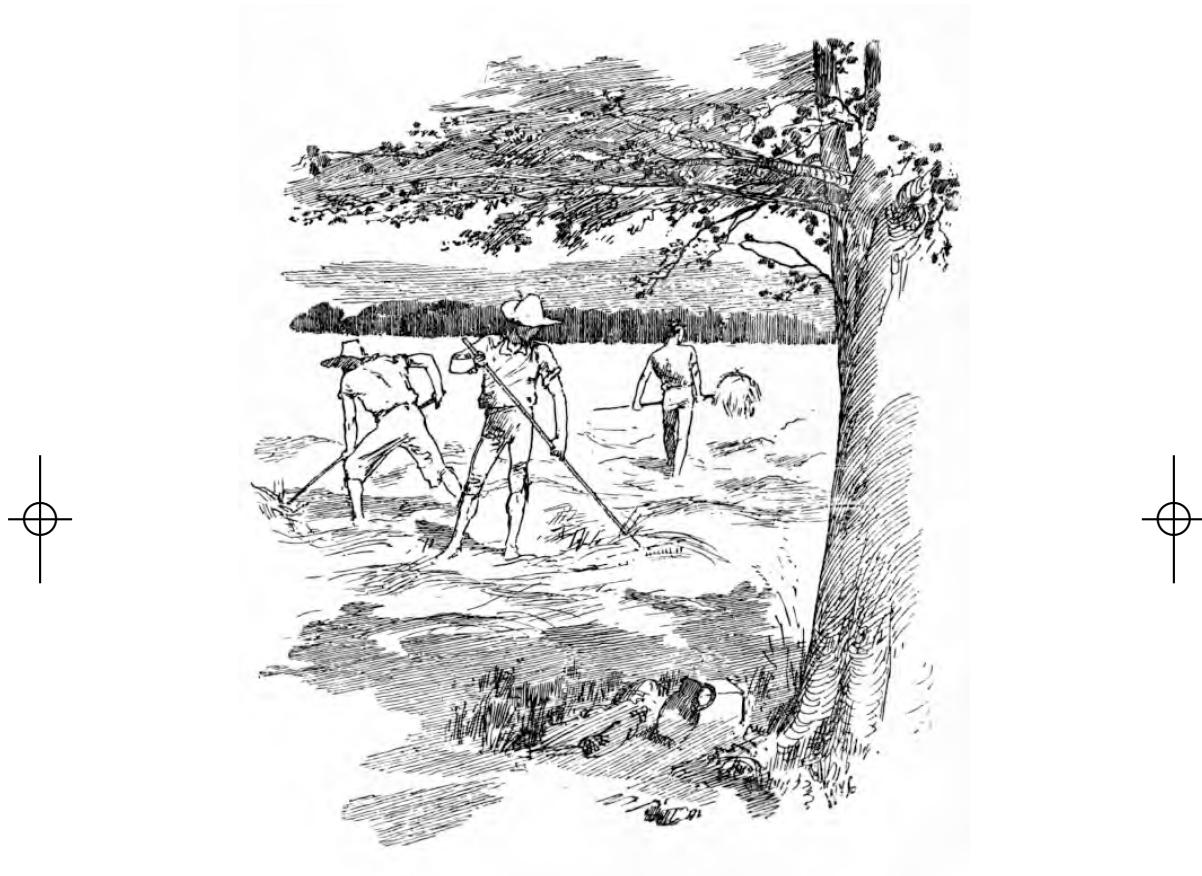


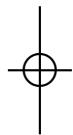




WV6











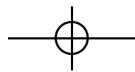
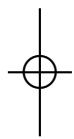






















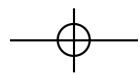


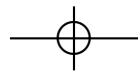






Sob o por do sol





Dedicatória

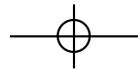
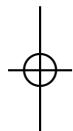
A

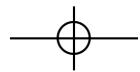
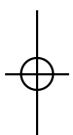
MEU FILHO

cuyo Anjo contempla o rosto

do

REI





Sob o pôr do sol

Longe, muito longe, há um belo País o qual nenhum olho humano jamais viu em vigília. Sob o Pôr do Sol ele jaz, onde o horizonte distante amarra o dia, e onde as nuvens, esplêndidas em luz e cor, dão uma promessa da glória e da beleza que o cerca.

Algumas vezes, é-nos concedido vê-lo em sonhos.

De vez em quando vêm Anjos ternamente, abanando com suas grandes asas brancas os cenhos ansiosos, e repousam mãos frescas sobre os olhos dormentes. Então, o espírito do adormecido levanta voo. Do ofuscamento e das trevas da temporada noturna surge. Para longe, através das nuvens púrpuras, veleja. Apresa-se pelo vasto espaço da luz e do ar. Pelo azul escuro da abóbada celeste voa e, estendendo-se pelo longínquo horizonte repousa no belo Reino Sob o Pôr do Sol.

Esse País é como o nosso de muitas formas. Tem homens e mulheres, reis e rainhas, ricos e pobres; tem casas, e árvores, e campos, e pássaros, e flores. Há ali dia e também noite, e calor e frio, e doença e saúde. Os corações dos homens e mulheres, e de garotos e garotas, batem como os daqui. Há as mesmas tristezas e as mesmas alegrias; e as mesmas esperanças e os mesmos medos.

Se uma criança daquele País estivesse ao lado de uma criança daqui, você não poderia apontar a diferença entre elas, exceto que somente as roupas são diferentes. Elas falam a mesma língua que nós falamos. Elas não sabem

SOB O PÔR DO SOL

que são diferentes de nós, e não sabemos que somos diferentes delas. Quando elas vêm a nós em seus sonhos, não sabemos que são estranhos; e quando vamos ao País delas em nossos sonhos, parecemos estar em casa. Talvez isso ocorra porque as casas de pessoas boas estão em seus corações; e, em qualquer lugar em que possam estar, terão paz.

O País Sob o Pôr do Sol foi por longas eras um Reino fantástico e agradável. Nada havia que não fosse belo e doce e agradável. Foi somente quando o pecado veio que as coisas começaram a perder sua perfeita beleza. Até mesmo agora é uma terra fantástica e agradável.

Porque lá o sol é forte, às margens de todas as estradas estão plantadas grandes árvores que espalham seus galhos grossos. Assim, os viajantes têm abrigo quando passam. Os marcos são fontes de água fria e agradável, tão clara e cristalina que quando o viajante chega a uma delas ele se senta na pedra entalhada a seu lado e dá um suspiro de alívio, pois ele sabe que há descanso.

Quando é pôr do sol aqui, lá é o meio do dia. As nuvens reúnem-se e protegem o Reino do grande calor. Então, por um curto tempo, tudo dorme.

Essa hora agradável e pacífica é chamada de Hora do Descanso.

Quando ela chega, os pássaros param seu canto, e repousam sob as amplas calhas das casas ou em galhos das árvores, no lugar onde eles se juntam aos caules. Os peixes param de nadar rápido e descansam sob as pedras, com suas barbatanas e caudas tão imóveis como se estivessem mortos. A ovelha e o gado descansam sob as árvores. Os homens e as mulheres deitam-se em redes estendidas entre as árvores ou sob as varandas de suas casas.

SOB O PÔR DO SOL

Então, quando o sol para de resplandecer intensamente e as nuvens derretem, todas as coisas vivas acordam.

As únicas coisas vivas que não dormem na Hora do Descanso são os cachorros. Eles ficam deitados, muito quietos, somente meio dormindo, com um olho aberto e uma orelha levantada, mantendo vigilância o tempo todo. Assim, se algum estranho chega durante o tempo do Descanso, os cães levantam-se e olham para ele, suavemente, sem latir, para que não atrapalhem ninguém. Eles sabem se o recém-chegado é inofensivo; e, se for o caso, deitam-se novamente, e o estranho também se deita até que a Hora do Descanso termine.

Mas se os cães pensam que o estranho veio para causar malefícios, eles latem alto e rosnam. As vacas começam a mugir e as ovelhas a balir, e os pássaros a gorjeejar e a cantar suas notas mais altas, mas sem música nelas; e até mesmo os peixes começam a nadar rápido e a espirrar água. Os homens acordam e saltam de suas redes, e agarram suas armas. Então, o momento fica ruim para o intruso. Imediatamente ele é levado à Corte e julgado, e, se considerado culpado, ele é sentenciado e colocado na prisão ou banido.

Depois os homens voltam para suas redes e todas as coisas vivas novamente se retiram até que a Hora do Descanso termine.

À noite acontece igual à Hora do Descanso caso um intruso venha causar malefícios. À noite, somente os cães e os doentes e suas enfermeiras estão acordados.

Ninguém pode deixar o País Sob o Pôr do Sol exceto para uma direção. Aqueles que vão para lá em sonhos, ou que vêm em sonhos para nosso mundo, vêm e vão não sabem como. Mas, se um habitante tenta deixá-lo, ele não consegue exceto de uma maneira. Se ele tenta

SOB O PÔR DO SOL

outras maneiras, ele vaga infinitamente, fazendo curvas sem saber, até que chega a um lugar de onde somente ele pode partir.

Esse lugar é chamado de Portal, e ali os Anjos mantêm guarda.

Exatamente no meio do País fica o palácio do Rei, e as estradas estendem-se a partir dele por todos os lados. Quando o Rei está em pé no topo da torre, que se ergue a uma grande altura no meio de seu palácio, ele pode observar as estradas, que são todas bem retas.

Elas parecem se tornar mais e mais estreitas à medida que seguem adiante, até que por fim se perdem totalmente a menor distância.

Em volta do palácio do Rei estão reunidas casas de grandes nobres, cada uma proporcionalmente próxima ao posto de seu dono. Ao lado dessas vêm as casas dos nobres menores; e depois aquelas de todas as outras pessoas, tornando-se cada vez menores à medida que se vai mais adiante.

Toda casa, grande e pequena, situa-se no meio de um jardim que tem uma fonte e um curso d'água, e grandes árvores, e canteiros de belas flores.

Mais além, em direção ao Portal, o país torna-se cada vez mais selvagem. Para além, há densas florestas e grandes montanhas repletas de cavernas profundas, tão escuradas quanto a noite. Aqui, animais selvagens e todas as coisas cruéis têm seu lar.

Então vêm pântanos e brejos e lamaçais profundos e instáveis, e densas selvas. Depois tudo se torna tão selvagem que a estrada some completamente.

Nos lugares selvagens além dali nenhum homem sabe o que há. Alguns dizem que os Gigantes, que ainda existem, vivem ali, e que todas as plantas venenosas ali cres-

SOB O PÔR DO SOL

cem. Dizem que lá há um vento iníquo que revela as sementes de todas as coisas más e espalha-as sobre o solo. Alguns há que dizem que o mesmo vento iníquo também espalha as Doenças e as Pragas que existem ali. Outros dizem que a Fome vive lá nos pântanos, e que ela se aproxima silente quando os homens são malévolos – tão malévolos que os Espíritos que guardam a terra choram tão amargamente que não a veem passar.

Murmura-se que a Morte tem seu reino nas Solidões para além dos pântanos, e vive em um castelo tão terrível de se olhar que ninguém o vira e viveu para contar como ele é. Também se diz que todas as coisas más que vivem nos pântanos são os desobedientes Filhos da Morte que deixaram seus lares e não conseguem mais encontrar o caminho de volta.

Mas nenhum homem sabe onde está o Castelo do Rei Morte. Todos os homens e mulheres, garotos e garotas, e mesmo crianças pequenas devem viver para que assim, quando tiverem de entrar no Castelo e ver o macabro Rei, possam não ter medo ao contemplar seu rosto.

Por muito tempo, a Morte e seus Filhos permaneceram fora do Portal e tudo dentro dele era alegre.

Mas veio um tempo quando tudo mudou. Os corações dos homens se tornaram frios e duros de orgulho com sua prosperidade, e eles não prestaram atenção nas lições que lhes foram ensinadas. Então, quando lá dentro houve frieza e indiferença e desdengo, os Anjos em guarda viram nos terrores lá de fora o meio de punição e a lição que poderia fazer bem.

As boas lições vieram – como muito frequentemente vêm as coisas boas – depois de dor e de provação, e elas ensinaram muito. A história de sua vinda guarda uma lição para o bom entendedor.

SOB O PÔR DO SOL

No Portal, dois Anjos eternamente vigiavam e mantinham guarda. Esses anjos eram tão majestosos e tão vigilantes, e sempre tão inflexíveis em sua guarda, que havia somente um nome para ambos. Qualquer um ou ambos seriam, ao falar com eles, chamados pelo nome completo. Um deles conhecia tanto quanto o outro sobre qualquer coisa que pudesse ser conhecida. Isso não era tão estranho, pois ambos conheciam tudo. O nome deles era Fid-Def.

Fid-Def estavam de guarda no Portal. Ao lado deles havia uma Criança-Anjo, mais bela do que a luz do sol. A silhueta de sua bela forma era tão suave que sempre parecia estar derretendo no ar; parecia uma luz viva e sagrada.

Ela não ficava em pé como os outros Anjos, mas flutuava para cima e para baixo e por todo lado. Algumas vezes era somente uma pequena mancha, e, então, repentinamente, sem parecer haver qualquer mudança, tornava-se maior do que os grandes Espíritos Guardiões que eram os mesmos desde sempre.

Fid-Def amavam a Criança-Anjo e, à medida que ela se erguia de vez em quando, eles abriam suas grandes asas brancas, e ela subia às vezes em cima delas. Suas próprias asas belas e frágeis arejavam seus rostos suavemente quando se viravam para falar.

Mas a Criança-Anjo nunca cruzava o limiar. Ela olhava para a vastidão ao longe, mas nunca colocava nem mesmo a ponta de sua asa para além do Portal.

Ela estava fazendo perguntas sobre Fid-Def, e parecia querer saber o que havia lá fora, e como tudo lá diferia de tudo daqui.

As perguntas e as respostas dos Anjos não eram como nossas perguntas e respostas, pois não havia necessidade

SOB O PÔR DO SOL

de fala. No momento em que vinha um pensamento de querer saber alguma coisa, a pergunta era feita e a resposta era dada. Mas, ainda assim, a pergunta era feita pela Criança-Anjo e respondida por Fid-Def; e se conhecêssemos a não língua que os Anjos estavam não falando, teríamos ouvido assim. Fid-Def estava falando com Fid-Def:

“Chiaro não é belo?”

“Ele é muito belo. Ele será um novo poder no Reino.”

Aqui Chiaro, que estava apoiado com um pé na pluma da asa de Fid-Def, disse:

“Diga-me, Fid-Def, o que são aqueles Seres de aparência horrível para além do Portal?”

Fid-Def respondeu:

“Eles são os Filhos do Rei Morte. O mais horrível de todos, envolto em trevas, é Skooro, um Espírito Mau.”

“Como eles parecem horríveis!”

“Muito horríveis, caro Chiaro. E esses Filhos da Morte querem cruzar o Portal e entrar no Reino”.

Chiaro, diante da terrível notícia, ergueu-se para o alto, e ficou tão grande que todo o País Sob o Pôr do Sol ficou claro. Logo, entretanto, ele se tornou cada vez menor até que se virou somente uma mancha, como o feixe colorido visto em um quarto escuro quando o sol entra por uma fresta. Ele perguntou aos Anjos do Portal:

“Digam-me, Fid-Def, por que os Filhos da Morte querem entrar?”

“Porque, querida Criança, eles são malvados, e querem corromper os corações dos moradores do Reino”.

“Mas me digam, Fid-Def, eles conseguem entrar? Certamente, se o Supremo diz ‘Não!’, eles devem ficar para sempre fora do Reino.”

SOB O PÔR DO SOL

Depois de uma pausa veio a resposta dos Anjos do Portal:

“O Supremo é mais sábio do que até mesmo os Anjos podem conceber. Ele expulsou os malvados com seus próprios truques, e ele prendeu o caçador em sua própria armadilha. Os Filhos da Morte, quando entram – como estão prestes a fazer – farão muitas coisas boas ao Reino que querem fazer mal. Pois, veja!, os corações das pessoas estão corrompidos. Eles esqueceram as lições que lhes foram ensinadas. Eles não sabem o quanto deveriam ser gratos por sua sorte, pois a tristeza eles não conhecem. Deve haver alguma dor ou pesar ou tristeza para que possam ver o erro de seus caminhos”.

Enquanto falavam, os Anjos choraram de dor pelos pecados do povo e pela dor que devem suportar.

A Criança-Anjo respondeu estupefata:

“Então esse horrível Ser está também para entrar no Reino. Ai! Ai!”

“Querida Criança”, disseram os Espíritos Guardiões enquanto a Criança-Anjo deslizou para seus peitos, “a você é dado um grande dever. Os Filhos da Morte estão prestes a entrar. A você foi confiada a guarda contra esse Ser horrível, Skooro. Onde quer que ele vá, lá você deverá estar também; assim, nada de mal pode acontecer – exceto somente o que é pretendido ou permitido”.

A Criança-Anjo, maravilhada pela grandeza da confiança, resolveu que sua tarefa deveria ser bem-feita. Fid-Def continuaram:

“Você deve saber, querida Criança, que sem a escuridão não há medo algum do invisível; e nem mesmo a escuridão da noite pode assustar caso haja luz dentro da alma. Ao bom e ao puro não há medo seja das coisas más da terra, seja dos Poderes que são invisíveis. A você é

SOB O PÔR DO SOL

confiada a guarda do puro e do verdadeiro. Skooro irá encobri-los com sua sombra; mas a você é dado penetrar em seus corações e por sua própria luz gloriosa tornar a sombra dos Filhos da Morte invisível e desconhecida.

“Mas dos facínoras – dos maus, e dos mal-agradecidos, e dos implacáveis, e dos impuros, e dos falsos você se manterá afastado; e assim, quando eles o procurarem para lhes dar conforto – como sempre haverão de fazer – eles não irão ver você. Eles verão somente a sombra que a sua luz distante fará parecer ainda mais escura, pois a sombra estará em suas próprias almas.

“Mas, oh!, Criança, nosso Pai é bom para além do acreditável. Ele ordena que caso alguém que seja mau se arrependa, você voará imediatamente a ele e o confortará, e irá ajudá-lo, e animá-lo, e forçará a sombra para longe. Caso eles apenas finjam se arrepender, desejando ser novamente maus quando o perigo passar, ou caso eles ajam somente devido ao medo, então você esconderá sua claridade para que a sombra possa se avolumar mais escura sobre eles. Agora, querido Chiaro, torne-se invisível. A hora se aproxima quando será permitido aos Filhos da Morte entrar no Reino. Ele tentará entrar sorteiramente, e deveremos deixá-lo, pois devemos trabalhar invisíveis e incógnitos para desempenharmos nossa função”.

Então a Criança-Anjo desvaneceu-se lentamente a fim de que nenhum olho – nem mesmo os de Fid-Def – pudessevê-lo; e os Espíritos Guardiões se postaram como sempre ao lado do Portal.

A Hora do Descanso chegou, e tudo estava quieto no Reino.

Quando os Filhos da Morte, bem ao longe, nos pántanos, viram que nada estava em movimento, e cuidando

SOB O PÔR DO SOL

que os Anjos estavam como sempre de guarda, eles resolveram fazer outra tentativa de entrar no Reino.

Consequentemente, eles se separaram em muitas partes. Cada parte tomou uma forma diferente, mas todos juntos se moveram em direção ao Portal. Assim, os Filhos da Morte aproximaram-se do limiar do Reino.

Sobre a asa de um pássaro que passava eles vieram, em uma nuvem que deslizava lentamente no céu, nas cobras que rastejavam sobre aterra – nos vermes, e ratos, e toupeiras que se arrastavam sob ela, nos peixes que nadavam e nos insetos que voavam. Por terra e água e ar eles vieram.

Então, sem embargos ou atrasos, e de muitas formas, os Filhos da Morte entraram no país Sob o Pôr do Sol; e a partir daquela hora tudo naquele belo Reino mudou.

Os Filhos da Morte não se fizeram conhecidos imediatamente. Um a um, os espíritos mais arrojados entre eles, espreitando com passadas cruéis pelo Reino, preencheram todos os corações com terror à medida que avançavam.

Entretanto, cada um e todos eles deixaram uma lição para o bem nos corações dos moradores do Reino.

O Príncipe da Rosa

Há muito, muito tempo – tanto tempo que, se alguém tenta pensar tão no passado, é ainda há mais tempo –, o Rei Mago reinava o País Sob o Pôr do Sol.

Ele era um rei velho, e sua barba branca cresceria tão longa que quase tocava o chão. E ele passou todo seu reinado tentando fazer seu povo feliz.

Ele tinha um filho de quem gostava muito. Esse filho, o Príncipe Zaphir, era muito merecedor do afeto de seu pai pois ele era tão bom quanto se podia ser.

Ele ainda era um garoto, e nunca tinha visto sua mãe, que tivera um belo e doce semblante e que morrera quando ele era apenas um bebê. Amiúde ficava muito triste por não ter tido mãe, quando pensava que os outros garotos tinham mães carinhosas, em cujos joelhos eles aprenderam a rezar, e que vinham lhes dar beijos à noite em suas camas. Ele sentia que era estranho muitas das pessoas pobres nos domínios de seu pai terem mães, enquanto ele, o príncipe, não tinha.

Quando ele pensava assim, tornava-se muito humilde; pois ele sabia que nenhum poder, ou riqueza, ou juventude, ou beleza salvaria qualquer pessoa da danação de todos os mortais, e que a única coisa bela no mundo, cuja beleza dura para sempre, é uma alma pura e justa. Ele sempre lembrava, entretanto, que, se ele não tinha mãe, tinha um pai que o amava muito e, assim, ficava consolado e contente.

SOB O PÔR DO SOL

Ele costumava refletir muito sobre diversas coisas; e frequentemente, até mesmo durante a luminosa hora do descanso, quando todas as pessoas dormiam, ele ia para o bosque perto do palácio e pensava e pensava sobre tudo o que era belo e verdadeiro, enquanto seu fiel cão Gomus se agachava a seus pés e, algumas vezes, balançava a cauda, como se para dizer:

“Aqui estou eu, príncipe. Também não estou dormindo”.

O Príncipe Zaphir era tão bom e gentil que nunca machucou qualquer coisa viva. Se ele via na sua frente um verme rastejando sobre a estrada, passaria cuidadosamente acima dele para que não o machucasse. Se ele visse uma mosca que caíra na água, ele a levantaria com cuidado e a soltaria, livre, ao ar glorioso: tão bom era ele que todos os animais que uma vez o tinham visto o reconheciam, e quando ele se sentava em seu lugar favorito no bosque, ali se elevava um zumbido alegre de todos os seres vivos. Aqueles insetos brilhantes, cujas cores mudam de hora em hora, mostravam suas cores mais claras e aqueciam-se no cintilar da luz do sol que penetrava obliqua entre os galhos das árvores. Os insetos ruidosos colocabam seus abafadores para que não o perturbassem; e os passarinhos descansando nas árvores abriam seus olhos redondos e brilhantes, e saíam, e piscavam os olhos à luz, e entoavam canções jubilosas de boas-vindas com todas as suas notas mais doces.

Assim ocorre sempre com pessoas afáveis e amáveis. Os seres vivos que têm vozes tão doces quanto as de um homem ou de uma mulher e que têm idiomas próprios, apesar de não os podermos entender, todos falam com eles com notas alegres e desejam boas-vindas de suas maneiras próprias e belas.

O PRÍNCIPE DA ROSA

O Rei Mago tinha orgulho de seu garoto corajoso, bom e belo, e gostava de vesti-lo muito bem. E todas as pessoas adoravam observar seu rosto límpido e sua veste vistosa. O Rei mandou os grandes mercadores procurarem perto e longe até que conseguiram a maior e mais fina pena que já fora vista. Ele mandou colocar essa pena na frente de um belo chapéu, da cor de um rubi, e fixou-a com um broche feito de um diamante grande. Ele deu esse chapéu a Zaphir em seu aniversário.

Enquanto o Príncipe Zaphir andava entremeando as árvores, as pessoas viam a distância a grande pluma branca acenando. Todos ficavam alegres quando a viam, e corriam às janelas e às portas, reverenciando, sorrindo e agitando as mãos enquanto seu belo príncipe passava. Zaphir sempre reverenciava e sorria de volta; e ele amava seu povo e glorificava-se no amor que eles tinham por ele.

Na Corte do Rei Mago havia uma companheira para Zaphir, quem ele amava muito. Era a Princesa Bluebell. Ela era filha de outro rei que fora injustamente privado de seu domínio por um inimigo cruel e traidor, e que havia procurado o Rei Mago pedindo ajuda e morrera em sua Corte depois de viver ali por muitos, muitos anos. Mas o Rei Mago havia acolhido sua filhinha órfã e criou-a como sua própria filha.

Uma grande vingança havia recaído sobre o usurpador maléfico. Os Gigantes haviam atacado seus domínios e assassinaram-no e toda a sua família, e mataram todas as pessoas do reino, e destruíram até mesmo todos os animais, exceto os selvagens, que eram como os próprios Gigantes. Então as casas começaram a vir abaixo devido à velhice e à deterioração, e os belos jardins tornaram-se selvagens e abandonados. E assim, quando depois de

SOB O PÔR DO SOL

muitos longos anos os Gigantes se cansaram e voltaram para seus lares longínquos, o país que a Princesa Bluebell tinha era uma desolação tão vasta que ninguém que lá entrasse saberia que ali já haviam morado pessoas.

A Princesa Bluebell era muito jovem e muito, muito bela. Ela, como o Príncipe Zaphir, nunca conhecera o amor materno, pois sua mãe, também, havia morrido quando ela era jovem. Ela amava muito o Rei Mago, mas ela amava o Príncipe Zaphir mais do que todo o resto do mundo. Eles sempre haviam sido companheiros, e não havia um pensamento sequer do coração dele que ela não conhecesse antes de lhe ocorrer. O Príncipe Zaphir amava-a também, mais ternamente do que podem dizer as palavras, e por ela ele faria qualquer coisa, sem importar o tamanho do perigo. Ele tinha esperança de que, quando ele fosse um homem e ela uma mulher, ela se casaria com ele, e ajudariam o Rei Mago a reinar em seu domínio justa e sabiamente, e tinha esperança de que não haveria dor ou pobreza por todo o país se pudessem evitar.

O Rei Mago mandou fazer dois pequenos tronos; e quando ele se sentou cerimoniosamente em seu grande trono, as duas crianças sentaram-se de cada lado dele, e aprenderam como ser Rei e Rainha.

A Princesa Bluebell usava um robe de arminho como o de uma Rainha, e um pequeno cetro e uma pequena coroa, e o Príncipe Zaphir tinha uma espada, tão brilhante quanto um raio de luz, pendurada em uma bainha dourada.

Atrás do trono do Rei os cortesãos costumavam se reunir. E muitos deles eram notáveis e bons, e outros eram somente vaidade e egoísmo.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Havia Phlosbos, o Primeiro Ministro, um homem muito, muito velho com uma barba longa parecida com seda branca, que carregava um bastão branco com um anel de ouro nele.

Havia Janisar, o Capitão da Guarda, com bigodes imponentes e uma armadura pesada como vestimenta.

E então havia Tufto, um cortesão antigo, um velho tolo que não fazia nada senão vaguear em torno dos grandes nobres e prestar-lhes deferência; e todos, de alto a baixo, desprezavam-no muito. Ele era gordo e não tinha cabelos ou pelos no rosto, nem mesmo sobrancelhas; ele parecia – oh!, tão engraçado com sua grande cabeça calva bem branca e macia.

Havia Sartorius, um cortesão jovem e tonto, que pensava que a roupa era a coisa mais importante do mundo, e que se vestia apropriadamente nas melhores roupas que conseguia. Mas as pessoas apenas sorriam e até mesmo riam dele, pois não há honra advinda de roupas bonitas, mas somente do que está no próprio homem que as veste. Sartorius sempre tentava se colocar à frente em toda parte a fim de exibir suas belas roupas, e pensava que, porque os outros cortesãos não tentavam repeli-lo pelo mesmo motivo, eles reconheciam seu direito de ser o primeiro. Não era assim, no entanto; eles apenas o desprezavam e não fariam o que ele fazia.

Havia também Skarkrou, que era exatamente o oposto de Sartorius, e que pensava – ou fingia pensar – que a falta de asseio era uma coisa boa. E ele era tão ou mais orgulhoso de seus trapos do que Sartorius era de suas belas roupas. Também era desprezado, pois era vaidoso, e sua vaidade tornava-o ridículo.

Então havia Gabbleander, que nada mais fazia além de falar desde a manhã até a noite, e que falaria da noite

SOB O PÔR DO SOL

até a manhã se conseguisse alguém para ouvi-lo. Também rião dele pois as pessoas não conseguem falar sempre com juízo se falam demais. As coisas tolas são lembradas, mas as sábias são esquecidas. E assim, os tagarelas vêm a ser considerados tolos.

Mas ninguém deve pensar que toda a Corte do bom Rei Mago era como essas pessoas. Não! Havia muitas, muitas pessoas boas, e grandes, e nobres e corajosos homens. Mas a vida é assim em qualquer país, até mesmo no País Sob o Pôr do Sol: há tolos tanto quanto sábios, covardes tanto quanto corajosos e homens maus tanto quanto homens bons.

Crianças que desejam se tornar homens importantes e bons ou mulheres boas e nobres devem tentar conhecer bem todas as pessoas que encontram. Assim, elas perceberão que não há ninguém que não tenha um tanto de bondade; e quando virem grandes tolices, ou um pouco de malvadeza, ou um pouco de covardia, ou algum erro ou fraqueza em outra pessoa, elas devem se examinar cuidadosamente. Então verão que, talvez, elas mesmas também têm alguns defeitos – apesar de, talvez, não se revelarem da mesma forma – e que devem tentar vencer esses defeitos. Assim, elas se tornarão melhores à medida que crescem; e outros as examinarão, e quando estas pessoas descobrirem que não têm defeitos, irão amá-las e honrá-las.

Bem, um dia o Rei Mago sentou-se em seu trono com seu manto e sua coroa, segurando seu cetro em sua mão.

À sua direita sentou-se a Princesa Bluebell com seu manto, sua coroa e seu cetro, tendo ao lado seu cãozinho Smg.

Esse cão era um grande favorito. Primeiramente, fora chamado de Sumog porque o cão de Zaphir se chamava

O PRÍNCIPE DA ROSA

Gomus, e este era seu nome escrito ao contrário. Mas então foi nomeado Smg porque era um nome que não se poderia gritar, mas somente sussurrar. Bluebell não tinha necessidade de mais do que isso, pois Smg nunca estava longe, e ficava sempre perto de sua dona e a protegia.

À esquerda do Rei sentou-se o Príncipe Zaphir, em seu pequeno trono, com sua espada brilhante e sua imponente pena.

Mago estava escrevendo leis para o bem de seu povo. Em volta dele estavam reunidos todos os cortesãos e muitas pessoas estavam no salão, e outras muitas lá fora na rua.

De repente, ouviu-se um som alto – o estalar de um chicote e o soar de uma trombeta – que se aproximou cada vez mais, e as pessoas na rua começaram a murmurar. Surgiram gritos altos, o Rei parou para ouvir, e as pessoas viraram a cabeça para ver quem vinha. A multidão se abriu, e um mensageiro, de botas e esporas, e coberto de poeira, correu para o salão e ajoelhou-se em um joelho ante ao Rei, estendendo um papel que o Rei Mago pegou e leu avidamente. O povo esperou em silêncio para ouvir as notícias.

O Rei ficou profundamente tocado, mas sabia que seu povo estava ansioso; então, falou-lhes, ficando de pé:

“Meu povo, um perigo grave surpreendeu nosso Reino. Soubemos, por este despacho da província de Sub-Tegmine, que um terrível Gigante surgiu dos pântanos além da Terra-de-Ninguém e que está devastando o país. Mas não tema, meu povo, pois hoje muitos soldados se apresentarão com suas armas, e ao pôr do sol de amanhã o Gigante terá sucumbido, acreditamos.”

As pessoas curvaram suas cabeças com murmúrios de agradecimento, e foram todos quietos para suas casas.

SOB O PÔR DO SOL

Naquela noite, um corpo de soldados selecionados saiu com corações valentes para lutar contra o Gigante, e as pessoas os saudaram em seu caminho.

Por todo o dia seguinte e a noite seguinte, as pessoas, bem como o Rei, estiveram muito ansiosas; e na segunda manhã eles esperaram notícias de que o Gigante tivesse sido derrotado.

Mas nenhuma notícia veio até o anoitecer; então, um homem cansado, coberto com poeira e sangue, e ferido mortalmente, veio se arrastando para a cidade.

As pessoas abriram caminho e ele foi para diante do trono, curvou-se e disse:

“Ah! Rei, tenho de lhe dizer que seus soldados foram mortos – todos exceto eu. O Gigante triunfa e avança em direção a cidade”.

Tendo dito isso, a dor de seus ferimentos aumentou tanto que ele gritou diversas vezes e caiu; e quando o ergueram, ele estava morto.

Diante da triste notícia que ele trouxe, um lamento baixo surgiu do povo. As viúvas dos soldados mortos deram um pequeno grito, dirigiram-se ao trono do Rei e ali se jogaram, levantando as mãos para o alto, e disseram:

“Oh, Rei! Oh, Rei!”, e não puderam dizer mais nada por causa do choro.

Então o coração do Rei ficou muito, muito magoado, e ele tentou consolá-las, mas seu melhor consolo estava em suas lágrimas – pois as lágrimas de amigos ajudam a aliviar os problemas. Ele falou ao povo, dizendo:

“Ah! Nossos soldados eram muito poucos. Hoje à noite enviaremos um exército, e talvez o Gigante sucumba”.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Naquela noite, um exército aguerrido, com muitas máquinas de guerra, com bandeiras voando e bandas tocando, partiu contra o Gigante.

No comando do exército cavalgava Janisar, o capitão, com sua armadura de aço incrustada com ouro reluzindo ao brilho do pôr do sol. Os adornos escarlates e alvos de seu grande cavalo de guerra negro mostravam-se esplêndidos. A seu lado, a alguma distância, em seu caminho, cavalgava o Príncipe Zaphir em seu palafrém branco.

O povo todo se reuniu para desejar ao exército sucesso em sua partida; e muitas pessoas tolas que acreditavam na sorte atiraram sapatos velhos depois da passagem deles. Um desses sapatos acertou Sartorius, que estava, como de costume, forçando a dianteira para se exibir, e manchou seu olho de preto, e o preto do sapato escoreceu em sua roupa nova, estragando-a. Outro sapato – um pesado, com saltos de ferro – acertou Tufto, que estava falando com Janisar, no topo de sua cabeça calva, e cortou-a, e então todos riram.

Imagine o quanto um homem é desprezado quando as pessoas riem quando ele se machuca. O velho Tufto caiu e ficou bastante raivoso, e então as pessoas riram ainda mais; pois nada é mais engraçado do que quando uma pessoa está tão nervosa que perde todo o autocontrole.

Todas as pessoas aclamavam à medida que o exército passava. Mesmo as pobres viúvas dos soldados mortos estavam aclamando. E os homens que partiam olhavam para elas e decidiam que venceriam ou morreriam, como bravos soldados em serviço.

A Princesa Bluebell foi com o Rei Mago para o topo da torre do palácio, e juntos eles assistiram aos soldados enquanto marchavam. O rei entrou logo, mas Bluebell

SOB O PÔR DO SOL

continuou lá, observando os capacetes cintilando e reluzindo ao pôr do sol até que o sol mergulhou no horizonte.

Bem naquele momento, o Príncipe Zaphir, que havia retornado, juntou-se a ela. Então, ao crepúsculo no topo da torre, com muitos milhares de corações ávidos e ansiosos na cidade abaixo deles, e com o belo céu acima, as duas crianças se ajoelharam e rezaram pelo sucesso do exército pela manhã.

Na cidade não se dormiu naquela noite.

No dia seguinte, as pessoas estavam repletas de ansiedade. E à medida que o dia gradualmente avançava e não havia notícias, elas ficaram ainda mais ansiosas.

Rumo à noite, elas ouviram o som de um grande tumulto ao longe. Sabiam que a batalha continuava; e, assim, esperaram ainda mais por notícias.

As pessoas não foram de modo algum para a cama naquela noite; mas, por toda a cidade, fogueiras de vigia foram acesas e todos ficaram acordados esperando por notícias.

Mas nenhuma notícia veio.

Então o medo se tornou tão grande que os rostos dos homens e das mulheres ficaram tão brancos e seus corações tão frios quanto a neve. Por um tempo muito longo ficaram em silêncio, pois homem algum ousava falar.

Finalmente, uma das viúvas dos soldados mortos levantou-se e disse:

“Irei me levantar e ir ao campo de batalha para ver o que está acontecendo lá e trarei notícias para aquietar vossos pobres corações palpitantes”.

Então muitos homens ergueram-se e disseram:

“Não! Não deve ser assim. Nós iremos. Seria uma vergonha para nossa Cidade se uma mulher fosse onde homens não conseguiram. Nós iremos”.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Mas ela respondeu a eles com um sorriso tristonho:

“Ah! Não tenho medo da morte, já que meu corajoso marido foi morto. Não desejo viver. Vocês devem defender a cidade, eu irei”.

Imediatamente, ela saiu da cidade na manhã cinzenta e fria em direção ao campo de batalha. À medida que se afastava e desaparecia na distância, ela parecia ao povo ansioso como um fantasma da Esperança desaparecendo diante deles.

O sol nasceu e brilhou nos céus até que a hora do descanso chegou; mas os homens não se preocuparam com ela, sempre vigiando e esperando.

Nesse instante, eles viram de longe a silhueta de uma mulher correndo. Eles se dirigiram para ela e descobriram que era a viúva. Ela colocou-se no meio deles e gritou:

“Ai! Ai! Ah! O nosso exército está disperso. Nossos mais fortes estão sob o domínio do orgulho de sua força. O Gigante triunfa e temo que tudo esteja perdido”.

Do povo ouviu-se um grande lamento, e um silêncio caiu sobre eles, tão grande era seu medo.

Então o Rei reuniu toda sua Corte e seu povo, e aconselhou-se quanto ao melhor a se fazer. Muitos pareciam pensar que um novo exército deveria partir, formado por todos aqueles que estavam dispostos a morrer, se necessário, pelo bem do País. Mas havia muita perplexidade.

Enquanto discutiam, o Príncipe Zaphir estava sentado silencioso em seu trono. E seus olhos mais de uma vez se encheram de lágrimas diante do pensamento do sofrimento de seu povo amado. Ele, então, levantou-se e se pôs diante do trono.

Houve silêncio até que ele começasse a falar.

SOB O PÔR DO SOL

Quando o Príncipe se pôs, de chapéu nas mãos, ante ao Rei, havia no rosto dele um olhar com tanta determinação que aqueles que o viram não evitaram ter uma nova esperança. O Príncipe falou:

“Oh, Rei, Pai, antes que decida algo, escute-me. É certo que, se há perigo no Reino, o primeiro a enfrentá-lo é o Príncipe, em quem o povo confia. Se há dor a ser sentida, quem deve senti-la antes dele? Se a morte vem a qualquer um, certamente deveria recair sobre seu cadáver. Rei, Pai, espere somente um dia. Deixe-me partir amanhã para enfrentar o Gigante. Essa viúva lhe contou que agora ele está dormindo depois do combate. Amanhã eu o encontrarei em combate. Se eu sucumbir, então será hora de arriscar a vida de seu povo; e se for ele que sucumba, então tudo estará bem”.

O Rei Mago sabia que o Príncipe havia falado apropriadamente, e apesar de afligi-lo ver seu amado filho indo ao encontro de tal perigo, não tentou impedi-lo, e disse:

“Oh, filho, digno de ser rei, você falou apropriadamente! Seja como você entender”.

Então o povo deixou o Salão, e o Rei Mago e a Princesa Bluebell beijaram Zaphir. Bluebell disse-lhe:

“Zaphir, você fez bem”, e olhou para ele, orgulhosa.

Imediatamente, o príncipe retirou-se à cama para que pudesse dormir, e assim estar forte para a manhã.

Por toda aquela noite os ferreiros e os armeiros e os ourives trabalharam duro e rápido. Até a aurora, as fornalhas brilharam e as bigornas soaram; e todas as mãos habilidosas nessas artes trabalharam com esforço.

Pela manhã eles levaram ao Salão, e colocaram diante do trono como um presente ao Príncipe Zaphir, uma armadura tal como antes nunca havia sido vista.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Era trabalhada em aço e ouro e feita toda com lamelas. Cada lamela era como uma folha diferente, e era inteira polida e brilhante como o sol. Entre as folhas havia joias e muitas outras mais estavam presas nelas como gotas de orvalho. Assim, a armadura cintilava à luz até ofuscar os olhos de quem a olhasse – pois os habilidosos armeiros pretendiam que, quando o Príncipe lutasse, seu inimigo pudesse ser parcialmente cegado com o brilho e, assim, errar seus golpes.

O capacete era como uma flor; a insígnia do Príncipe fora fundida em cima dele, e a pena e o grande diamante de seu chapéu foram fixados na frente.

Quando o príncipe se equipou, mostrava-se tão nobre e corajoso que o povo aclamou aos gritos que ele venceria e que tinha grandes esperanças renovadas.

Então seu pai, o Rei, abençoou-o, a Princesa Bluebell beijou-o, verteu algumas lágrimas e deu-lhe uma graciosa rosa, a qual ele fixou em seu capacete.

Entre brados do povo, o Príncipe Zaphir partiu para lutar contra o Gigante.

Seu cão, Gomus, queria ir, mas ele não podia ser levado. Então Gomus se aquietou e uivou, pois sabia que seu querido amo estava em perigo e desejou estar com ele.

Depois que o Príncipe partiu, a Princesa Bluebell subiu ao topo da torre e observou-o até que ele estivesse tão longe a ponto de ela não mais poder ver o lampejo de sua bela armadura à luz do sol. Inicialmente, quando ela estava se despedindo de Zaphir – e ela sabia que poderia ser uma despedida eterna –, não derramou uma lágrima para não causar dor a seu amado Príncipe, pois ela sabia que ele estava rumando para a batalha e precisaria de toda sua coragem e de toda sua firmeza. Então o último

SOB O PÔR DO SOL

olhar que Zaphir viu no rosto de sua Bluebell foi um sorriso amável, esperançoso e confiante. Assim, ele partiu para a batalha fortalecido pelo pensamento de que o coração dela o acompanhava e que, apesar de o corpo dela estar longe, seu espírito estava próximo a ele.

Quando ele partiu, realmente, para bem longe da vista, e ela se colocou sozinha no topo da torre, Bluebell chorou bastante. E o grande medo de seu coração, de que Zaphir poderia ser morto, deixou-a fatalmente triste. Ela pensou que poderia ocorrer de ele ser morto pelo malfico Gigante, que já havia destruído dois exércitos, e que, então, ela nunca mais iria vê-lo – nunca mais veria o amor nos olhos queridos e verdadeiros – nunca mais ouviria os tons de sua voz tenra e doce – nunca mais sentiria o bater de seu coração grande e generoso.

E então ela chorou, oh!, muito amargamente. Mas, enquanto chorava, ocorreu-lhe o pensamento de que a vida não jaz no poder dos homens, ou mesmo dos gigantes; e, assim, ela enxugou suas lágrimas, ajoelhou-se e rezou com coração humilde, ficando confortada, assim como as pessoas sempre ficam quando rezam com sinceridade.

Então ela desceu ao grande salão, mas o Rei Mago não estava lá. Ela procurou-o para consolá-lo, pois sabia que o coração dele devia estar sofrendo por seu filho em perigo.

Ela encontrou-o em seus aposentos e ele, também, estava rezando. Ela se ajoelhou ao seu lado, e eles colocaram os braços em torno um do outro – o velho Rei e a criança órfã – e rezaram juntos. E assim ambos se consolaram.

Juntos, esperaram, e esperaram pacientemente, pelo retorno de seu amado. Toda a cidade esperou também; e nem de dia nem de noite houve sono no País Sob o Pôr

O PRÍNCIPE DA ROSA

do Sol, pois todos estavam aguardando o retorno do Príncipe.

Quando Zaphir deixou a cidade, ele rumou sempre em direção ao Gigante até o sol brilhar alto nos céus, tão brilhante que sua armadura dourada reluzia como fogo. E então ele andou sob a proteção das árvores, e não parou nem mesmo na hora do descanso, mas continuou sempre em frente.

Próximo à noite, ele ouviu e viu coisas estranhas.

Ao longe o chão parecia tremer, e um surgiu estrondo surdo de rochas sendo destruídas e de florestas sendo derubadas. Esses eram os sons dos passos do Gigante à medida que ele se aproximava da cidade. Mas o Príncipe Zaphir, apesar de os sons serem terríveis, não tinha medo e avançou bravamente. Então, começou a encontrar muitas coisas vivas, que passavam por ele muito rapidamente – pois elas eram as mais velozes de suas espécies e, assim, haviam fugido do Gigante mais rápido do que as demais.

Elas vinham, em centenas e milhares, sua quantidade aumentando mais e mais à medida que o tempo passava, e à medida que o Príncipe e o Gigante se aproximavam.

Havia todos os animais do campo, e todas as aves do ar, e todos os insetos que voam e rastejam. Leões e tigres, e cavalos e ovelhas, e ratos e gatos e camundongos, e galos e galinhas, e raposas e gansos e perus, todos estavam misturados, grandes e pequenos, e todos estavam tão atemorizados pelo Gigante que se esqueceram de ter medo uns dos outros. Assim, fugiam juntos, gatos e ratos, lobos e carneiros, raposas e gansos; os fracos não tinham medo, nem os mais fortes queriam fazer algum mal.

Entretanto, à medida que vinham, todas as coisas vivas pareciam saber que o Príncipe Zaphir era mais corajoso do que elas, e abriam caminho para ele passar. As

SOB O PÔR DO SOL

coisas mais fracas, e aquelas mais atemorizadas, não procediam à sua fuga, mas tentavam chegar o mais perto possível do Príncipe; e muitas preferiam retornar, seguindo-o em direção ao Gigante, a não ficar perto dele.

Mais adiante, depois de um tempo, ele encontrou todos os animais velhos que não podiam ir tão rápido quanto os demais, e todos os pobres seres vivos feridos, e todos aqueles que eram lentos. Esses, também, não tentaram ir mais longe, pois sabiam que estariam mais seguros perto de um homem corajoso do que em uma fuga desamparada.

Então o Príncipe Zaphir viu algo, ainda muito longe, que parecia uma portentosa montanha.

Estava se movendo em sua direção, e seu coração bateu alto, parte por pensar na batalha vindoura, parte com esperança.

O Gigante aproximava-se cada vez mais. Seus passos esmagavam as rochas, e com sua poderosa clava ele varria as florestas de seu caminho.

As criaturas vivas atrás do Príncipe Zaphir tremeram de medo e esconderam suas caras na poeira. Alguns animais, como algumas pessoas tolas, pensaram que se não vissem algo que não desejariam ver, esse algo deixaria então de existir.

Muito tolo da parte deles.

Então, à medida que o Gigante se aproximou, o Príncipe Zaphir sentiu que a hora da batalha havia chegado.

Quando ele ficou cara a cara com um inimigo mais poderoso do que qualquer coisa que já tinha visto, Zaphir sentiu-se como nunca antes. Não era que ele estava com medo do Gigante, pois ele se sentia com tanta coragem que, para o bem de seu povo, poderia alegremente ter

O PRÍNCIPE DA ROSA

morrido da forma mais dolorosa possível. Era que ele percebeu que coisa pequena ele era no enorme mundo.

Ele viu mais claramente do que já vira antes que era apenas um ponto – um mero átomo – no enorme mundo; e, em um instante, percebeu que, se a vitória fosse dele, não seria porque seu braço era forte ou seu coração valente, mas porque tinha a força de vontade dada por Aquele que governa o universo.

Então, em sua humildade, o Príncipe Zaphir rezou pedindo por forças. Ele tirou sua esplêndida armadura, que brilhava como um sol na terra, tirou seu esplêndido capacete e colocou-o ao lado da rutilante espada; e as partes da armadura jazeram em um amontoado inanimado ao seu lado.

Era uma bela visão a daquele jovem garoto ajoelhado ao lado da armadura descartada. O amontoado brilhante jazia belo, cintilando no claro pôr do sol com milhares de lampejos coloridos, até que pareceu até mesmo estar sobre um ser vivo. No entanto, o amontoado era triste, miserável e desprezível ao lado do garoto. Ali ele se ajoelhou, rezando humildemente, com seus olhos profundamente sérios acesos pela verdade e pela confiança que jazia em seu coração limpo e em sua alma pura.

A armadura reluzente parecia o trabalho das mãos do homem – como o era, e o trabalho das mãos de homens bons e verdadeiros. Mas o belo garoto, ajoelhado em confiança e em fé, era o trabalho das mãos de Deus.

Enquanto rezava, o Príncipe Zaphir revira toda sua vida passada, desde o primeiro dia de que conseguia se lembrar até aquele mesmo momento, face a face com o Gigante. Não havia um pensamento indigno que ele tivesse tido, nem uma palavra rude que tivesse dito, nem um olhar colérico que tivesse provocado dor em outra

SOB O PÔR DO SOL

pessoa, que não voltou à sua mente. Afligia-o muito haver tantos, pois se amontoavam tão abundantemente que ele ficou impressionado somente com a quantidade deles.

É sempre assim, as coisas que fazemos erroneamente – apesar de elas parecerem pequenas no momento, e apesar de, por causa da dureza de nossos corações, passarmos levianamente ao largo delas – voltam-nos com amargura quando o perigo nos faz pensar no quão pouco fizemos para merecermos ajuda e o quanto fizemos para merecermos punição.

O coração do Príncipe Zaphir foi purificado pela penitência de todas as coisas erradas feitas no passado, e por elevadas determinações de ser bom no futuro. E quando sua humilde reza terminou, ele se levantou e sentiu em seus braços uma força que ele não conhecia. Ele sabia que não era a sua própria força, mas que era o instrumento humilde da salvação de seu povo querido. E em seu coração ele ficou agradecido.

O Gigante viu imediatamente o brilho da armadura aurea, e soube que outro inimigo se aproximara dele.

Ele deu um rugido estrondoso de raiva e fúria que soou como o eco de um trovão. Nas colinas distantes o som ecoou, ribombou através dos vales ao longe e decaiu a murmúrios e rosnados baixos, como os de animais selvagens, nas cavernas e nas cavidades das montanhas.

O Gigante começou seu ataque com esse barulho a fim de que pudesse atemorizar seus inimigos. Mas o coração valente do Príncipe não tremeu de medo. Ele se tornou mais valente do que nunca quando ouviu o barulho; sabia, pois, que havia mais necessidade de coragem, para que seu povo, e até mesmo o Rei, seu pai, e Bluebell não caíssem sob o poder do Gigante.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Enquanto entre as pedras e as florestas as pegadas do Gigante embatiam, e enquanto subia em volta de seus pés o pó da desolação que ele causava, o Príncipe Zaphir juntou do riacho alguns seixos arredondados.

Ele encaixou um no estilingue que carregava.

Assim que levantou seu braço para rodopiar o estilingue em volta de sua cabeça, o Gigante viu-o, riu e apontou desdenhoso em sua direção com suas grandes mãos, que eram mais brutas do que as garras de tigres. A risada que o Gigante trovejou era tão terrível – tão rude e raiosa e horrível que as coisas vivas que haviam levantado os tímidos olhos para observar a luta enterraram novamente as cabeças na terra, e tremeram de medo.

Mas até mesmo tendo rido com escárnio para seu inimigo, a perdição do Gigante estava proferida.

Em volta da cabeça do Príncipe Zaphir o estilingue circulou, e o seixo sibilante voou. Acertou bem na têmporta do Gigante, e mesmo com a risada de escárnio em seus lábios, e com sua mão estendida apontando com menosprezo, ele caiu de bruços.

Enquanto caía, emitiu um único grito, mas um grito tão alto que percorreu as colinas e os vales como o estrondo de um trovão. Ao som, as coisas vivas novamente se acovardaram e fraquejaram de medo.

Ao longe, as pessoas da cidade ouviram o poderoso som, mas elas não sabiam o que ele significava.

Quando o grande corpo do Gigante caiu de bruços, a terra tremeu por muitas milhas ao redor devido ao choque. E quando seu grande porrete caiu de sua mão, derubou muitas árvores altas da floresta.

Então, o Príncipe Zaphir ajoelhou e rezou com gratidão fervorosa por sua vitória.

SOB O PÔR DO SOL

Rapidamente se levantou e, porque sabia da amarga ansiedade do Rei e do povo, nem parou para recolher sua armadura, e dirigiu-se rápido para a cidade levando as notícias felizes.

A noite havia caído agora e o caminho estava escuro; mas o Príncipe Zaphir tinha confiança e seguiu na escuridão com coração valente e esperançoso.

Logo, os seres vivos que eram nobres circundaram-no com gratidão, e todos que puderam seguiram-no de perto. Havia muitos animais nobres—leões e tigres e ursos, bem como animais domésticos. E seus grandes olhos fogosos pareciam lampiões e ajudaram-no em seu caminho.

Entretanto, à medida que se aproximaram da Cidade, os animais selvagens começaram a se retrair, pois, apesar de confiarem em Zaphir, eles temiam os outros homens. Emitiram um rosnado baixo de pesar e pararam, e o Príncipe Zaphir continuou sozinho.

Por toda a noite a cidade permanecera acordada. Na corte, o Rei Mago e a Princesa Bluebell esperavam e observavam juntos, as mãos dadas. O povo nas ruas se sentou em volta de suas fogueiras de vigia, e ousavam falar somente em sussurros.

Assim, a longa noite passou.

Por fim, o céu do oriente começou a empalidecer; e então uma risca de fogo rubro disparou pelo horizonte e o sol nasceu em sua glória. E assim fez-se dia. O povo, quando viu a luz e ouviu o cantar revigorado dos pássaros, teve esperança. E aguardaram ansiosamente pela vinda do Príncipe.

Nem o Rei Mago, nem a Princesa Bluebell ousaram subir para o alto da torre; e esperaram pacientemente no salão. Seus rostos estavam pálidos como a morte.

O PRÍNCIPE DA ROSA

As sentinelas da cidade e aqueles que se juntaram a elas observavam a longa estrada, esperando ver em algum momento a armadura áurea do Príncipe Zaphir reluzindo à luz esfuziante da manhã e sua grande pluma branca, que conheciam muito bem, acenando à brisa. Eles sabiam que poderiam vê-la de longe e então davam apenas uma olhada de vez em quando a distância.

De repente, houve brados de todas as pessoas – e então uma quietude repentina.

Eles se levantaram, e esperaram todos por notícias.

Pois, oh!, que alegria!, lá, entre eles – separado de sua armadura brilhante e de sua pluma que acenava, porém vigoroso – estava seu amado Príncipe.

Havia vitória em seu olhar.

Ele sorriu para eles, levantando as mãos como se abençoando, e apontou para o palácio do Rei, como para dizer:

“Nosso rei! Ele tem o direito de ouvir as mais novas notícias”.

Ele passou, entrando no salão, todas as pessoas seguindo-o.

Quando o Rei Mago e a Princesa Bluebell ouviram o brado e sentiram a quietude que se seguiu, seus corações começaram a bater forte e aguardaram muito apreensivos.

A Princesa Bluebell sentiu um calafrio e chorou um pouco, aproximou-se do Rei e apoiou seu rosto em seu peito.

Enquanto escondia seu rosto, apoiando-o no rei, ela sentiu-o sobressaltar. Ela rapidamente levantou os olhos, e ali – oh!, alegria das alegrias! – estava seu amado Zaphir entrando no saguão, com todo o povo seguindo-o.

SOB O PÔR DO SOL

O Rei desceu de seu trono e tomou-o nos braços, beijando-o; Bluebell também colocou seus braços em torno dele e o beijou na boca.

O Príncipe Zaphir falou, dizendo:

“Oh!, Rei, meu Pai, e oh!, Povo! – Deus foi bom para conosco e Seu braço deu-nos a vitória. Veja! O Gigante sucumbiu no orgulho de sua força!”

Então um tal brado surgiu do povo que o teto tremeu novamente, e o barulho percorreu toda a Cidade nas asas do vento. A multidão contente bradou mais e mais até que o som ondulou por todo o Domínio, e em Sob o Pôr do Sol naquela hora nada houve senão alegria. O Rei chamou Zaphir de seu Filho Valente, e a Princesa Bluebell beijou-o novamente, chamando-o de seu Herói.

Naquele mesmo momento, lá longe na floresta, o Gigante jazia sucumbido pelo orgulho de sua força – a coisa mais vil de todo o mundo –, e sobre seu cadáver corriam raposas e arminhos. As cobras rastejavam em torno de seu corpo; e ali, também, arrastavam-se todos os piores seres vivos que haviam fugido dele quando ele vivia.

Ao longe, agrupavam-se os abutres para sua presa.

Perto do Gigante morto, brilhando na luz, jazia a armadura áurea. A grande pluma branca desprendeu-se do capacete e até mesmo agora acenava na brisa.

Quando o povo veio ver o Gigante, descobriu que ervas daninhas já haviam crescido onde seu sangue tinha sido derramado, mas também que, em volta da armadura que o Príncipe havia despido, um anel de graciosas flores havia crescido. A mais bela de todas era uma roseira em flor, pois a rosa que a Princesa Bluebell tinha dado a ele havia criado raízes e florescido novamente, formando uma coroa de rosas vivas em volta do capacete, e reclinava-se contra a haste da pluma.

O PRÍNCIPE DA ROSA

Então o povo levou de volta, respeitosamente, a armadura dourada; o Príncipe Zaphir disse, porém, que não fora tal armadura, mas sim um coração verdadeiro, a melhor proteção, e que ele não ousaria vesti-la novamente.

Então eles a penduraram na Catedral entre as grandes bandeiras antigas e os capacetes de cavaleiros de outrora como um memorial da vitória sobre o Gigante.

O Príncipe Zaphir tirou do capacete a pena que o Rei, seu pai, havia antes lhe dado e usou-a novamente em seu chapéu. A rosa que florescera estava plantada no centro do jardim do palácio, e ela cresceu tanto que muitas pessoas podiam se sentar sob ela, abrigando-se do sol pela abundância de suas flores.

Quando o aniversário do Príncipe Zaphir chegou, o povo fez, em segredo, grandes preparos.

Quando ele se levantou de manhã para ir à Catedral, todo o povo havia se reunido e formado uma fila de cada lado do caminho. Toda pessoa, velha e nova, segurava uma rosa. Aqueles que tinham muitas rosas trouxeram uma para quem não tinha; e cada pessoa tinha somente uma rosa para que todos pudessem ser iguais aos olhos do Príncipe que amavam. Eles haviam removido todos os espinhos dos caules para que não machucassem os pés do Príncipe. À medida que ele passava, o povo jogava suas rosas no caminho, até que toda a longa rua ficou cheia de flores.

Quando o Príncipe passava, as pessoas se inclinavam e recolhiam as rosas que seus pés haviam tocado, e as pessoas guardaram-nas com muito carinho.

Durante toda a vida, a cada aniversário do Príncipe, elas repetiram isso. Quando Zaphir e Bluebell se casaram, eles espargiram o caminho deles com rosas da mesma forma, pois o povo os amava muito.

SOB O PÔR DO SOL

Por muito e muito feliz viveu O Príncipe da Rosa –
pois assim o chamavam – e sua bela esposa, a Princesa
Bluebell.

Quando na plenitude do tempo o Rei Mago faleceu
– pois todos os homens falecem –, eles reinaram como
Rei e Rainha. Reinaram com justiça e altruisticamente,
sempre se renegando e lutando para fazer as pessoas boas
e felizes.

Eles foram abençoados pela paz.

O Gigante Invisível

O tempo segue em frente no País Sob o Pôr do Sol tanto quanto aqui.

Muitos anos se passaram: e eles acarretaram muitas mudanças. E agora, encontramo-nos em uma época em que as pessoas que viveram no tempo do bom Rei Mago dificilmente teriam reconhecido seu próprio Reino se o tivessem visto novamente.

De fato, ele tristemente mudou. Não havia mais o mesmo amor ou a mesma reverência em relação ao rei – não havia mais a paz perfeita. As pessoas haviam se tornado mais egoístas e mais gananciosas, e tentavam tomar tudo o que podiam para si mesmas. Havia poucos muito ricos e havia muitos pobres. A maioria dos belos jardins havia sido devastada. Casas haviam sido erguidas próximas ao entorno do palácio, e em algumas delas viviam muitas pessoas que somente podiam pagar por parte de uma casa.

Todo o belo País havia tristemente mudado, e mudada foi a vida dos moradores dele. O povo tinha quase se esquecido do Príncipe Zaphir, que morrera há muitos, muitos anos; e rosas não foram mais espalhadas pelos caminhos. Aqueles que viviam agora no País Sob o Pôr do Sol riham da ideia de outros Gigantes, e eles não os temiam porque não os tinham visto. Alguns deles diziam:

“Ora! O que há para temer? Mesmo se tivessem existido gigantes, eles já não existem mais”.

SOB O PÔR DO SOL

E assim as pessoas cantavam e dançavam e banqueavam como antes, e somente pensavam em si mesmas. Os Espíritos que vigiavam o Reino estavam muito, muito tristes. Suas grandes asas químéricas definhavam quando estavam em seus postos nos Portais do Reino. Eles escondiam seus rostos, e seus olhos estavam turvos pelo choro constante, de modo que eles não cuidavam se qualquer coisa má passasse por eles. Tentaram fazer as pessoas pensar em seus atos maléficos, mas não podiam deixar seus postos, e as pessoas ouviam seus gemidos de dor na estação da noite e diziam:

“Ouça o suspirar da brisa; que doce!”

Assim é também sempre conosco: quando ouvimos o vento suspirando e gemendo e choramingando em volta de nossas casas em noites solitárias não pensamos que nossos Anjos possam estar se lamentando por nossas maldades, mas somente pensamos que uma tempestade está vindo. Os Anjos choravam sempre, e sentiam a tristeza da mudez – pois, apesar de poderem falar, aqueles a quem falavam não queriam ouvir.

Enquanto o povo ria diante da ideia de Gigantes, havia um velho que balançava a cabeça e replicava-lhes, quando os ouvia, dizendo:

“A Morte tem muitos filhos, e ainda há Gigantes nos pântanos. Vocês podem não os ver, talvez –, mas eles estão lá, e o único reduto de segurança está em uma terra de corações pacientes e leais”.

O nome desse bom velho era Knoal, e ele vivia em uma casa construída com grandes blocos de pedra no meio de um local selvagem longe da cidade.

Na cidade havia muitas casas velhas e grandes, com vários andares; e nessas casas viviam muitas pessoas pobres. Quanto mais alto você subia as grandes escadas

O GIGANTE INVISÍVEL

íngremes, mais pobres eram as pessoas que ali viviam, de forma que nos sótãos havia pessoas tão pobres que, quando a manhã vinha, eles não sabiam se teriam algo para comer durante o dia todo. Isso era muito, muito triste, e crianças boas teriam chorado se tivessem visto a dor deles.

Em um desses sótãos vivia solitária uma mocinha chamada Zaya. Ela era uma órfã, pois seu pai havia falecido há muitos anos e sua pobre mãe, que havia trabalhado exaustivamente por muito tempo para sua querida filhinha – sua única filha –, havia morrido não fazia muito.

A pobrezinha Zaya chorou muito amargamente quando viu sua querida mãe morta, e ela tinha ficado tão triste e desconsolada por tanto tempo que se esquecera de não ter meios para viver. Entretanto, as pessoas pobres que viviam na casa haviam lhe dado parte de sua própria comida para que ela não passasse fome.

Então, depois de um tempo, ela tentara trabalhar por si mesma e ganhar o próprio sustento. Sua mãe havia lhe ensinado a fazer flores de papel; então ela fez um monte de flores e, quando juntou uma cesta inteira delas, saiu para as ruas e as vendeu. Ela fazia flores de vários tipos, rosas e lírios, violetas, fura-neves, primulas, resedas e muitas outras flores belas que somente florescem no País Sob o Pôr do Sol. Algumas delas ela podia fazer sem qualquer modelo, mas outras ela não conseguia; assim, quando ela queria um modelo, tomava seu maço de folhas, tesouras, cola, pincéis e todas as coisas que usava e ia para o jardim, do qual uma mulher era a dona, onde cresciam muitas flores belas. Ali ela se sentava e trabalhava, observando as flores que queria.

Algumas vezes ela ficava muito triste, e suas lágrimas caíam espessas e rápidas quando pensava em sua pobre

SOB O PÔR DO SOL

mãe falecida. Ela parecia amiúde sentir que sua mãe a estava observando a fim de olhar seu sorriso tenro à luz do sol refletido na água; então seu coração se alegrava e ela cantava tão docemente que os pássaros a rodeavam e paravam seus próprios cantos para escutá-la.

Ela e os pássaros se tornaram grandes amigos, e algumas vezes, quando ela cantava uma música, eles todos entoavam juntos, enquanto se sentavam em volta dela em círculo, algumas notas que pareciam claramente dizer:

“Cante para nós de novo. Cante para nós de novo”.

Então ela cantava de novo. Depois, pedia que eles cantassem, e eles cantavam até que houvesse um concerto. Depois de um tempo, os pássaros conheciam-na tão bem que iam a seu quarto, e faziam ali até mesmo seus ninhos e seguiam-na para onde ela fosse.

As pessoas costumavam dizer:

“Olhe a menina com os pássaros. Ela mesma deve ser meio pássaro, pois olhe como os pássaros a amam e a conhecem”. De tantas pessoas virem e dizerem coisas como essa, alguns indivíduos tolos realmente acreditavam que ela era meio pássaro e balançavam a cabeça quando pessoas inteligentes riem delas, dizendo:

“De fato, ela deve ser. Ouçam ela cantando: sua voz é mais doce do que até mesmo os pássaros”.

Então lhe foi dado um apelido; e garotos levados chamavam-na assim na rua. E o apelido era “Passarona”. Mas Zaya não se importava com a alcunha; e, apesar de frequentemente os garotos levados assim a chamarem, pretendendo lhe causar sofrimento, ela não desgostava; ao contrário, pois ela se glorificava tanto no amor e na confiança de seus amigos de voz doce que ela gostaria que a comparassem a eles.

O GIGANTE INVISÍVEL

De fato, seria bom para os garotinhos e as garotinhas levados se fossem tão bons e inofensivos quanto os passarinhos que trabalham o dia todo para seus filhinhos indefesos, construindo ninhos e trazendo comida, e sentando-se pacientemente a chocar seus pequenos ovos manchados.

Em uma noite, Zaya estava sentada sozinha em seu sótão muito triste e desolada. Era uma noite muito agradável de verão, e ela estava sentada na janela, observando a cidade. Ela podia ver muitas ruas que iam em direção à grande catedral, cuja espira se erguia ao céu muito mais alta que a grande torre do palácio do rei. Quase não havia sopro de vento, e a fumaça subia diretamente das chaminés, tornando-se cada vez mais indistinta até que desaparecia completamente.

Zaya estava muito triste. Pela primeira vez em muitos dias, seus pássaros estavam todos longe dela, e ela não sabia aonde eles tinham ido. Parecia-lhe como se eles a houvessem abandonado; e ela estava tão sozinha, pobrezinha, que derramou lágrimas amargas. Estava pensando na história que há muito tempo sua falecida mãe havia lhe contado de como o Príncipe Zaphir havia matado o Gigante, e ela imaginou como era o príncipe, e pensou o quanto alegres as pessoas devem ter sido quando Zaphir e Bluebell eram rei e rainha. Então imaginou se havia crianças famintas naqueles tempos bons, e se, de fato, como as pessoas diziam, não mais havia Gigantes. Então ela pensou e pensou enquanto continuava seu trabalho em frente à janela aberta.

De repente, ela desviou o olhar de seu trabalho e fitou o outro lado da cidade. Lá ela viu uma coisa terrível – algo tão terrível que ela emitiu um gritinho de medo e de espanto, e debruçou-se na janela, fazendo sombra aos

SOB O PÔR DO SOL

olhos com sua mão para ver mais claramente.

No céu para além da cidade ela viu uma vasta Forma de sombra com seus braços erguidos. Ela estava enrolada em um grande robe de névoas que a cobria, desvanecendo-se no ar de modo que a menina podia apenas ver o rosto e as mãos espetrais e macabras.

A Forma era tão portentosa que a cidade abaixo dela parecia um brinquedo de criança. Estava ainda longe da cidade.

O coração da garotinha pareceu ficar paralisado de medo quando pensou: “Os Gigantes, então, não estão mortos. Esse é outro deles”.

Ela desceu correndo rapidamente as escadas altas e saiu para a rua. Ali ela viu algumas pessoas e gritou a elas:

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!”, e apontou em direção à Forma que ela ainda via se movendo lentamente na direção da cidade.

As pessoas olharam para cima, mas não podiam ver coisa alguma; eles então riram e disseram:

“Essa criança está louca”.

Então a pobrezinha Zaya ficou assustada mais do que nunca, e correu pela rua ainda gritando:

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!” Mas ninguém lhe prestou atenção e todos disseram: “Essa criança está louca”, e continuavam em seus caminhos.

Então, os garotos levados se aproximaram dela e bramaram:

“A Passarona perdeu seus colegas. Ela vê um pássaro maior no céu e ela o quer”. E faziam rimas sobre ela, cantando-as enquanto dançavam em círculo.

O GIGANTE INVISÍVEL

Zaya fugiu deles; correu apressada pelo meio da cidade, indo para o campo fora dela, pois ainda via a grande Forma no ar diante de si.

À medida que avançava, e aproximava-se mais e mais do Gigante, ele se tornava um pouco mais escuro. Ela podia apenas enxergar as nuvens, mas a forma de um Gigante pendendo vagamente no ar ainda era visível.

Uma névoa fria rodeou-a quando o Gigante pareceu vir em sua direção. Então, pensou em todas as pessoas pobres na cidade, e teve esperança de que o Gigante as poupassse; ajoelhou-se diante dele, ergueu suas mãos em súplica e gritou:

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!”

Mas o Gigante seguia em frente como se não a tivesse escutado. Ela gritou ainda mais alto:

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!” E curvou sua cabeça e chorou; o Gigante, apesar de bem lentamente, ainda continuava a avançar para a cidade.

Não longe, havia um velho parado em pé na porta de uma pequena casa construída com grandes pedras, mas a menina não o viu. Seu rosto mostrava um olhar de medo e de espanto, e quando ele viu a criança se ajoelhar e erguer as mãos, ele se aproximou e escutou sua voz. Quando a ouviu dizer “Oh, grande Gigante”, ele murmurou para si:

“Então é mesmo como eu temia. Há mais Gigantes, e realmente esse é outro deles”. Ele olhou para cima, mas nada viu, e murmurou novamente:

“Eu não vejo, porém essa criança consegue ver; e no entanto eu temia, pois algo me disse que havia perigo. Realmente, o conhecimento é mais cego do que a inocência”.

SOB O PÔR DO SOL

A menina, ainda não sabendo que havia algum ser humano perto dela, gritou novamente, um grande grito de aflição:

“Oh!, não, não, grande Gigante, não cause mal às pessoas. Se alguém deve sofrer, que seja eu. Leve-me. Estou disposta a morrer, mas poupe-as. Poupe-as, grande Gigante; e faça comigo o que bem entender”. Mas o Gigante não prestou atenção.

E Knoal – pois era ele o velho – sentiu seus olhos se encherem de lágrimas, e disse a si mesmo:

“Oh!, nobre criança, quão corajosa ela é!, ela se sacrificaria!” E, aproximando-se dela, colocou a mão na cabeça da menina.

Zaya, que estava novamente arqueando a cabeça, assustou-se e olhou em torno quando sentiu o toque. Entretanto, quando ela viu que era Knoal, consolou-se pois sabia o quão sábio e bom ele era, e sentiu que, se alguma pessoa poderia ajudá-la, seria ele. Ficou perto dele e escondeu o rosto em seu peito; ele fez carinho em seu cabelo e a consolou. Mas, ainda, ele não conseguia ver nada.

A névoa fria passou, e quando Zaya olhou para cima, viu que o Gigante havia passado e que estava se movendo em direção a cidade.

“Venha comigo, minha filha”, disse o velho. E os dois se levantaram e entraram na casa construída com grandes pedras.

Quando Zaya entrou, ela se espantou, pois, pasmem!, dentro era como uma tumba. O velho sentiu-a ter calafrios, pois ainda a mantinha perto dele, e disse:

“Não chore, pequenina, e não tema. Este lugar me lembra, e a todos que nele entram, que à tumba todos

O GIGANTE INVISÍVEL

retornaremos ao fim. Não tema, pois este se tornou um lar alegre para mim”.

Então a menina ficou aliviada, e começou a examinar mais atentamente seu entorno. Ela viu todo tipo de instrumentos curiosos, e muitas ervas estranhas e comuns, e plantas medicinais penduradas para secar em cachos nas paredes. O velho observou-a em silêncio e depois disse:

“Minha filha, você viu a aparência do Gigante quando ele passou?”

Ela respondeu: “Sim”.

“Pode descrever o rosto dele para mim?”, ele perguntou novamente.

D’onde então ela começou a lhe contar tudo o que havia visto. De como o Gigante era tão grande que todo o céu parecia preenchido. De como os grandes braços estavam abertos, velados em seu robe, até que muito longe a manta se perdia no ar. De como o rosto era o de um homem forte, impiedoso, porém sem malícia; e de como os olhos eram cegos.

O velho arrepiou-se enquanto ouvia, pois sabia que o Gigante era muito terrível; e seu coração chorou pela cidade amaldiçoada onde tantos pereceriam em meio a seus pecados.

Eles decidiram partir e alertar novamente o povo amaldiçoado; sem atraso, o velho e a menina correram para a cidade.

Quando deixaram a casinha, Zaya viu o Gigante atrás deles, movendo-se ainda em direção a cidade. Eles se apressaram; e quando passaram através da névoa fria, Zaya olhou para trás e viu o Gigante atrás deles.

Rapidamente, chegaram a cidade.

SOB O PÔR DO SOL

Era uma visão estranha o velho e aquela menina correndo para contar às pessoas sobre a terrível Praga que estava recaíndo sobre elas. A longa barba branca do velho e os cachos dourados da criança eram arrastados pelo vento de tão rápido que vinham. Os rostos de ambos estavam brancos como a morte. Atrás deles, visto apenas pelos olhos da mocinha de coração puro quando ela olhava para trás, o espectral Gigante vinha sempre lento, pendendo uma sombra escura no ar do fim da tarde.

Mas as pessoas na cidade nunca viam o Gigante. E quando o velho e a menina as alertavam, elas ainda assim não prestavam atenção, mas zombavam deles e escarneциam deles, dizendo:

“Ora! Não há mais Gigantes agora”, e continuavam em seus afazeres, rindo e zombando.

Então, o velho se colocou em um lugar elevado entre eles, no degrau mais baixo da grande fonte, com a menina ao seu lado, e falou assim:

“Oh!, povo, moradores deste Reino, sejam alertados a tempo. Esta criança, de coração puro, em torno de cuja inocência até mesmo os passarinhos, que temem os homens, e as mulheres reúnem-se em paz, viu esta noite no céu a forma de um Gigante que avança continuamente, ameaçador, em direção à nossa cidade. Acreditem, oh!, acreditem; e fiquem alertas enquanto podem. A mim mesmo, como a vocês, o céu está limpo; e, no entanto, vejam que eu acredito. Pois, escutem-me: ignorando completamente que outro Gigante invadiu nossa terra, sentei pensativo em minha moradia. E, sem causa ou motivo, veio ao meu coração um medo repentino pela segurança de nossa cidade. Eu me levantei, olhei ao norte e ao sul e ao leste e ao oeste, e para o alto e para baixo, mas nunca pude enxergar um sinal de perigo. Então eu disse a mim

O GIGANTE INVISÍVEL

mesmo: ‘Meus olhos estão turvos devido a uma centena de anos observando e esperando, e assim não consigo enxergar.’ E, no entanto, oh!, povo, moradores deste reino, apesar de o século ter esmorecido meus olhos externos, ele aguçou meus olhos internos – os olhos de minha alma. Novamente eu saí e, veja!, esta menina se ajoelhou e implorou ao Gigante, invisível para mim, para poupar a cidade; mas ele não a escutou, ou, se escutou, não respondeu e ela caiu de bruços no chão. Então viemos para cá para alertá-los. Dali, diz a menina, ele avança para a cidade. Oh, sejam alertados! Alertados a tempo”.

Ainda assim, as pessoas não prestaram atenção, mas zombaram e riram ainda mais, dizendo:

“Ora!, a menina e o velho estão loucos”; e foram para suas casas – para dançar e festejar como antes.

Então os garotos levados vieram e zombaram deles, e disseram que Zaya perdera seus pássaros e ficara louca; e eles fizeram músicas e cantaram-nas enquanto dançavam em círculo.

Zaya estava tão dolorosamente angustiada pelo pobre povo que não prestou atenção aos garotos cruéis. Vendo que ela não prestava atenção a eles, alguns se tornaram ainda mais rudes e malvados. Eles se afastaram um pouco e arremessaram coisas neles, zombando ainda mais.

Então, triste no coração, o velho se levantou, e tomou a menina pela mão, e a levou para bem dentro da floresta, abrigando-a consigo na casa feita de grandes pedras. Naquela noite Zaya dormiu com o cheiro adocicado de ervas secas em torno dela, e o velho segurou sua mão para que não tivesse medo.

De manhã, Zaya se levantou cedo e acordou o velho, que havia dormido em sua cadeira.

SOB O PÔR DO SOL

Ela foi até a porta e olhou para fora; então uma vibração de alegria recaiu sobre seu coração. Pois, do lado de fora, como se esperando para vê-la, estavam todos os seus passarinhos e muitos, muitos mais. Quando os pássaros viram a menina, entoaram alguns sons alegres e altos, e voaram loucamente pelo entorno com muita alegria – alguns deles sacudindo as asas e tão engraçados que ela não pôde evitar sorrir um pouco.

Quando Knoal e Zaya tomaram seu café da manhã simples e repartiram-no com seus amiguinhos de penas, partiram com corações pesarosos para visitar a cidade, e tentar mais uma vez alertar o povo. Os pássaros voavam em torno deles à medida que avançavam, e para incentivá-los cantavam o mais alegre que podiam, apesar de seus coraçãozinhos estarem abatidos.

Enquanto andavam, viram diante si o grande Gigante brumoso. E ele agora havia avançado até as fronteiras da cidade.

Mais uma vez eles alertaram as pessoas, e grandes grupos cercaram-nos, mas somente zombaram deles mais do que nunca. E garotos levados jogaram gravetos e pedras nos passarinhos, matando alguns deles. A pobre Zaya chorou amargamente e o coração de Knoal ficou muito triste. Depois de um tempo, quando eles já tinham chegado à fonte, Zaya olhou para cima e ressaltou-se, com alegre surpresa, pois não via mais o Gigante. Ela bramou alegre e as pessoas riram, dizendo:

“Criança esperta! Ela vê que não vamos acreditar nela e finge que o Gigante foi embora”.

Eles cercaram-na, zombeteiros, e alguns deles disseram:

“Vamos colocá-la na fonte e afundá-la, como uma lição a mentirosos que nos assustam”. Eles então se apro-

O GIGANTE INVISÍVEL

ximaram dela com ameaças. Ela se agarrou a Knoal, que ficou terrivelmente sério quando ela disse que não via mais o Gigante, e que estava agora como se em um sonho, pensativo. Mas, ao seu toque, ele pareceu acordar; e falou severamente ao povo, censurando-o. Mas eles também gritaram com ele e disseram que, como ele havia ajudado Zaya em sua mentira, ele também seria afundado; e eles se aproximaram para pôr as mãos em ambos.

A mão de um deles, que era um chefe do grupo, já estava estendida, quando ele emitiu um grito baixo e pressionou sua mão a seu lado; e, enquanto os outros se viraram para olhar a ele, assustados, ele gritou com grande dor, berrando horrivelmente. Mesmo enquanto as pessoas olhavam, seu rosto enegreceu muito, e ele caiu na frente deles, retorcendo-se um pouco em terror, e correu, gritando:

“O Gigante! O Gigante! Ele está mesmo entre nós!”

Eles temeram ainda mais por não poderem vê-lo.

Mas antes de conseguirem sair da praça do mercado, no centro da qual estava a fonte, muitos caíram mortos, e os cadáveres ficaram no chão.

Ali no centro o velho e menina ajoelharam, rezando; e os pássaros pousaram em volta da fonte, mudos e parados, e nenhum som se escutava, exceto os gritos das pessoas ao longe. Então, suas lamentações soaram cada vez mais altas, pois o Gigante – a Praga – estava entre e em volta deles, e não havia escapatória, pois era tarde demais para fugir.

Ah! No País Sob o Pôr do Sol houve muito choro naquele dia. E quando a noite chegou, pouco se dormiu, pois havia medo em alguns corações e dor em outros. Nada estava parado, exceto os mortos, que jaziam rígidos pela cidade, tão parados e sem vida que até mesmo a fria

SOB O PÔR DO SOL

luz da lua e as sombras das nuvens passando sobre eles não podiam lhes fazer parecer que haviam vivido.

E por muitos dias houve dor e pesar e morte no País Sob o Pôr do Sol.

Knoal e Zaya fizeram tudo o que puderam para ajudar o pobre povo, mas era realmente difícil ajudá-los, pois o Gigante invisível estava entre eles, errando para lá e para cá pela cidade, de modo que ninguém podia dizer onde ele colocaria sua mão gélida a seguir.

Algumas pessoas fugiram da cidade; mas não adiantava, pois, fossem do jeito que fossem e nunca fugindo rápido o bastante, eles ainda ficavam dentro do alcance do Gigante invisível. De vez em quando, ele transformava seus corações mornos em gelo com seu sopro e seu toque, e eles caíam mortos.

Alguns, como aqueles dentro da cidade, foram poupanados e alguns deles morreram de fome, e o resto rastejou tristemente de volta para a cidade, e viveram ou morreram entre seus amigos. E tudo isso era, oh!, tão triste, pois nada havia senão pesar e medo e choro de manhã à noite.

Agora, veja como os passarinhos amigos de Zaya ajudaram-na em sua necessidade.

Eles pareceram ver a vinda do Gigante quando ninguém – nem mesmo a menina – podia ver qualquer coisa, e conseguiram contá-la quando havia perigo, como se conseguissem mesmo falar.

No começo, Knoal e ela iam para casa feita de grandes pedras todas as noites para dormir e voltavam a cidade de manhã, ficando com o pobre povo doente, consolando-o e alimentando-o, dando-lhe os remédios que Knoal, com sua grande sabedoria, sabia que lhes fariam bem. Assim, eles salvaram muitas preciosas vidas humanas, e aqueles

O GIGANTE INVISÍVEL

que foram resgatados ficaram muito agradecidos e, desde então e para sempre, viveram da maneira mais sagrada e altruísta.

Depois de alguns dias, entretanto, eles descobriram que o pobre povo doente precisava de ajuda mais de noite do que de dia, e então os dois ficavam o tempo todo na cidade, ajudando o povo abatido dia e noite.

De manhã bem cedo, Zaya saía para respirar o ar da manhã; e ali, recém-acordada do sono, estariam seus amigos emplumados esperando por ela. Eles entoavam canções de alegria, vinham e empoleiravam-se em seus ombros e em sua cabeça, beijando-a. Então, se ela fosse em direção a qualquer lugar onde, durante a noite, a Praga houvesse posto sua mão mortífera, eles se agitariam em frente a ela, tentariam impedir-la e gritariam, em sua própria língua:

“Volte! Volte!”

Eles ciscavam de seu pão e bebiam de sua xícara antes que ela os tocasse; e quando havia perigo – pois a mão fria do Gigante estava por toda parte –, eles bradariam:

“Não, não!”, e ela não tocaria a comida, ou não deixaria qualquer um tocá-la. Frequentemente ocorria que, mesmo enquanto ciscando o pão ou bebendo da xícara, um pobre passarinho caía, sacudia suas asas e morria. Mas todos aqueles que morriam, morriam com um trilo de alegria, olhando para sua pequena mestra, por quem eles haviam alegremente falecido. Sempre que passarinhos achavam que o pão e a xícara estavam puros e livres do perigo, eles olhavam para Zaya vivamente, e batiam suas asas e tentavampiar, parecendo tão travessos que a pobre e triste menininha apenas sorria.

Havia um pássaro velho que sempre se demorava mais, e frequentemente dava muito mais ciscadas no pão

SOB O PÔR DO SOL

quando este era bom para que conseguisse uma refeição substanciosa. Algumas vezes ele continuava a se alimentar até que Zaya balançasse o dedo a ele e dissesse:

“Guloso!”, e ele saltava para longe como se não tivesse feito nada.

Havia outro passarinho querido – um tordo, com peito tão vermelho quanto o pôr do sol – que amava Zaya mais do que se pode imaginar. Quando ele experimentava a comida e descobria que era seguro comê-la, ele tirava pequenos pedacinhos em seu bico, voava e colocava na boca dela.

Cada passarinho que bebia da xícara de Zaya e gostava levantava sua cabeça para fazer as graças; e desde então os passarinhos fazem a mesma coisa, e nunca se esquecem de fazer as graças – como algumas crianças mal-agradecidas o fazem.

Assim, Knoal e Zaya viveram, apesar de muitos à sua volta terem morrido, e o Gigante ainda permaneceu na cidade. Tantas pessoas morreram que começou a se imaginar se muitos sobraram, pois somente quando a cidade começou a ficar rarefeita que o povo pensou no vasto número de pessoas que haviam vivido nela.

A pobre e pequenina Zaya havia ficado tão pálida e magra que ela parecia uma sombra, e a forma de Knoal estava mais curva com os sofrimentos de algumas poucas semanas do que estivera com seu centenário todo. Mas, apesar de os dois estarem fatigados e desgastados, eles ainda mantinham seu bom trabalho de ajudar os doentes.

Muitos dos passarinhos estavam mortos.

Uma manhã, o velho ficou muito fraco – tão fraco que mal podia ficar em pé. Zaya temeu por ele e disse:

“Você está doente, pai?”, pois ela sempre o chamava de pai agora.

O GIGANTE INVISÍVEL

Ele lhe respondeu com uma voz, ah!, rouca e baixa, mas muito, muito carinhosa:

“Minha criança, temo que o fim se aproxima: leve-me para casa para que eu possa morrer lá”.

Às suas palavras, Zaya emitiu um grito baixo e caiu de joelhos ao lado dele, enterrando sua cabeça em seu peito, e chorou amargamente enquanto o abraçava forte. Mas ela tinha pouco tempo para chorar, pois o velho lutava para ficar em pé e, vendo que ele desejava ajuda, limpou as lágrimas e o ajudou.

O velho tomou seu cajado e, com Zaya ajudando-o a lhe dar apoio, chegou até a fonte no meio da praça do mercado. E ali, no degrau mais baixo, ele sucumbiu, como se exausto. Zaya sentiu-o ficar frio como o gelo, e soube que a mão fria do Gigante havia sido posta em cima dele.

Então, sem saber o motivo, olhou para onde ela havia visto pela última vez o Gigante, quando Knoal e ela haviam ficado ao lado da fonte. E, veja!, quando ela olhou, segurando a mão de Knoal, viu a forma sombrosa do terrível Gigante, que havia estado por muito tempo invisível, ficando mais e mais nítida entre as nuvens.

Seu rosto estava sério como sempre, e seus olhos ainda estavam cegos.

Zaya gritou ao Gigante, ainda segurando Knoal pelas mãos bem forte:

“Ele não, ele não! Ó, poderoso Gigante! Ele não! Ele não!”, e arqueou a cabeça para baixo e chorou.

Havia uma tal angústia em seu coração que aos olhos cegos do Gigante sombrio vieram lágrimas que caíram como orvalho na testa do velho. Knoal falou a Zaya:

“Não se aflija, minha menina. Estou contente por você ver novamente o Gigante, pois eu tenho esperança

SOB O PÔR DO SOL

de que ele deixe nossa cidade livre de infelicidades. Sou a última vítima, e morro contente”.

Então Zaya ajoelhou-se ao Gigante, e disse:

“Poupe-o! Oh! Poupe-o e me leve! Mas o poupe!
Poupe-o!”

O velho levantou-se com os cotovelos, ainda deitado, e falou a ela:

“Não se aflija, pequenina, e não lamente. De verdade, sei que você alegremente daria sua vida pela minha. Mas nós devemos dar pelo bem dos outros aquilo que para nós é mais caro do que nossas vidas. A bênção, minha pequenina, e seja boa. Adeus! Adeus!”

Quando ele falou a última palavra, ficou frio como a morte, e seu espírito partiu.

Zaya ajoelhou-se e rezou; e quando ela olhou para cima, viu o Gigante sombrio se afastando.

O Gigante virou-se quando passou, e Zaya viu que seus olhos cegos estavam apontados em sua direção como se ele tentasse enxergar. Ele levantou os grandes braços umbrosos, drapejou, extático, em sua mortalha de névoa, como se a abençoando; e ela pensou que o vento que passou por ela sussurrando levava o eco das palavras: “Inocência e devoção salvam o reino”.

Imediatamente ela viu ao longe o grande Gigante Praga se afastando para as fronteiras do Reino, passando entre os Espíritos Guardiões e pelo Portal em direção aos desertos para o além... para sempre.

O Construtor de Sombras

O solitário Construtor de Sombras está sempre observando em sua morada solitária.

As paredes são de nuvem, e, em volta e através delas, sempre mudando enquanto vêm, passam as sombras escuras de todas as coisas que já foram.

Esse círculo infinito, sombrio, rodopiante e movente é chamado de *A Procissão do Passado Morto*. Nela, tudo é tal como já foi no grande mundo. Não há mudanças em parte alguma; pois cada momento, à medida que passa, envia sua sombra para as fileiras dessa turva Procissão. Aqui há pessoas que se movem e eventos – preocupações – pensamentos – tolices – crimes – alegrias – tristezas – lugares – cenas – esperanças e medos, e tudo isso perfaz a soma da vida com todas suas luzes e sombras. Cada imagem na natureza em que more a sombra – e isso são todas as coisas – aqui tem seu fantasma obscuro.

Aqui, todas as imagens mais belas e mais tristes de se ver – a escuridão que permeia um milharal ensolarado quando, com a brisa, vem o balanço escuro das espigas cheias a se dobrar e se endireitar; a onda na superfície vítreia de um mar de verão; a vastidão escura que jaz além e fora da ampla trilha da luz da lua na água; a renda de brilho e de sombra que centelha sobre a estrada à medida que se passa por ela no outono, quando a luz da lua cai através dos galhos nus das árvores pendidas à margem; a sombra fresca e tranquila sob as grossas árvores no ve-

SOB O PÔR DO SOL

rão quando o sol está flamejando acima do preparador de feno que trabalha; as nuvens negras que esvoaçam atra-vessando a lua, escondendo sua luz, que depois reaparece vazia e fria; a escureza do violeta e do preto que se alça no horizonte quando a chuva se aproxima no verão; os re-cessos escuros e as cavernas sombrias de onde as cacho-eiras, chiando, se arrojam no lago abaixo –, todas essas imagens sombrias, e mais mil outras que vêm dia e noite, circulam na Procissão entre as coisas que já foram.

Aqui, também, cada ato que qualquer humano realize, cada pensamento – bom ou mal – cada desejo, cada espe-rança – tudo o que é secreto – está retratado, e se torna um registro duradouro que não pode ser destruído; pois, a qualquer momento, o Construtor de Sombras pode inci-tar, com sua mão espectral, qualquer um – dormindo ou acordado – a contemplar o que é retratado do Passado Morto, na distância obscura, misteriosa, que abarca sua morada solitária.

Nessa Procissão do Passado Morto sempre em movi-mento há somente um lugar no qual os fantasmas que cir-culam não estão presentes, e no qual as paredes de nuvem estão dissipadas. Há aqui uma grande escuridão, densa e profunda, e cheia de trevas, e além da qual jaz lá fora o grande mundo real.

Essa escuridão é chamada de *O Portal do Horror*.

À distância, a Procissão toma o seu curso a partir dele e, seguindo em seu caminho, faz um círculo e retorna à es-curidão; os fantasmas sombrios derretem-se novamente em trevas misteriosas.

Algumas vezes, o Construtor de Sombras atravessa as paredes vaporosas de sua morada e mistura-se nas filei ras da Procissão. E algumas vezes uma forma invocada

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

pelo gesto de sua mão espectral, com um passo silencioso, achega-se saindo da névoa e para ao seu lado.

Algumas vezes, o Construtor de Sombras invoca num corpo adormecido uma alma que sonha; então, por certo tempo, o vivo e o morto ficam face a face, e os homens chamam isso de sonho do Passado. Quando isso acontece, amigo encontra amigo ou inimigo encontra inimigo; e à alma do sonhador vem uma lembrança feliz e há muito desaparecida, ou a agonia inquieta do remorso. Mas nenhum espectro atravessa a parede enevoada, com a única exceção do Construtor de Sombras; e nenhum ser humano – mesmo em sonho – pode entrar na obscuridade por onde se move a Procissão.

Assim vive o solitário Construtor de Sombras entre suas trevas, e sua habitação é povoada por um passado espectral.

Seu único povo é o do passado; pois, apesar de ele criar sombras, elas não vivem com ele. Seus filhos saem imediatamente para suas casas no grande mundo, e ele não sabe mais delas até que, na completude do tempo, elas se juntem à Procissão do Passado Morto e alcancem, chegada sua vez, as paredes enevoadas de seu lar.

Para o Construtor de Sombras não há noite ou dia, nem estações do ano; mas, para todo o sempre, a silenciosa Procissão do Passado Morto passa em torno de sua morada solitária.

Algumas vezes ele se senta e medita com os olhos fixos e fitos, nada vendo; e então, lá no mar, há uma calmaria desnublada ou a treva negra da noite. Em direção ao distante Norte ou Sul, durante longos meses, ele nunca olha; e então a quietude da noite ártica reina sozinha. Quando os olhos cismadores se tornam novamente cons-

SOB O PÔR DO SOL

cientes, o silêncio duro se suaviza em sons de vida e de luz.

Algumas vezes, com um franzido em seu rosto e um olhar duro, que raia e lampeja relâmpagos negros, o Construtor de Sombras impele-se resoluto à sua tarefa, e por todo o mundo as sombras marcham densas e rápidas. Sobre o mar arroja-se o negror da tempestade; luzes baças bruxuleiam dentro de cabanas remotas, em charnecas solitários; e até mesmo nos palácios dos reis sombras negras passam e voam e deslizam por todas as coisas – sim, através dos próprios corações dos reis –, pois o Construtor de Sombras torna-se, então, horrível de se olhar.

De vez em quando, entre longos intervalos, o Construtor de Sombras, à medida que completa sua tarefa, demora-se em seu trabalho como se o amasse. Seu coração anseia pelos filhos de sua vontade, e ele gostaria de guardar, de bom grado, ao menos uma sombra para servir-lhe de companhia em sua solidão. Mas a voz do Grande Presente está sempre soando em seus ouvidos nesses momentos, impondo-lhe pressa. A voz gigante rebomba:

“Adiante, adiante”.

Enquanto as palavras soam nos ouvidos do Construtor de Sombras, a sombra completa desvanece debaixo de suas mãos e, passando invisível pelo Portal do Horror, mistura-se no grande mundo lá fora, no qual deverá desempenhar seu papel. Quando, na completude do tempo, essa sombra adentra as fileiras da Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras a reconhece e dela se lembra; mas em seu coração morto não há brilho de recordação amável, pois ele só pode amar o Presente, que sempre escapa de seu alcance.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

E, ah!, é uma vida solitária a que o Construtor de Sombras leva; e nas trevas estranhas, tristes, solenes, misteriosas e silenciosas que o envolvem, ele trabalha dura e constantemente em sua tarefa solitária.

Mas, algumas vezes, também o Construtor de Sombras tem suas alegrias. Sombras bebês surgem, e imagens ensolaradas, iluminadas com doçura e amor, escorregam sob seu toque, e se vão.

Diante do Construtor de Sombras em sua tarefa, há um espaço em que não há nem luz nem escuridão, nem alegria nem melancolia. Tudo o que toca tal espaço desaparece como montes de areia que se desfazem quando a maré vem, ou como palavras escritas na água. Nele, todas as coisas perdem seu ser e se tornam parte do grande *Não-É*; e essa linha terrível de mistério é chamada de *O Limiar*. Tudo o que adentra nele desaparece; e tudo o que dele emerge está completo quando chega e passa para o grande mundo como algo por cumprir seu curso. Diante do Limiar, o próprio Construtor de Sombras é como nada; e nessa força absorvente do Limiar está aquilo que ele não consegue controlar ou dominar.

Em sua tarefa, o Construtor de Sombras faz invocações; e do nada impalpável do Limiar provém o objeto de seu desejo. Algumas vezes, a sombra irrompe cheia e fresca, e subitamente se perde nas trevas do Portal do Horror; outras vezes, ela cresce suave e imperceptivelmente, tornando-se mais cheia à medida que vem, e então se dissolve nas trevas.

O solitário Construtor de Sombras está trabalhando em sua morada solitária; à sua volta, além das paredes vaporosas, impelindo-se para diante como sempre, está a Procissão do Passado Morto movendo-se em círculo. A

SOB O PÔR DO SOL

tempestade e a calmaria foram invocadas do Limiar, e se foram; e agora, nesse momento calmo e melancólico, o Construtor de Sombras interrompe sua tarefa, e fica a desejar, desejar, até que seu anseio saudoso e solitário receba uma resposta do nada do *Limiar*.

Dele cresce a sombra de um pé de Bebê, pisando com um andar cambaleante em direção ao mundo; depois, segue o pequeno corpo roliço e a cabeça grande, e o Bebê sombra move-se adiante, oscilando e equilibrando-se com passos incertos. Rápidas por detrás dele vêm as mãos da Mãe, estendidas num gesto amoroso de ajuda para que ele não caia. Um passo – dois – ele dá, e está caindo; mas os braços da Mãe são rápidos e as mãos delicadas o mantêm firmemente em pé. A Criança vira-se e cambaleia novamente para os braços de sua Mãe.

Novamente ele luta para andar; e novamente as mãos vigilantes da Mãe estão prontas. Desta vez, ele não precisa de ajuda; mas, quando a corrida acaba, a Criança sombra se volta mais uma vez, docemente, para o colo de sua Mãe.

Mais uma vez ele luta para andar, e anda corajosa e firmemente; mas as mãos da Mãe se detêm junto ao corpo dela, agitadas, enquanto uma lágrima desce pela face, embora essa face esteja agraciada por um sorriso.

O Bebê sombra vira-se, e desvia-se um pouco do caminho. Então, sobre o Nada enevoado no qual as sombras caem, voa rapidamente a sombra tremeluzente de uma pequena mão acenando; e adiante, com passos firmes, a sombra dos pezinhos se move, saindo para as trevas enevoadas do Portal do Horror, e vai-se embora.

Mas a sombra da Mãe não se move. As mãos estão pressionadas contra o coração, o rosto amável está voltado para cima em reza, e grandes lágrimas se derramam

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

pelas faces. Então, sua cabeça se arqueia para baixo à medida que os pezinhos passam para além de seu alcance; e mais e mais para baixo se curva a Mãe, chorando, até deitar-se de bruços.

Bem no momento em que lança seu olhar, o Construtor de Sombrasvê as sombras desaparecendo, desaparecendo, e somente o terrível nada do Limiar está ali.

Então, nesse mesmo instante, na Procissão do Passado Morto, rondam em torno das paredes enevoadas as sombras do que já foi – a Mãe e a Criança.

Agora do Limiar sai um Jovem com passo corajoso e animado; e à medida que no véu de névoa sua sombra recai, a vestimenta e o porte proclaimam-no um jovem marinheiro. Perto dessa sombra está outra – a da Mãe. Mais velha e mais magra, como que por causa da vigília, mas ainda a mesma. As velhas mãos afetuosas arrumam graciosamente o lenço que enlaça frouxamente o pescoço aberto; e as mãos do Garoto se estendem, tomam o rosto da Mãe entre si, e trazem-no para frente para um beijo. Os braços da Mãe flutuam ao redor de seu Filho, e ambos se unem num abraço apertado.

A Mãe beija seu Garoto diversas vezes; e juntos eles permanecem, como se fosse impossível dividi-los.

De repente, o Garoto vira-se como se tivesse ouvido um chamado. A Mãe agarra mais apertado. Ele parece protestar carinhosamente; mas os braços afetuoso seguram com mais firmeza, até que, com delicada força, ele se desprende. A Mãe dá um passo adiante, e estende as mãos finas, tremendo numa agonia de sofrimento. O Garoto para, prostra-se sobre um dos joelhos; então, arremessando suas lágrimas para longe, ajeita seu chapéu e se apressa, enquanto novamente a Mãe cai de joelhos, e

SOB O PÔR DO SOL

chora.

E assim mais uma vez, lentamente, as sombras da Mãe e da Criança vão crescendo na completude do tempo, atravessam o Portal do Horror e circulam entre os fantasmas na Procissão do Passado Morto – a Mãe seguindo sem descanso os passos acelerados de seu Filho.

Na longa pausa que se segue, enquanto o Construtor de Sombras observa, tudo parece mudado. Do Limiar vem uma névoa, tal qual a que se suspende algumas vezes sobre a superfície de um mar tropical.

Aos poucos a névoa se afasta, e a proa de um portentoso navio, negra e grande, desliza para frente. As sombras das grandes velas repousam fracas nas profundezas gélidas do mar enquanto os panos oscilam indolentes no ar sem brisas. Sobre a amurada há silhuetas apáticas esperando que um vento venha. A névoa no mar se dissipar lentamente; e pelas sombras escuras de homens ao abrigo do clarão do sol e arejando-se com seus largos chapéus de marinheiro fica claro que o calor é terrível.

Agora, ao longe, atrás do navio, eleva-se sobre o horizonte uma nuvem negra, não maior do que a mão de um homem, mas avançando rapidamente em grande velocidade. Também ao longe, diante do navio, surge a cumeira de um recife de coral que mal pode ser vislumbrado acima da água vítreia e vai escurecendo pelas profundezas abaixo.

As pessoas a bordo não veem nem uma coisa nem outra, pois se abrigam sob toldos e ficam a suspirar por brisas frescas.

Cada vez mais rápido vem a nuvem negra, deslizando cada vez mais veloz, ficando cada vez mais escura e mais vasta conforme se aproxima.

O CONSTRUTOR DE SOMBRA

Então, as pessoas a bordo parecem reconhecer o perigo. Sombras apressadas voam pelos dequeus; sombras de homens sobem sombras de escadas. O agitar das grandes velas vai cessando à medida que, uma a uma, elas são recolhidas por mãos prestas.

Porém, mais rápido que as mãos dos homens possam trabalhar, a tempestade vem de roldão.

Ela avança com ímpeto, e coisas terríveis vêm logo atrás; escuro breu – ondas gigantes quebrando e voando para o alto – a espuma do mar varrendo os céus – as grandes nuvens rodopiando em fúria. E, no centro dessas sombras que voam, rodopiam e enlouquecem, balança a sombra do navio.

Com a negra escuridão dos céus abarcando tudo, o ímpeto da tempestade sombria irrompe através do Portal do Horror.

Enquanto espera, e olha e vê o ciclone rodopiando entre as sombras na Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras, mesmo em seu coração morto, sente um peso de dor pelo corajoso Garoto Marinheiro arremessado nas profundezas, e pela ansiosa Mãe sentada sozinha em casa.

Novamente, vinda do Limiar, uma sombra avança, tornando-se mais escura à medida que vem vindo, mas muito, muito fraca a princípio; pois aqui o sol é forte, e quase não há espaço para sombras na pedra nua que parece se erguer do brilho e do cintilar das profundezas do mar ao redor.

Na pedra solitária está em pé um Garoto Marinheiro; está magro e delgado, e suas roupas são somente alguns poucos trapos. Protegendo seus olhos com a mão, ele olha para o mar, onde, muito longe, o céu aberto mergu-

SOB O PÔR DO SOL

lha para encontrar o mar ardente. Mas nenhuma mancha no horizonte – nenhum brilho distante de uma vela branca – lhe dá um raio de esperança.

Por muito, muito tempo ele espreita, até que, exausto, senta-se na pedra e curva sua cabeça por um tempo como que em desespero. À medida que o mar baixa, ele colhe da pedra o marisco que viera durante a maré.

Assim o dia se esvai e a noite vem; e, no céu tropical, as estrelas penduram-se como lampiões.

No silêncio frio da noite, o abandonado Garoto Marinheiro descansa – dorme e sonha. Tem sonhos com o lar – com braços amorosos e abertos para encontrá-lo – com a farta comida de festins – com campos verdes e galhos a balançar, e com a felicidade vinda do amor protetor de sua mãe. Pois, em seu sonho, o Construtor de Sombras invoca sua alma onírica e lhe mostra todas essas bênçãos passando incessantemente na Procissão do Passado Morto, e consolando-o, assim, para que não desespere e morra.

Assim se passam muitos dias cansativos; e o marinheiro permanece na pedra solitária.

Ao longe ele pode ver somente uma colina que parece se erguer acima da água. Em uma manhã, quando o céu escurecendo e o ar abafado prometiam uma tempestade, a montanha distante pareceu mais perto. Ele pensa que tentará alcançá-la nadando.

Enquanto ele está assim decidindo, a tempestade corre sobre o horizonte e o arrasta de sua pedra solitária. Ele nada com coração destemido; mas, no momento em que sua força se esvai, é jogado pela fúria da tempestade numa praia de areias macias. A tempestade passa seguindo seu caminho, e as ondas o deixam no alto e no

O CONSTRUTOR DE SOMBRA

seco. Ele se afasta da costa, onde, dentro de uma caverna nas rochas, encontra abrigo e mergulha no sono.

O Construtor de Sombras, enquanto vê tudo isso acontecer nas sombras projetadas nas nuvens, na terra e no mar, alegra-se em seu coração morto, porque a mãe solitária talvez não espere em vão.

Assim o tempo segue adiante, e muitos, muitos dias tediosos vão passando. O Garoto se torna um jovem Homem, vivendo na ilha solitária. Sua barba cresceu, e ele está vestido numa roupa de folhas. Por todo o dia, exceto quando está trabalhando para conseguir alimento para comer, observa do topo da montanha algum navio que possa vir. Enquanto fica lá vigiando o mar, o sol delineia sua sombra pela encosta abaixo, de forma que, ao entardecer, à medida que o sol se põe nas águas, a sombra do Marinheiro solitário se alonga e se alonga, até que, por fim, traça uma linha escura por toda a encosta até a beirinha da água.

O coração do Homem solitário fica mais e mais melancólico à medida que espera e observa, com o tempo passando tediosamente e incontáveis dias e noites indo e vindo.

Chega uma hora em que ele começa a ficar cada vez mais fraco. Por fim, fica doente à beira da morte e permanece por muito tempo moribundo.

Até que essas sombras falecem.

Do Limiar cresce a sombra de uma velha mulher, magra e desgastada, sentada dentro de uma cabana solitária em um penhasco saliente. Na janela, uma lamparina queima à noite para dar boas-vindas àquele que está Perdido, caso ele algum dia retorne, e para guiá-lo ao lar de

SOB O PÔR DO SOL

sua Mãe. Junto à lamparina, a Mãe fica de vigia, até que, fatigada, mergulha no sono.

Enquanto ela dorme, o Construtor de Sombras invoca sua alma adormecida com o acenar de sua mão espectral.

Ela fica a seu lado na morada solitária, enquanto à volta deles, através da parede de névoa, segue adiante a Procissão do Passado Morto.

Enquanto ela olha, o Construtor de Sombras levanta sua mão espectral para apontar para a visão de seu Filho.

Mas os olhos da Mãe são mais rápidos até mesmo que a mão espectral que evoca todas as sombras da tempestade impetuosa, e, antes que a mão esteja levantada, ela vê seu Filho entre as Sombras do Passado. O coração da Mãe se enche de uma alegria inefável quando o vê vivo e saudável, apesar de prisioneiro em mares tropicais.

Mas, ah!, ela não sabe que na turva Procissão passam somente as coisas que já foram, e que, apesar de o Marinheiro solitário ter vivido no passado, no presente – neste exato instante – ele pode estar morrendo ou estar morto.

A Mãe estende seus braços a seu Filho; mas, no mesmo instante, sua alma dormente perde de vista a turva Procissão e desaparece da morada solitária do Construtor de Sombras. Pois, quando ela fica sabendo que seu Garoto está vivo, segue-se uma grande dor por saber que ele está sozinho, que espera e procura por ajuda; o coração impaciente da Mãe é vencido pelo pesar, e ela acorda com um grito amargo.

Então, quando se levanta e olha a manhã para além da lamparina que se apaga, a Mãe sente que teve no sono a visão de seu filho, e que ele vive e espera por ajuda; e seu coração se abrasa com grande resolução.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Rapidamente, então, surgindo do limiar, flutuam muitas sombras...

Uma Mãe solitária apressando-se com pés ligeiros para uma cidade distante.

Homens sérios recusando, mas não indelicadamente, uma mulher ajoelhada e suplicando com as mãos levantadas.

Homens severos repelindo de suas portas uma Mãe a rezar.

Um bando selvagem de garotos e garotas maus e imprudentes acossando pelas ruas uma mulher apressada.

A sombra da dor num coração de Mãe.

A vinda de uma nuvem negra de desespero, mas que permanece bem longe – pois não consegue penetrar na luz solar e radiante da decisão da Mãe.

Dias cansativos que têm sua própria miríade de sombras.

Noites solitárias – desejo negro – frio – fome e dor; e através de todas essas sombras tenebrosas, a sombra rápida dos pés ligeiros da Mãe.

Uma longa, longa fila com imagens assim se aproxima cada vez mais, dentro da Procissão, até que o coração morto do Construtor de Sombras se torna gélido e seus olhos em chamas vigiam selvagemente todos aqueles que provocam dor e provações ao coração fiel da Mãe.

E assim todas essas sombras flutuam para dentro de uma névoa negra, e perdem-se nas trevas do Portal do Horror.

Outra sombra sai da névoa...

SOB O PÔR DO SOL

Um Velho está sentado em sua poltrona. A luz crepitante da lareira projeta sua imagem, dançando de forma estranha, na parede do quarto. Ele é velho, pois os grandes ombros estão curvados, e o rosto nobre e majestoso está desenhado pelas linhas dos anos. Há outra sombra no quarto; é a da Mãe – ela está ao lado da mesa e está contando sua história. Suas mãos finas apontam aonde, na distância, ela sabe que seu Filho é um prisioneiro em mares solitários.

O Velho levanta-se; o entusiasmo do coração da Mãe tocou-o, e à sua memória volta apressado o velho amor, a energia e o valor de sua juventude. A grande mão se levanta, fecha-se e bate na mesa com um golpe poderoso, como que declarando uma promessa irrevogável. A Mãe cai de joelhos – ela segura a grande mão e a beija; depois, fica em pé, ereta.

Outros homens entram – eles recebem ordens – saem apressados.

Então vêm muitas sombras, cujo movimento, rapidez e firme propósito significam vida e esperança.

Ao pôr do sol, quando os mastros fazem longas sombras nas águas do cais, um navio grande zarpa em sua jornada a mares tropicais. As sombras dos homens rapidamente esvoacam acima e abaixo do cordame e por todo o convés.

Quando as sombras rodam em volta do cabrestante, a âncora se levanta, e em direção ao pôr do sol desliza o grande barco a vela.

Na proa, como uma figura da Esperança, está a Mãe, fitando com olhos ávidos o horizonte longínquo.

Então, essa sombra desvanece.

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Um grande navio se move, com alvas velas enfunadas pela brisa. Na proa está a Mãe, fitando sempre a distância diante de si.

Tempestades vêm, e o navio corre na frente do pé de vento; mas não se desvia, pois a Mãe, com a mão estendida, aponta o caminho, e o timoneiro, balançando junto a seu timão, obedece a mão.

Então, essa sombra também desvanece.

As sombras dos dias e das noites chegam numa rápida sucessão, e a Mãe procura continuamente por seu Filho.

Então, os registros de uma jornada próspera desvanecem numa sombra fraca, turva, enevoada, através da qual uma silhueta sozinha se destaca claramente – a Mãe vigilante na proa do navio.

Agora, do Limiar crescem as sombras da ilha montanhosa e do navio se aproximando. Na proa, a Mãe se ajoelha, alerta e apontando. Um bote é baixado. Homens saltam a bordo com pés ávidos; mas, antes deles todos, está a Mãe. O bote se aproxima da ilha; a água se torna rasa e, na praia branca e quente, os homens saltam para a terra.

Mas a Mãe ainda está sentada na proa do bote. Em suas longas e ansiosas horas de agonia, ela viu em seus sonhos seu Filho bem ao longe, de pé e observando; ela o viu balançar seus braços com grande alegria à medida que o navio assoma sobre a linha do horizonte; ela o viu em pé na praia, esperando; ela o viu correndo através da rebentação, de modo que a primeira coisa que o solitário Garoto Marinheiro tocaria seriam as mãos amorosas de sua Mãe.

Mas, ai de seus sonhos!... Nenhuma silhueta com braços acenando alegremente está no topo da montanha – nenhuma silhueta sôfrega está à beira da água ou se atira

SOB O PÔR DO SOL

contra a rebentação para encontrá-la. O coração dela fica frio e arrepiado de medo.

Ela viera mesmo tarde demais?

Os homens deixam o bote, consolando-a enquanto se vão com apertos de mão e toques amáveis no ombro. Ela os apressa, gesticulando, e permanece de joelhos.

— O tempo passa. Os homens escalam a montanha; procuram, mas não encontram o Garoto Marinheiro, e, com pés lentos e hesitantes, retornam ao bote.

— A Mãe os ouve vindo de longe e se levanta para encontrá-los. Eles baixam suas cabeças. Os braços da Mãe se erguem, atirados para cima em angústia e desespero, e ela cai desmaiada no bote.

Num instante, o Construtor de Sombras invoca o espírito dela para que saia de sua forma humana sem sentidos, e aponta para uma forma que passa, sem movimento, na Procissão do Passado Morto.

Então, mais rapidamente que a luz, a alma da Mãe voa de volta, tomada por uma alegria recém-descoberta.

Ela se levanta do bote – salta para a terra. Os homens a seguem, perplexos.

Ela corre pela costa com pés ligeiros; os marinheiros vêm logo atrás.

Ela para defronte a entrada de uma caverna, parcialmente escondida por arbustos rasteiros. Aqui, sem se virar, ela gesticula para os homens esperarem. Eles param e ela entra.

Por alguns momentos, uma escuridão macabra verte do Limiar; e então uma visão triste, triste, surge e passa...

O CONSTRUTOR DE SOMBRAS

Uma caverna à meia luz, escura – um homem esgotado deitado de bruços, e uma Mãe em agonia curvada sobre a forma humana fria. No peito gélido, ela pousa a mão. Mas, ah!, não consegue sentir o batimento do coração que ama.

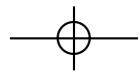
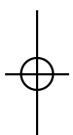
Num gesto violento, com o coração arrasado, ela se atira sobre o corpo de seu Filho e o segura forte, forte – como se o abraço apertado de uma Mãe fosse mais forte do que o abraço da Morte.

O coração morto do Construtor de Sombras está repleto de dor quando ele se afasta da triste imagem; e, com olhos ansiosos, olha para onde, atrás do Portal do Horror, a Mãe e o Filho devem ir para se juntar às fileiras sempre crescentes da Procissão do Passado Morto.

Lentamente, lentamente vem passando a sombra da fria forma humana do Marinheiro.

Porém, mais rapidamente que a luz, vêm os pés ligeiros da Mãe. Os braços tão fortes de amor estão estendidos – as mãos finas seguram a sombra errante de seu Filho e o arremessam de volta para além do Portal do Horror – para a vida – e a liberdade – e o amor.

O solitário Construtor de Sombras sabe agora que os braços da Mãe são mais fortes que o abraço da Morte.



Como o 7 ficou louco

Na ribanceira do rio que corre através do Reino há um belo palácio, no qual mora um dos grandes homens.

A ribanceira se ergue íngreme da corredeira; e as grandes árvores crescendo no sopé se erguem tão altas que seus galhos balançam no mesmo nível das torres do palácio. É um lugar belo, onde a grama é fresca e curta e densa como veludo e verde como esmeralda. Ali, as margaridas brilham como estrelas que caíram e jazem esparsamadas pelo gramado.

Muitas crianças viveram e se tornaram homens e mulheres no velho palácio, e eles tiveram muitos animais de estimação. Entre seus animais havia muitos pássaros – pois os pássaros, entre todas as espécies, amam o lugar. Em um canto há um local que é chamado de Terra do Enterro dos Pássaros. Aqui todos os animais são colocados quando morrem; e a grama cresce mais viva aqui, e muitas flores brotam entre os monumentos.

Um dos garotos que aqui moraram teve, uma vez, como animal de estimação, um corvo. Ele encontrou o pássaro, cuja pata havia sido machucada, levou-o para casa e cuidou dele até que ficou bom novamente; mas o pobrezinho ficou manco.

Tineboy era o nome do jovem, e o pássaro se chamava Sr. Gralha. Como você pode imaginar, o corvo amava o garoto e nunca o deixou. Havia uma gaiola para ele em seu quarto, e o pássaro ia todas as noites para ali se em-

SOB O PÔR DO SOL

poleirar quando o sol se punha. Pássaros vão para cama regularmente segundo seu entender; e, se você quisesse punir um pássaro, você o acordaria. Pássaros não são como garotos e garotas. Imagine só punir um garoto ou uma garota não os deixando ir para cama ao pôr do sol, ou impedindo que eles se levantem bem cedo de manhã.

Bem, quando vinha a manhã, esse pássaro acordava e se alongava, piscava os olhos e dava uma boa chacoalhada; então, sentia-se muito acordado e pronto para começar o dia.

É muito mais fácil acordar um pássaro do que um garoto ou uma garota. O sabão não pode cair nos olhos dele, ou o pente não irá se prender em nós de cabelo, e seus caderços nunca dão nós errados. Isso é porque ele não usa sabão, ou pentes, ou caderços; se usasse, talvez também ele sofreria.

Quando o Sr. Gralha acabava de se trocar, ele subia e tentava acordar seu dono e fazê-lo se levantar; mas, das duas, acordá-lo era a tarefa mais fácil. Quando o garoto ia para a escola, o pássaro voava na rua junto a ele e se sentava em uma árvore próxima até que as aulas acabassem; então, seguia-o de volta para casa da mesma maneira.

Tineboy gostava muito do Sr. Gralha e algumas vezes costumava fazê-lo entrar em sua sala durante as aulas. Mas o pássaro era muito sábio e não entrava.

Um dia, Tineboy estava às voltas com seus problemas de matemática e, ao invés de prestar atenção ao que estava fazendo, ficou tentando fazer o Sr. Gralha entrar. O problema era “multiplicar 117.649 por 7”. Tineboy e o Sr. Gralha ficaram olhando um para o outro. Tineboy fez sinais para o pássaro entrar. O Sr. Gralha, entretanto, não se moveu; ele se sentou na sombra no lado de fora,

COMO O 7 FICOU LOUCO

pois o dia estava muito quente, pendeu sua cabeça para um lado e observou sabiamente.

“Entre, Sr. Gralha”, disse Tineboy, “e me ajude a resolver esse problema”. O Sr. Gralha somente grasnou.

“Sete vezes nove são setenta e sete, sete vezes nove são setenta e nove... não, noventa e sete. Oh, eu não sei... queria que o número sete nunca tivesse sido inventado”, disse Tineboy.

“Grá”, disse o Sr. Gralha.

O dia estava muito quente e Tineboy estava muito sonolento. Ele pensou que talvez seria capaz de resolver melhor o problema se ele descansasse um pouquinho, só para pensar; e assim, abaixou sua cabeça na carteira. Ele não estava muito confortável, pois sua testa estava no 7, ao menos ele achou que estava; assim, ele a mudou de posição até que ficou bem na beirada da carteira. Então, depois de um tempo, de alguma forma, coisas muito estranhas começaram a acontecer.

O Professor estava prestes a contá-los uma história.

Todos os alunos haviam se acomodado para escutar; o Corvo se sentou no peitoril da janela aberta, pendeu sua cabeça para um lado, fechou um olho – o olho mais perto da sala de aula – para que pensassem que estava dormindo, e escutou mais atentamente do que qualquer um deles.

Os pupilos estavam todos felizes – todos, exceto três. Um porque sua perna dormiu; outra porque ela tinha o bolso cheio de coalhada e queria comê-la, mas não conseguia comer sem ser descoberta, e a coalhada estava derretendo; e o terceiro estava com muito sono e muito ansioso para ouvir a história, mas não podia fazer uma coisa por causa da outra.

O mestre, então, começou sua história.

SOB O PÔR DO SOL

COMO O POBRE 7 FICOU LOUCO

O Médico de Alfabeto...

Aqui ele foi interrompido por Tineboy, que perguntou:

“O que é um Médico de Alfabeto?”

“Um Médico de Alfabeto”, disse o mestre, “é o médico que cuida das doenças e das enfermidades das letras do Alfabeto”.

“Como Alfabetos têm doenças e enfermidades?”, perguntou Tineboy.

“Oh, eles têm muitas. Você nunca fez um ‘o’ torto ou um ‘A’ maiúsculo com uma perninha manca, ou um ‘T’ que não tivesse as costas retas?”

Houve um coro de toda a sala: “Ele faz. Ele faz bastante”. Ruffin, o garoto maior, disse, após todos os outros: “Bastante mesmo. Na verdade, sempre”.

“Muito bem, então deve haver alguém para colocá-las retas novamente, não?”

Nenhuma das crianças pôde dizer que não. Ouviu-se Tineboy, sozinho, murmurar para si mesmo: “*Eu não acredito*”.

O mestre recomeçou...

O Médico do Alfabeto estava sentado tomando chá. Ele estava muito cansado, pois esteve cuidando de casos o dia todo.

Tineboy interrompeu de novo: “Quais casos?”

“Posso lhe contar. Ele teve de colocar um ‘i’ que havia sido omitido, e alterar a perna de um ‘R’ que havia se tornado um ‘B’”.

Bem, logo quando ele estava começando a tomar seu chá, houve uma batida rápida na porta. Ele foi até ela, abriu-a, e um estribeiro entrou apressado, sem fôlego por causa da corrida, e disse:

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Oh, Médico, venha rápido! Há uma calamidade em nossa casa.

“Qual é a sua casa?”, perguntou o médico.

“Oh, você sabe. Os Estábulos dos Números.”

“O que são os Estábulos dos Números?”, perguntou Tineboy, interrompendo novamente.

“Os Estábulos dos Números”, disse o Professor, “são os estábulos em que os números são guardados”.

“Por que eles são guardados em estábulos?”, perguntou Tineboy.

“Porque eles vão muito rápido.”

“Como eles vão muito rápido?”

“Pegue um problema, resolva-o e você verá imediatamente. Ou olhe na sua tabuada: começa com duas vezes um são dois e antes que você chegue ao fim da página você estará em doze vezes doze. Isso não é ir rápido?

“Bem, eles têm de guardar os números em estábulos, senão todos os números iriam fugir e nunca mais se ouviria falar deles. No fim do dia todos eles voltam para casa, trocam os sapatos, limpam-se e jantam.”

O Estribeiro dos Estábulos dos Números estava muito impaciente.

“Oh, pobre 7, senhor.”

“O que houve com ele?”

“Ele está quase morrendo. Pensamos que ele nunca irá conseguir.”

“Conseguir o quê?”, perguntou o Médico.

“Venha ver”, disse o Estribeiro.

O Médico apressou-se, levando a lanterna consigo, pois a noite estava escura, e logo chegou aos Estábulos.

SOB O PÔR DO SOL

Quando ele se aproximou, escutou-se um som muito curioso – um som ofegante e engasgado, gemidos e tosse, risadas, e um berro selvagem e sobrenatural, tudo ao mesmo tempo.

“Oh! Venha rápido!”, exclamou o Estripeiro.

Quando o Médico entrou nos estábulos lá estava o pobre número 7 com todos os vizinhos em volta dele, e ele estava muito mal. Estava espumando pela boca e aparentemente louco. A Enfermeira da Vila da Gramática estava segurando-o pela mão, tentando sangrá-lo. Todos os vizinhos estavam apertando com força as mãos ou os pescoços, ou estavam ajudando a segurá-lo. O Pezeiro, o homem, explicou o professor, vendo pela expressão no rosto de Tineboy que ele iria fazer uma pergunta, “o homem que coloca os pés nas letras e nos números para que eles fiquem em pé sem se cansar” – estava segurando o pobre número louco.

A Enfermeira, tentando acalmá-lo, disse:

“Pronto, pronto, querido... não faça barulho. Chegou aqui o bom Médico de Alfabeto, que vai deixar você são.”

“Não vou ficar são”, disse o 7, bem alto.

“Mas, meu caro senhor”, disse o Médico, “isso não pode continuar. Certamente você não está louco o bastante para insistir em estar louco?”

“Sim, estou”, disse o 7, bem alto.

“Então”, disse o Médico suavemente, “se você está louco o bastante para insistir em estar louco, devemos tentar curar sua loucura ou o seu estar louco, e então você ficará lúcido o bastante para querer não estar louco, e curaremos isso também.”

“Eu não estou entendendo”, disse Tineboy.

“Shh!”, fez a classe.

COMO O 7 FICOU LOUCO

O Médico tomou seu estetoscópio, seu telescópio, seu microscópio e seu horóscopo e começou a utilizá-los no pobre e louco 7.

Primeiro ele colocou o estetoscópio na sola de seu pé e começou a falar nele.

“Não é assim que se usa isso,” disse a Enfermeira. “Você deve colocá-lo no peito dele e depois auscultar.”

“De maneira alguma, minha cara senhora,” disse mansamente o Médico, “esse é o jeito que se faz nas pessoas sãs; mas, claro, quando alguém está louco, o caso da doença precisa de um método oposto de tratamento.” Então, ele tomou o telescópio e observou para verificar o quanto perto ele estava, e o microscópio para ver o quanto era pequeno. Então ele sacou seu horóscopo.

“Por que ele o sacou?”, perguntou Tineboy.

“Porque, meu filho querido”, disse o Professor, “você não vê que por direito um horóscopo é feito? Mas, porque o pobre homem estava louco, o horóscopo havia de ser sacado”.

“O que é um horróscopo?”, perguntou Tineboy.

“Não é horróscopo, meu filho; é um horóscopo – uma coisa muito diferente”.

“Bem, o que é horóscopo?”

“Procure em seu dicionário, querido”, respondeu o Professor.

Bem, quando o médico terminou de usar todos os seus instrumentos, ele disse: “Uso tudo isso a fim de encontrar o alcance da doença. Agora, começarei a encontrar a causa. No primeiro momento, interrogarei o paciente”.

“Bem, meu bom senhor, por que você insiste em estar louco?”

“Por que assim escolho.”

SOB O PÔR DO SOL

*“Oh, meu caro senhor, essa não é uma resposta polida.
Por que você escolhe?”*

*“Não posso dizer o porquê”, disse o 7, “a menos que eu
faça um discurso.”*

“Bem, faça um discurso.”

*“Não posso falar até que eu seja posto em liberdade;
como posso fazer um discurso com todas essas pessoas me
segurando?”*

*“Estamos com medo de te soltar,” disse a Enfermeira,
“você irá fugir”.*

“Não vou”.

“Você promete?”, perguntou o médico.

“Eu prometo”, disse o 7.

*“Soltem-no”, disse o Médico e, dessa forma, eles coloca-
ram um pedaço de tapete sob ele; o Pezeiro sentou-se em
sua cabeça, da maneira que fazem quando cavalos caem
na rua. Depois, todos se distanciaram, e o Pezeiro também
se distanciou. Depois de uma longa luta, o 7 se levantou.*

“Agora, faça o discurso”, disse o Médico.

*“Não posso começar”, disse o 7, “até que eu tenha um
copo de água em uma mesa. Quem já ouviu de qualquer
um discursando sem um copo de água?!”*

Então eles trouxeram um copo de água.

“Senhoras e Senhores...”, iniciou o 7, e então parou.

“O que está esperando?”, perguntou o Médico.

*“Por um aplauso, claro”, disse o 7. “Quem já ouviu falar
de um discurso sem aplausos?”*

Todos eles aplaudiram.

*“Estou louco”, disse o 7, “porque eu escolho estar louco;
e nunca irei, serei, poderei, deverei, seria, poderia ou viria a
ser qualquer coisa além de louco. O tratamento que recebo
é o suficiente para me deixar louco”.*

“Ora, ora!”, disse o Médico. “Que tratamento?”

COMO O 7 FICOU LOUCO

“De manhã, à tarde e à noite sou tratado pior do que qualquer escravo. Não há, em todo o alcance do aprendizado, qualquer coisa que tenha tanto a suportar quanto eu tenho. Trabalho duro o tempo todo. Nunca resmungo. Sou frequentemente um múltiplo, frequentemente um multiplicando. Estou disposto a suportar meu quinhão de ser um resultado, mas não posso aguentar o tratamento que recebo; e, além disso, eles não são órfãos como eu”.

“Órfãos?”, perguntou o Médico, “o que quer dizer?”

“Quero dizer que os outros números têm muitas relações. Mas não tenho parentes ou família – exceto o velho Número 1, e ele não conta muito; e, além disso, sou somente seu ta-ta-ta-taraneto”.

“De que maneira?”, perguntou o Médico.

“Oh, ele é um velho camarada que está presente o tempo todo. Ele tem todos os seus filhos à sua volta, e eu venho somente seis gerações depois”.

“Hunf!”, exclamou o Médico.

“O Número 2”, continuou o 7, “nunca entra em confusão, e o 4, o 6 e o 8 são seus primos. O Número 3 é próximo do 6 e do 9. O Número 5 é um meio décimo e nunca se mete em confusão. Mas, quanto a mim, sou um miserável, maltratado e sozinho”. Aqui o pobre 7 começou a chorar e, arqueando sua cabeça, soluçou amargamente.

Quando o Professor chegou a esse ponto houve uma interrupção, pois aqui o pequeno Tineboy também começou a chorar.

“Por que está chorando?”, perguntou Ruffin, o garoto brigão.

“Não estou chorando”, disse Tineboy, e soluçou mais rápido do que nunca.

O Professor continuou a história.

O Médico de Alfabeto tentou alegrar o pobre 7.

SOB O PÔR DO SOL

“Escute, escute!”, disse ele.

O 7 parou de chorar e olhou para ele. “Não”, ele disse, “você deve dizer ‘fale, fale’; sou eu quem deveria dizer ‘escute, escute’”.

“Certamente”, disse o Médico, “você diria isso se fosse são; mas, por outro lado, você não é são, e, estando louco, você diz o que não deveria dizer”.

“Isso é falso”, disse o 7.

“Eu entendo”, disse o Médico, “mas não interrompa para discutir esse ponto. Se você fosse são você diria ‘isso é verdade’, mas você diz ‘isso é falso’, querendo dizer que concorda comigo”.

O 7 pareceu satisfeito em ser tão compreendido.

“Não”, disse ele – querendo dizer “sim”.

“Então”, continuou o Médico, “se você disser ‘fale, fale’, quando um homem são diria ‘escute, escute’, claro, eu diria ‘escute, escute’ quando quisesse dizer ‘fale, fale’ porque estou falando com um louco”.

“Não, não”, disse o 7 – querendo dizer “sim, sim”.

“Continue seu discurso”, disse o Médico.

O Número 7 pegou seu lenço e chorou.

“Senhoras e senhores”, ele continuou, “mais uma vez eu devo advogar a causa do número pobre e mal-usado – que sou eu – este número órfão – este número sem parentes...”

Aqui Tineboy interrompeu o Professor: “Como ele não tinha parentes?”

“Parentes, minha criança. Parentes, e não parentes”, disse o Professor.

“Qual a diferença entre parentes e parentes?”, perguntou Tineboy.

“Ficará muito pouco aparente”, disse o Professor, “a diferença entre esta bengala e seu couro se você interromper”. Assim, Tineboy ficou quieto.

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Bem”, seguiu o professor, “o pobre 7 continuou: imploro sua piedade para este número miserável. Oh, vocês, garotos e garotas, pensem em um pobre número desolado, que não tem casa, nem amigos, nem pai, mãe, irmão, irmã, tio, tia, sobrinho, sobrinha, filho, filha ou primo, e está desolado e sozinho”.

Aqui, Tineboy soltou um urro terrível.

“Por que está chorando?”, perguntou o Professor.

“Eu quero que o velho e pobre 7 seja mais feliz. Eu darei a ele um pedaço de meu lanche e uma parte da minha cama”.

O Professor voltou-se ao Monitor.

“Tineboy é uma boa criança”, ele disse, “deixe-o, para a próxima semana, aprender 7 vezes o e talvez isso irá reconfortá-lo”.

O Corvo, sentado na janela, piscou seu olho para si mesmo e saltitou no entorno com um grasnado contido e contente, balançou suas asas, e pareceu estar se abraçando e rindo. Então, saltitou para longe, subiu com a ponta das patas e se escondeu em cima da estante de livros.

O Mestre continuou sua história.

Bem, crianças, depois de um tempo o pobre 7 melhorou e prometeu que ele ficaria deslouco. Antes de o Médico ir novamente para casa, todas as Crianças Alfabeto e Número vieram e apertaram a mão do pobre Número 7, e prometeram que eles seriam mais bonzinhos com ele no futuro.

“Então, crianças, o que vocês acham da história?”

Todos elas disseram que gostaram, que era bela, e que tentariam também ser mais bonzinhos com o pobre 7 no futuro. Por fim, Ruffin, o valentão, disse:

“Eu não acredito. E, se for verdade, eu gostaria que ele tivesse morrido; ficaríamos melhor sem ele”.

SOB O PÔR DO SOL

“Ficaríamos?”, perguntou o professor. “Como?”
 “Porque não nos importaríamos com ele”, disse Rufin.

No momento em que ele disse isso, ouviu-se um tipo de grsnado esquisito emitido pelo Corvo, mas ninguém se importou, exceto Tineboy, que disse:

“Sr. Gralha, você e eu amamos o pobre 7, em todo caso”. O Corvo odiou Ruffin porque ele sempre jogava pedras nele, e tentara puxar as penas de sua cauda; e enquanto Ruffin falava, seu grsnado parecia significar: “Espere só”. Quando ninguém mais estava olhando, o Sr. Gralha saltitou para cima e se escondeu nas vigas.

Então, na mesma hora, a escola acabou e Tineboy foi para casa. Mas ele não conseguiu achar o Sr. Gralha. Pensou que ele estivesse perdido, que estava muito infeliz, e foi para cama chorando.

Nesse meio tempo, quando a escola estava trancada e vazia, o Sr. Gralha saiu das vigas muito, muito quietamente – saltitou por sobre a porta e, abaixando sua cabeça, escutou; então, voou e escalou a maçaneta da porta, e olhou pela fechadura. Não havia nada para ver e nada para ouvir.

Então, ele se ergueu na mesa do Mestre, bateu suas asas, e começou a grsnar como um galo, porém muito suavemente, com medo de ser ouvido.

Imediatamente, sobrevoou toda a sala, voando até as grandes folhas da tabela de multiplicação, virando as folhas dos livros com suas garras e pegando Alguma coisa com seu bico afiado.

Seria difícil de acreditar, mas ele estava roubando todos os Números Sete daquele lugar; retirou o Sete do relógio, raspou-o da lousa e borrou-o do quadro negro com suas asas.

COMO O 7 FICOU LOUCO

O Sr. Gralha sabia que, uma vez que você tirasse a inteireza de qualquer número de uma escola, ninguém mais poderia usá-lo sem pedir sua licença.

Enquanto ele estava tirando todos os Setes, inchou muito; e quando ele os retirou todos, ele ficou exatamente Sete vezes maior do que seu tamanho natural.

Ele não foi capaz de fazer tudo isso de uma vez. Levou-lhe a noite toda, e quando voltou para seu canto nas vigas era quase hora de a escola abrir.

Ele estava agora tão grande que conseguiu somente se espremer no canto e mais nada.

A hora da escola chegou, mas não havia Mestre e não havia Alunos. Toda uma hora passou; e então o Mestre chegou, e os Bedéis, e todos os Garotos e as Garotas.

Quando todos eles estavam na sala, o Mestre disse:

“Vocês todos estão muito atrasados”.

“Por favor, senhor, não pudemos evitar”.

Eles todos responderam juntos...

“Por que não puderam evitar?”

“Não fui acordado a tempo”.

“A que horas vocês são acordados toda manhã?”

Todos eles pareceram prestes a falar, mas ficaram calados.

“Por que não respondem?”, perguntou o Professor.

Eles fizeram movimentos com suas bocas como se falando, mas ninguém disse nada.

O Corvo, em seu canto, emitiu um grsnado, rindo silenciosamente só para si mesmo.

“Por que não respondem?”, perguntou novamente o Professor. “Se não responderem imediatamente à minha pergunta, vou mantê-los todos aqui dentro”.

“Por favor, senhor, não conseguimos”, disse um aluno.

“Por que não?”

SOB O PÔR DO SOL

“Porque...”

Aqui, Tineboy interrompeu, “*Por que se atrasou tanto, senhor?*”.

“Bem, meu filho, peço desculpas por ter me atrasado; mas o fato é que meu criado não bateu à minha porta na hora normal”.

“*Que hora, senhor?*”, perguntou Tineboy.

O Professor pareceu como se fosse falar, mas parou.

“Isso é muito estranho”, ele disse, depois de uma longa pausa.

Ruffin disse, de uma maneira fanfarrona: “Não estamos atrasados de modo algum. Você está aqui e nós estamos aqui – isso é tudo”.

“Não, isso não é tudo”, disse o Professor. “As horas são dez, e agora são onze – perdemos uma hora”.

“Como perdemos uma hora?”, perguntou um dos Alunos.

“Bem, isso é o que está me confundindo. Precisamos esperar um pouco para ver”.

Aqui, Tineboy disse de repente: “*Talvez alguém roubou!*”

“Roubou o quê?”, perguntaram os alunos.

“*Não sei*”, disse Tineboy.

Todos riram.

“*Vocês não precisam rir, algo foi roubado; olhem para a minha lição!*”, disse Tineboy e segurou alto o livro. Aqui está o que eles viram:

—

1
s o 

—

—

2

COMO O 7 FICOU LOUCO

"

14

-

3

"

21

-

4

"

28

-

5

"

35

-

6

"

42

-

-

"

49

-

8

"

56

-

9

"

63

-

10

"

SOB O PÔR DO SOL

-0

Todos os Alunos rodearam Tineboy para olhar o livro. Ruffin não foi, pois ele estava olhando o relógio da escola.

“O relógio perdeu alguma coisa”, ele disse, e com certeza não parecia certo.

O Professor olhou para cima – pois ele estava inclinado com sua cabeça em sua mesa, grunhindo.

“O que há de errado?”, ele perguntou.

“Algo está faltando”.

“Falta um número; há somente onze números”, disse o Professor.

“Não, não”, disseram os Alunos.

“Conte-os, Ruffin”, pediu o Mestre.

“1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12”.

“Certo”, disse o Professor, “você vê que há doze números. Não, não há – sim, há – não – sim – não, sim – o que está havendo?”, e olhou em torno da sala, e inclinou sua cabeça novamente em sua mesa e grunhiu.

Nesse meio tempo, o Corvo havia rastejado pelas vigas até que chegou acima da mesa do Professor; e então ele pegou um Sete grande e pesado e deixou-o cair no pequeno pedaço careca no topo da cabeça do Professor. Ele rebateu na cabeça e caiu na mesa em frente a ele. No instante em que o Professor o viu, descobriu o que estava querendo o tempo todo. Ele cobriu o Sete com um pedaço de papel borrão. Então, chamou Ruffin.

“Ruffin, você me disse que algo estava faltando – tem certeza?”

“Sim, claro”.

“Muito bem. Lembra-se que você disse ontem que queria que um certo Número morresse em um manicômio?”

“Sim, eu lembro; e ainda quero”.

COMO O 7 FICOU LOUCO

“Bem, esse Número foi roubado por alguém durante a noite”.

“Viva!”, disse Ruffin e jogou seu livro ao teto. Ele acertou o pobre Sr. Corvo, que tinha outro Sete em seu bico prestes a deixá-lo cair, e deixou cair esse Sete. Ele caiu no chapéu de Tineboy, que o segurou sem sua mão. Pegou-o, inclinou-se e fez-lhe carinhos.

“Pobre 7”, disse Tineboy.

“Me dê o Número”, disse Ruffin.

“Não darei. Ele pertence a mim”.

“Então vou te obrigar”, disse Ruffin. Ele agarrou Tineboy – mesmo na frente do rosto do Mestre.

“Me deixa. Não te darei meu pobre Sete”, disse Tineboy, e ele começou a gritar e a chorar.

“Ruffin, afaste-se”, ordenou o Mestre.

Ruffin afastou-se.

“Sete vezes sete?”, perguntou o Mestre.

Ruffin não respondeu. Ele não o poderia, pois ele não tinha um Sete.

“Eu sei”, disse Tineboy.

“Ah, sim”, disse Ruffin, com um olhar de desprezo, “ele sabe porque tem um Número”.

“Quarenta e nove”, disse Tineboy.

“Correto”, disse o Mestre; “venha para a frente, Tineboy”.

Então Tineboy foi para a frente da sala, e Ruffin para trás.

“Sete vezes quarenta e nove?”, perguntou o Mestre.

Todos ficaram em silêncio.

“Vamos, respondam!”, exclamou o Mestre.

“Quanto é? Sim, você mesmo!”, disse Tineboy.

SOB O PÔR DO SOL

“Bem, meu filho, perdão, mas não posso falar. Céus, é muito estranho”, e o Mestre abaixou sua cabeça em sua mesa novamente, e grunhiu mais alto do que nunca.

Bem nesse momento, o Sr. Gralha tomou outro sete e derrubou-o no chão na frente de Tineboy.

“Trezentos e quarenta e três,” disse Tineboy, rapidamente; pois agora ele podia responder, já que tinha outro Sete.

O Professor levantou a cabeça e riu alto.

“Viva! Viva!”, ele disse.

Quando o terceiro Sete caiu, o Corvo começou a inchar.

Ela ficou sete vezes maior do que era, de forma que começou a levantar as telhas do telhado.

Todos os Alunos olharam para cima; Ruffin tinha sua boca aberta, e o Sr. Gralha, ansioso por se livrar dos Setes, soltou um dentro dela.

“Dois mil, quatrocentos e um”, Ruffin balbuciou.

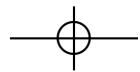
O Sr. Gralha soltou outro Sete em sua boca, e ele balbuciou novamente, mais do que nunca: “Dezesseis mil, oitocentos e sete”.

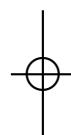
O Corvo começou a atirar Setes nele tão rápido quanto podia; e a cada vez que ele atirava um Sete, ficava menor e menor, até que ficou do seu tamanho natural.

Ruffin continuou a balbuciar e a ofegar números tão rápido quanto jamais pôde, até que o rosto ficou preto e ele caiu em convulsão assim que chegou a “setenta e nove mil e setecentos e noventa e dois bilhões, duzentos e sessenta e seis mil e duzentos e noventa e sete milhões, seiscentos e doze mil e um”.

De repente, Tineboy acordou e viu que estivera sonhando com sua cabeça abaixada.

COMO O 7 FICOU LOUCO





Mentiras e lírios

Claribel vivia em paz e feliz com seu pai e sua mãe desde o tempo em que ela era um bebezinho até quando, aos dez anos, foi para a escola.

Seus pais eram pessoas boas e adoráveis, que amavam a verdade e tentavam sempre andar no caminho dos justos. Eles ensinaram a Claribel todas as coisas boas, e sua mãe, Fridolina, costumava levá-la todo dia quando ia visitar e consolar os doentes.

Quando Claribel foi para a escola, ela ficara ainda mais feliz, pois não somente ela tinha sua casa como sempre a tivera, mas também tinha muitos amigos novos que eram da sua idade e os quais viria a conhecer e a amar. A professora era muito boa e muito gentil e muito velha, com um belo cabelo branco e um rosto doce e gentil que nunca parecia duro ou sério, exceto quando alguém contava uma mentira. Então, o sorriso desaparecia de seu rosto; e era como a mudança no céu quando o sol se punha, e então ela ficava séria e chorava silenciosamente. Se a criança que tinha sido malvada confessasse o erro e prometesse nunca mais contar uma mentira, o sorriso retornaria como a luz do sol. Mas se a criança persistisse na mentira, seu rosto se tornaria sério, e depois o olhar sério ficaria na memória do mentiroso, mesmo quando ela não estivesse presente.

SOB O PÔR DO SOL

Todo dia ela falava a todas as crianças sobre a beleza da Verdade e como uma mentira era uma coisa muito obscura e terrível. Ela também lhes contava histórias do Belo Livro; uma que ela amava, e que eles amavam também, era sobre a Bela Cidade onde as pessoas boas vão viver depois daqui.

As crianças nunca se cansavam de ouvir sobre aquela Cidade, limpida como cristal de jaspe, com seus doze portões com nomes escritos neles; e faziam perguntas à Professora sobre o Anjo que mediou a Cidade com um juncos dourado. Sempre perto do fim da história, a voz da Professora se tornava muito séria, e um silêncio se entrinhava nas crianças, e elas ficavam mais juntas umas das outras, espantadas, quando ela lhes contava que fora daquela bela cidade era condenado a ficar de pé para sempre “todo aquele que amava e contava uma mentira”.

Então, a boa Professora contava a eles que coisa terrível seria ficar ali fora, e perder toda a beleza e a glória eterna que havia lá dentro. E tudo por um erro que nenhum ser humano precisava cometer – contar uma mentira. As pessoas não ficam muito bravas mesmo quando um erro era cometido quando a verdade é contada de uma vez; mas se um erro fosse piorado por uma mentira, então todo mundo ficava bravo com razão. Se homens e mulheres, até mesmo pais e mães que amam seus filhinhos com muito carinho, ficam bravos, o quanto mais bravo vai ficar Deus contra quem o pecado da mentira é cometido?

Claribel amava essa história e muitas vezes chorava quando pensava nas pobres pessoas que tinham de ficar fora da Bela Cidade para sempre, mas ela nunca pensou que ela mesma iria contar uma mentira. Na verdade, ela nunca pensou, até que veio a tentação. Quando as pessoas pensam muito bem de si mesmas, perigam cometer

MENTIRAS E LÍRIOS

um pecado, pois, se não ficarmos sempre atentos para o mal, certamente faremos algo errado; e porque Claribel não temia mal algum, ela era facilmente levada ao pecado.

As crianças estavam todas com seus problemas de matemática. Algumas delas sabiam a aritmética, conseguiam suas respostas e provavam-nas; mas algumas não conseguiam a resposta certa, e outras empacavam e não conseguiam resposta alguma. Algumas crianças levadas nem mesmo tentavam chegar nas respostas, mas faziam desenhos em suas lousas e escreviam seus nomes. Claribel tentou resolver seus problemas, mas ela não conseguia lembrar 9 vezes 7, e ao invés de começar em “duas vezes um são dois” e ir aumentando, ela ficou sem vontade e preguiçosa e desistiu do problema, e fez começos de desenhos e desistiu deles também. Ela olhou para a janela pensando em algo para desenhar e viu nos vidros de baixo flores coloridas pintadas para impedir que as crianças olhassem para as pessoas lá fora durante as lições. Claribel olhou fixo para uma dessas flores, um lírio, e começou a desenhá-lo.

Skooro viu-a olhando e começou seu trabalho maléfico. Para ajudá-la a fazer o que ela não devia, ele tomou a forma de um lírio e se colocou em formas muito apagadas na lousa de modo que ela tinha somente de desenhar em volta de seus contornos, e então teria desenhado um lírio. Agora, não é errado desenhar um lírio, e se Claribel o tivesse desenhado na hora certa, ela teria sido elogiada; mas uma coisa boa pode se tornar uma coisa má se for feita de modo errado – e assim era com o lírio de Claribel.

Depois de um instante, a Professora pediu as lousas. Quando Claribel trouxe a dela, sabia que tinha errado e estava arrependida; mas ela só estava arrependida por-

SOB O PÔR DO SOL

que estava com medo de ser punida. Quando a Professora perguntou as respostas, ela baixou a cabeça e disse que não tinha conseguido.

“Você tentou?”, perguntou a Professora.

“Sim”, ela respondeu, sentindo que tinha tentado por um tempo.

“Ficou preguiçosa?”, perguntaram-lhe. “Você fez alguma coisa além de seus problemas?” Então ela percebeu que, se contasse, teria problemas por ter ficado preguiçosa; e, então, esquecendo tudo sobre a Cidade de Jaspe e aqueles que estão condenados a ficar fora de seus belos portões, ela respondeu que não tinha feito mais nada a não ser os problemas. A professora acreditou em sua palavra – pois ela sempre fora verdadeira – e disse:

“Você ficou confusa, suponho, minha querida. Deixe-me ajudá-la”, e gentilmente lhe mostrou como resolver o problema.

Quando estava voltando para seu assento, Claribel abaixou sua cabeça, pois sabia que havia contado uma mentira, e, apesar de agora nunca precisar ser descoberta, ficou triste e se sentiu como se estivesse no lado de fora da Cidade cintilante. Mesmo naquele momento, se ela tivesse corrido para a professora e tivesse dito: “Eu errei; mas serei de novo uma criança melhor”, tudo ficaria bem; mas ela não o fez, e a todo minuto que passava isso se tornou mais difícil de fazer.

Logo depois a aula terminou, e Claribel foi triste para casa. Ela não se interessou em brincar, pois havia contado uma mentira, e seu coração estava pesaroso.

Quando chegou a hora de dormir, ela se deitou cansada, mas não conseguiu dormir; e chorou amargamente, pois não conseguiu rezar. Estava arrependida deter contado uma mentira, e achou bem difícil o fato de que sua

MENTIRAS E LÍRIOS

aflição não era suficiente para deixá-la novamente feliz. Mas sua consciência disse: “Vai confessar amanhã?” Mas ela pensou que não seria necessário, pois o pecado havia chegado ao fim e ela não havia feito mal a ninguém. Mas todo o tempo ela soube que havia errado. Tivesse a professora falado sobre isso, ela teria dito: “É sempre assim, querida. Um pecado não pode ser expiado até que a vergonha tenha vindo primeiro; pois sem a vergonha e o reconhecimento da culpa, o coração não pode ficar limpo de pecados”.

Finalmente, Claribel chorou até dormir.

Então, quando ela dormiu, a Criança Anjo entrou furtivamente no quarto e passou por cima de suas pálpebras, de modo que até mesmo em seu sono ela vira a bela luz, e pensou sobre a Cidade como uma pedra jaspe, límpida como cristal, com seus doze portões com nomes escritos nele. Sonhou que vira o Anjo com o junco dourado medindo a cidade, e Claribel ficou tão feliz que se esqueceu totalmente de seu pecado. A Criança Anjo conhecia todos os pensamentos dela, e ficou menor e menor até que toda a sua luz se extinguiu. E para Claribel, em seu sonho, tudo pareceu ficar enegrecido, e ela sabia que estava de pé no lado de fora do portão da Bela Cidade. O Anjo, que segurava o junco dourado de medir, estava nas ameias da cidade, e, com uma voz terrível, disse:

“Claribel, ficai no lado de fora; vós contais e amais uma mentira”.

“Oh, não”, disse Claribel, “Não a amo”.

“Então por que não confessais vosso erro?”

Claribel calou-se. Mas ela não iria confessar seu pecado, pois seu coração estava firme; o Anjo levantou seu junco dourado e, veja!, brotou um belo lírio. Então, o Anjo disse:

SOB O PÔR DO SOL

“Os lírios crescem somente para os puros, que vivem dentro da cidade; vós deveis ficar aqui fora entre os mentirosos”.

Claribel viu as paredes jaspe diante de si se elevando cada vez mais alto, e soube que elas eram uma barreira eterna e que deveria para sempre ficar do lado de fora da Bela Cidade. E, em angústia e horror, ela sentiu o quão profundo fora seu pecado, e desejou confessá-lo.

Skooro viu que ela estava se arrependendo, pois ele, também, podia ver seus pensamentos, e com a escuridão de sua presença tentou apagar todo o sonho da Bela Cidade.

Mas a Criança Anjo infiltrou-se em seu coração e deixou-o leve; a semente da penitência cresceu e floresceu.

Claribel acordou cedo, levantou-se, e contou à sua professora seu pecado, e ficou feliz mais uma vez.

Por toda sua vida ela amou os lírios, pois refletia sobre sua mentira e sua penitência por causa dela, e que os lírios crescem dentro da Cidade Jaspe, que é somente para os puros.

O castelo do rei

Muito longe, na beira de um grande riacho que se estendia para o interior desde o mar infinito, havia uma tranquila vila.

Aqui os lavradores levavam uma vida feliz e próspera. Eles se levantavam cedo, de forma que na manhã fria e gris ouviam a cotovia, totalmente invisível nas alturas da manhã, cantando o hino matinal do qual ela nunca se esquece.

Quando o pôr do sol vinha furtivo, eles retornavam às suas casas, felizes pelo que o resto do cair da noite trazia a eles.

No outono, quando a colheita devia ser feita, eles trabalhavam até tarde, como eram capazes de fazê-lo; pois, naquela época, o bom Sol e sua esposa, a Lua, tinham um pacto de que ajudariam aqueles que trabalhassem na colheita. Então o sol ficava no céu um pouco mais, e a lua saía de sua cama no horizonte um pouco mais cedo; assim, havia sempre luz para trabalhar.

A lua rubra, larga e cheia, que olha os lavradores trabalhando de cima, é chamada de Lua da Colheita.

O Senhor da Mansão dessa vila pacífica era um homem muito bom e agradável, que sempre ajudava os pobres. Na hora da refeição, a porta de sua mansão ficava aberta, e todos os que estavam com fome poderiam entrar, se assim escolhessem, e tomar assento à mesa, sendo hóspedes bem-vindos.

SOB O PÔR DO SOL

Esse Senhor da Mansão tinha três filhos, Sibold e May, e um Garotinho que havia acabado de chegar em casa, ainda sem ter um nome.

Sibold havia acabado de chegar a seu oitavo aniversário e May estava a dois meses de seu sexto. Eles gostavam muito um do outro – como irmãos e irmãs devem gostar – e faziam todas as brincadeiras juntos. May pensava que Sibold era muito grande e forte, e qualquer coisa que ele desejasse fazer ela sempre concordava.

Sibold adorava achar coisas e fazer explorações; e, em épocas diferentes, as duas crianças rondaram por todos os domínios de seu pai.

Eles tinham certos abrigos secretos dos quais ninguém sabia exceto eles mesmos. Alguns eram lugares extraordinários e deleitáveis.

Um ficava no centro de um Carvalho oco no qual viviam tantos esquilos que os galhos eram quase como ruas de uma cidade devido às idas e vindas deles.

Outro lugar ficava no topo de uma rocha, que era alcançado somente por um caminho estreito entre altos arbustos de heras. Aqui havia um tipo de cadeira grande cinzelada na rocha, na qual cabia somente os dois; e para aqui eles frequentemente levavam seu almoço e se sentavam metade do dia observando sobre os topos das árvores onde, bem longe na distância, a borda alva do horizonte se deitava no mar cintilante.

Então, eles contavam um ao outro as coisas que pensavam, e o que gostariam de fazer, e o que tentariam fazer quando crescessem.

Havia também outro lugar que lhes era o favorito entre todos.

Era embaixo de um grande Salgueiro Chorão. Essa era uma árvore vigorosa, com muitas centenas de anos,

O CASTELO DO REI

que se erguia alta acima de outras árvores que pontuavam a relva. Os longos galhos caíam tão espessos que, até mesmo no inverno, quando as folhas tinham caído e os galhos estavam nus, mal se podia ver dentro do buraco oco que havia ali dentro.

Quando a nova roupagem da primavera voltava, a árvore toda, de seu cimo mais alto até o solo musgado do qual ela se elevava, tornava-se uma abundância de verde sólido; e era difícil entrar nela mesmo se se soubesse o caminho.

Em um lugar, um dos galhos longos tinha sido, há muito tempo, quebrado em uma grande tempestade que havia posto abaixo muitas árvores na floresta; mas os galhos que pendiam perto dele lançaram novas copas para preencher o espaço vazio, e, assim, a abertura foi coberta com ramos finos ao invés de galhos fortes.

No verão, as folhas cobriam tudo com uma multidão de verde; mas aqueles que conheciam a abertura podiam empurrar de lado os ramos e, assim, entrar no caramanchão.

Era um caramanchão muito belo. Não importava o quão forte o sol brilhava lá fora, dentro era fresco e agradável. Desde o chão até mesmo ao topo, até o próprio dossel em que os galhos pretos, encontrando-se, formavam uma massa escura, tudo era de um verde delicado, pois a luz lá de fora entrava pelo meio das folhas suave e docemente.

Sibold e May pensavam que assim o mar devia parecer às Sereias, que cantam e penteiam seus longos cabelos com pentes dourados nas profundezas frias do oceano.

Na relva ao redor dessa grande árvore havia muitos canteiros de belas flores. Ásteres, com seus rostos largos de muitas cores, olhando fixos diretamente ao sol sem

SOB O PÔR DO SOL

mesmo piscar os olhos, e ao por onde esvoaçavam belas borboletas ao seu redor, com suas asas como arco-íris ou pavões ou pores do sol ou nada que fosse mais belo. A doce Reseda, sobre a qual pairavam abelhas com um zumbido agradecido. Amores-perfeitos, com seus rostos grandes e delicados tremendo em seus caules delgados. Tulipas, abrindo suas bocas ao sol e à chuva; pois a Tulipa é uma flor gananciosa, que abre tanto sua boca até que, de tão aberta, sua cabeça se desfaz em pedaços e ela morre. Jacintos, com seus muitos sinos agrupados em um galho – como uma grande festa de família. Grandes Gi-rassóis, cujos rostos pendentes brilhavam como filhos do próprio parente, o Sol.

Havia também grandes Papoulas, com folhas espraiadas e descuidadas, caules grossos e suculentos, e grandes flores escarlates, que erguiam e pendiam como bem quisessem, e que pareciam muito livres e descuidadas e independentes.

Tanto Sibold quanto May amavam essas Papoulas, e iam todos os dias olhá-las. Nos canteiros, na relva muggosa, da qual se erguia o grande Salgueiro, elas cresciam a tamanhos enormes, tão altas que, quando Sibold e May ficavam de mãos dadas junto ao canteiro, as grandes Papoulas se elevavam acima deles, até que Sibold, ficando na ponta dos pés, não pudesse alcançar as flores escarlates.

Um dia, depois do desjejum, Sibold e May levaram consigo seu almoço, e saíram para passar o dia juntos passeando entre os bosques, pois era uma festa para eles. Um pequenino irmão Garotinho havia chegado na casa, e todos estavam ocupados arrumando coisas para ele. As crianças haviam-no visto somente por um instante.

O CASTELO DO REI

De mãos dadas, Sibold e May percorreram todos os seus lugares favoritos. Eles olharam a caverna no Carvalho, e diziam “Como vai o senhor?” a todo esquilo que vivia na árvore, e contavam-lhes sobre o novo Bebê que havia chegado em casa. Depois, eles foram à rocha, e sentaram-se juntos no assento, e observaram o mar distante.

Eles ficaram ali por um tempo sob a luz do sol quente, e falaram do pequeno e querido irmãozinho bebê que haviam visto. Eles se perguntaram de onde ele havia vindo, e fizeram um plano: procurariam e procurariam até que eles também encontrassem um bebê. Sibold disse que ele deve ter vindo lá do mar e ter sido colocado no canteiro de salsa pelos Anjos, de maneira que uma enfermeira pudesse encontrá-lo ali e levá-lo para confortar sua pobre mãe doente. Assim, eles pensaram como seriam capazes de partir para além do mar, e planejaram que algum dia o barco de Sibold seria aumentado, e eles entrariam nele e partiriam pelos mares, e procurariam outro bebezinho só para eles.

Depois de um tempo, eles se cansaram de se sentar no sol quente; então, deixaram o lugar e, de mãos dadas, perambularam até que chegaram na relva plana onde o grande Salgueiro estava, e onde os canteiros de flores faziam o ar parecer cheio de cor e de perfume.

De mãos dadas eles caminharam, olhando as borboletas, e as abelhas, e os pássaros, e as belas flores.

Em um canteiro encontraram uma nova flor que aparecera. Sibold a conhecia e contou a May que era um Lírio Asiático; ela teve medo de se aproximar da flor até que ele disse a ela que a flor não a machucaria, pois era somente uma flor.

SOB O PÔR DO SOL

À medida que caminhavam, Sibold colhia algumas flores de cada canteiro e as dava à sua irmã; quando eles estavam se afastando do Lírio Asiático, ele puxou a flor, e, porque May tinha medo de carregá-la, ele mesmo a levou.

Por fim, eles chegaram ao grande canteiro de Papoulas. As flores pareciam tão brilhantes e frescas, devido a toda sua cor, e tão desocupadas, que May e Sibold pensaram, ambos ao mesmo tempo, que elas gostariam de acompanhá-los no Caramanchão do Salgueiro, pois estavam indo comer lá e desejaram que o lugar estivesse tão feliz e belo quanto possível.

Mas, antes, eles voltaram ao Carvalho para recolher muitas folhas, pois Sibold sugeriu que fariam do novo bebê irmão o Rei do Banquete, e que eles iriam fazer a ele uma coroa de carvalho. Como ele não estaria lá em pessoa, eles colocariam a coroa onde eles a pudessem ver bem.

Quando chegaram ao Carvalho, May exclamou:
“Oh, olhe, Sibold, olhe, olhe!”

Sibold olhou, e viu que em quase todos os galhos havia um monte de esquilos sentados dois a dois, com suas caudas peludas sobre suas costas, comendo nozes tão ávidos quanto podiam.

Quando os esquilos os viram, não tiveram medo, pois as crianças nunca haviam feito mal algum a eles. Eles deram todos juntos um tipo de grasnada estranho e um pulinho engraçado. Sibold e May começaram a rir, mas eles não gostaram da perturbação, e voltaram ao canteiro de Papoulas.

“Agora, Sibold, querido”, disse May, “precisamos pegar muitas Papoulas, pois o querido Be gosta muito delas”.

“Como você sabe?”, perguntou Sibold.

O CASTELO DO REI

“Porque ele deve gostar”, ela respondeu. “Você e eu gostamos, e ele é nosso irmão, então claro que ele gosta”.

Então Sibold colheu muitas Papoulas, e algumas delas ele apanhou junto com muitas folhas verdes frescas até que ficaram, cada um, com um braço cheio delas. Então, juntaram todas as outras flores e entraram no Caramanchão do Salgueiro para comer. Sibold foi à fonte que nascia no jardim e que corria ao mar. Ali ele encheu seu gorro com água e trouxe-o tão devagar quanto pôde para que não derramasse muito, e voltou ao caramanchão. May segurou abertos os galhos folhados quando ele chegou; quando ele passou, ela os deixou cair novamente. Quando a cortina de folhas estava pendurada toda em volta deles, as duas crianças ficaram sozinhas no Caramanchão do Salgueiro.

Então se puseram a trabalhar para adornar sua cabana folhada com as flores. Eles as torceram em torno de galhos pendurados, e fizeram uma coroa de flores e a colocaram em volta do tronco da árvore. Em toda parte, eles colocaram as Papoulas no lugar mais alto que alcançavam, e então Sibold segurou May no alto enquanto ela enfiava os Lírios Asiáticos em uma fissura no tronco de árvore em cima de todas as outras flores.

Então as crianças se sentaram para comer. Os dois estavam muito cansados e com muita fome, e apreciaram muito o descanso e a comida. Havia somente uma coisa que eles queriam, e essa coisa era o novo Irmãozinho Bebê, para que pudessem fazê-lo o rei do banquete.

Quando a refeição terminou, eles se sentiram muito cansados; então, deitaram-se juntos com suas cabeças uma no ombro do outro e seus braços entrelaçados; e ali eles foram dormir com as Papoulas escarlates acenando em todo o entorno.

SOB O PÔR DO SOL

Depois de um tempo, eles não estavam mais dormindo. Não parecia ser mais tarde no dia, mas sim de manhã cedo. Nenhum deles se sentiu nem um pouco sonolento ou cansado; ao contrário, ambos queriam partir para uma expedição mais longa do que nunca.

“Venha ao riacho”, disse Sibold, “e saímos em meu barco”.

May levantou-se, e eles abriram a porta de folhas e saíram. Desceram ao riacho, e lá encontraram o barco de Sibold com todas as suas velas armadas.

“Vamos entrar”, disse Sibold.

“Por quê?”, perguntou May.

“Porque assim podemos velejar”, ele respondeu.

“Mas ele não vai nos aguentar; é pequeno demais”, disse May, que estava um tanto com medo de velejar, mas não queria dizê-lo.

“Tentemos”, disse seu irmão. Ele tomou a corda que amarrava o barco à margem e puxou-a. A linha parecia muito longa, e Sibold parecia estar puxando-a já por um bom tempo. De qualquer maneira, o barco por fim chegou. À medida que se aproximava, ficava cada vez maior, até que, quando tocou a margem, eles viram que era grande o bastante para aguentar os dois.

“Vamos, vamos entrar”, disse Sibold.

De alguma forma, May não sentia mais medo. Ela entrou no barco e descobriu que ali havia almofadas de seda da cor das flores de Papoula. Então Sibold entrou, e afastou a corda que amarrava o barco à margem. Ele se sentou na popa, e segurou o leme em sua mão; May se sentou em uma almofada no fundo do barco e se segurou nas bordas.

O CASTELO DO REI

As velas brancas inflaram com uma brisa suave, e eles começaram a se afastar da margem; as pequenas ondas se agitaram com a proa do barco. May ouvia o marulhar das ondas quando elas tocavam a proa, e então se deitou.

O sol luzia muito brilhante. A água estava tão azul quanto o céu e tão límpida que as crianças podiam ver lá nas profundezas, onde os peixes estavam se movendo rápidos. Ali, também, as plantas e as árvores que crescem sob a água estavam abrindo e fechando seus galhos; e as folhas estavam se movendo como aquelas das árvores terrestres quando sopra o vento.

Por um tempo, o barco se afastou da terra, até que eles perderam a vista do alto Salgueiro que era maior do que os outros. Então ele pareceu se aproximar novamente à margem, e mudou de posição, sempre tão perto que as crianças podiam ver muito claramente tudo o que lá havia.

A margem era muito variada; e cada momento mostrava algo novo e belo...

Agora era uma rocha saliente toda coberta com plantas rastejantes cujas flores quase tocavam a água.

Agora era uma praia, em que a areia branca reluzia e resplandecia à luz, e na qual as ondas faziam um zunido agradável à medida que corriam margem acima e voltavam de novo – como se brincando, “tocando”, consigo mesmas.

Agora árvores escuras com uma folhagem densa pendiam sobre a água; mas, através de sua obscuridade, fendas brilhavam ao longe quando o sol corria, por alguma abertura, na clareira.

Novamente, havia lugares em que a grama, tão verde quanto esmeralda, seguia em declive até a borda da água, e onde as Prímulas e os Ranúnculos que cresciam na mar-

SOB O PÔR DO SOL

gem, sobre a qual se debruçavam, quase beijavam as ondinhas que iam encontrá-los.

Então havia lugares em que grandes Lilases tornavam o ar, até bem longe, doce com o sopro de seus cachos de flores rosas e brancas, e onde os Laburnos pareciam jorrar torrentes de ouro a partir da riqueza das flores que pendiam de seus galhos verdes retorcidos.

Havia também grandes Palmeiras, com suas folhas largas, fazendo uma sombra fresca na terra abaixo. Grandes Coqueiros, em cujos troncos tropas de macacos ficavam subindo para reunir cocos que eles arrancavam e jogavam para baixo. Aloés com grandes caules carregados com flores púrpuras e douradas – pois esse era o centésimo ano quando, somente então, os aloés florescem.

Havia Papoulas tão grandes quanto árvores, e Lírios cujas flores eram maiores que cabanas.

As crianças gostaram de todos esses lugares, mas, de repente, chegaram a um lugar em que havia um canteiro de grama esmeralda ensombrado por árvores gigantescas. Em volta, crescia ou pendia ou se agrupava cada uma das flores que crescem. Canas-de-Açúcar altas brotavam da beirada de um pequeno córrego que fluía sobre um leito de pedras brilhantes como joias. Palmeiras elevavam suas cabeças eminentes, e plantas com grandes folhas se erguiam e produziam sombras até mesmo na penumbra. Perto havia uma fonte cristalina que borbulhava formando um pequeno córrego de onde as Canas-de-Açúcar se erguiam.

Quando eles viram esse lugar, ambas as crianças bradaram: “Oh! Que bonito! Vamos parar aqui”.

O barco pareceu entender o desejo deles, pois, sem o leme ser tocado, ele se virou e flutuou suavemente à margem.

O CASTELO DO REI

Sibold desceu e colocou May para a terra. Ele pretendia amarrar o barco; mas, no instante que May saiu, todas as velas se dobraram por si mesmas, a âncora pulou para fora do barco e, antes que fosse possível fazer qualquer coisa, o barco estava ancorado perto da margem.

Sibold e May deram-se as mãos e perambularam juntos pelo lugar, olhando para tudo.

De repente, May disse, em um sussurro:

“Oh, Sibold, este lugar é tão gostoso, será que há Salsa aqui?”

“Por que você quer Salsa?”, ele perguntou.

“Porque, se houver um bom canteiro de Salsa, talvez poderemos encontrar um Bebê... E, oh!, Sibold, quero muito um Bebê”.

“Muito bem, então, vamos procurar”, disse seu irmão. “Parece haver todo tipo de planta aqui; e se há *todo* tipo de planta, com certeza *deve* haver Salsa”. Pois Sibold era muito lógico.

Então, as duas crianças caminharam por todo o vale gramado, procurando; e, logo depois, como previsto, eles encontraram sob as folhas espalhadas de uma Cidra um grande canteiro de Salsa – as maiores Salsas que eles já haviam visto.

Sibold ficou bem satisfeito com isso, e disse: “Isso se parece com Salsa. Sabe, May, sempre me intrigou como um Bebê, que é muito maior do que a Salsa, possa estar escondido nela; e ele deve estar bem escondido nela, pois muitas vezes saio para olhar o canteiro de casa e nunca consigo achar um, apesar de a enfermeira sempre achar um em qualquer lugar que ela vá olhar. Mas ela não procura quase nunca. Sei que, se eu fosse tão sortudo quanto ela, ficaria sempre procurando”.

SOB O PÔR DO SOL

May viu que o desejo de encontrar um bebê se tornou tão forte nela que disse novamente:

“Oh, Sibold, eu desejo *tanto* um Bebê; *espero* que encontremos um”.

Assim que ela falou, ouviu-se um som estranho – um tipo de risada muito, muito leve – como um sorriso transformado em música.

May ficou surpresa e, por um momento, não pensou em fazer coisa alguma; ela meramente apontou, e disse:

“Olhe, olhe!”

Sibold correu e levantou a folha de uma enorme Salsa; e ali – oh, alegria de alegrias! – estava deitado o Bebê mais precioso que já fora visto.

May ajoelhou-se ao lado dele, levantou-o, começou a balançá-lo e cantou “Nana nenê”, enquanto Sibold olhava complacente. Entretanto, depois de uns instantes, ele ficou impaciente e disse:

“Veja bem, entende, eu encontrei esse Bebê; ele pertence a mim”.

“Oh, por favor”, disse May, “eu o ouvi primeiro. Ele é meu”.

“Ele é meu”, disse Sibold; “Ele é meu”, disse May; e ambos começaram a ficar um pouco nervosos.

De repente eles ouviram um gemido baixo – um tipo de som como se uma música tivesse dor de dente. Ambas as crianças olharam para baixo alarmadas, e viram que o pobre Bebê estava morto.

Os dois ficaram horrorizados e começaram a chorar; e pediram perdão um ao outro, e prometeram que nunca, nunca mais iriam ficar nervosos. Quando o fizeram, a Criança abriu seus olhos, olhou para eles gravemente, e disse:

O CASTELO DO REI

“Agora, nunca briguem ou fiquem nervosos. Se ficarem nervosos de novo, qualquer um dos dois, eu morrerei, sim, e serei enterrado também, antes que vocês possam dizer ‘raquetes’”.

“É mesmo, Be”, disse May, “nunca, nunca ficarei brava de novo. Ao menos, eu tentarei não ficar”.

Disse Sibold:

“Eu lhe garanto, senhor, que sob nenhuma provocação, resultando de quaisquer concatenações de circunstâncias, eu serei culpado da *malfaisance* da raiva”.

“Como ele fala bonito”, disse May; e o Bebê acenou a ele com sua cabeça de maneira familiar, como se dizendo:

“Tudo bem, velho, nós nos entendemos”.

Então, por um tempo, todos eles ficaram bem quietos. De repente, o Bebê virou seus olhos azuis para May e disse:

“Por favor, mãe, cantaria para mim?”

“O que você gostaria, Be?”, perguntou May.

“Oh, qualquer coisinha, algo patético”, ele respondeu.

“Algum estilo em particular?”, perguntou May.

“Não, obrigado; qualquer coisa que venha a calhar. Prefiro algo simples – alguma coisinha elementar, como, por exemplo, qualquer cançõozinha começando com uma escala cromática em quintas e oitavas consecutivas, *pianíssimo – rallentando – excellerando – crescendo* – até uma mudança harmônica na dominante da nona bemol diminuta”.

“Oh, por favor, Be”, disse May, muito humildemente, “não sei ainda nada sobre isso. Estou ainda nas escalas e, perdão, não sei do que tudo isso se trata”.

“Olhe, e você verá”, disse a Criança, e tomou um pedaço de graveto e escreveu uma música na areia.

“Ainda não sei”, disse May.

SOB O PÔR DO SOL

Bem naquele momento, um pequeno animal marrom-amarelado apareceu na clareira caçando um rato. Quando ficou no lado oposto deles, de repente disparou como o som de uma pistola.

“Agora você sabe?”, perguntou a Criança.

“Não, querido Be, mas não importa”, ela respondeu.

“Muito bem, querida”, disse a Criança, beijando-a, “qualquer coisa que lhe agradar, só deixe vir diretamente de seu coraçãozinho amável”, e ele a beijou novamente.

Então May cantou algo muito doce e belo – tão doce e belo que a fez chorar, e também Sibold, e o Bebê. Ela não conhecia a letra, e ela não conhecia a melodia, e ela tinha somente uma noção bem vaga do que falava; mas era muito, muito bela. Durante todo o tempo enquanto cantava, ela cuidou do Bebê, e ele colocou seus bracinhos gordos em volta do pescoço dela, e a amou muito.

Quando ela terminou de cantar, a Criança disse:

“Chlap, Chlap, Chlap, M-chlap!”

“O que ele quer dizer?”, ela perguntou a Sibold, desconfitada, pois ela viu que o Bebê queria algo.

Naquele momento, uma bela Vaca colocou sua cabeça por sobre os arbustos e disse: “Muu-uu-uu”. A Bela Criança bateu suas palmas; assim também May, que disse:

“Oh, eu sei agora. Ele quer ser alimentado”.

A Vaca entrou sem ser convidada, e Sibold disse:

“Acho que sim, May, melhor eu tirar leite dela”.

“Por favor, sim, querido”, disse May. Ela começou a ninar novamente o Bebê, a beijá-lo, a acalentá-lo, e a lhe contar que logo ia ser alimentado.

Enquanto ela estava assim ocupada, sentou-se com suas costas a Sibold. Mas o Bebê estava olhando para a ordenhação, com seus olhos azuis dançando com alegria. Subitamente, ele começou a rir, rir tanto que May olhou

O CASTELO DO REI

em volta para ver do que ele estava rindo. Ali estava Sibold tentando ordenhar a Vaca puxando seu rabo.

A Vaca não parecia se importar com ele, e continuou a pastar.

“Eia, Dona”, disse Sibold. A Vaca começou a se mover.

“Oh, ora essa”, disse Sibold, “vamos! Apresse-se e nos dê um pouco de leite; o Be quer um pouco”.

A Vaca respondeu a ele:

“O querido Be não deve desejar nada”.

May pensou que era muito estranho a Vaca poder falar; mas, como Sibold não pareceu achar isso estranho, segurou a língua.

Sibold começou a discutir com a Vaca: “Mas, convenhamos, Senhora Vaca, se ele não deve desejar nada, por que a senhora o faz desejar?”

A Vaca respondeu: “Não me culpe. A culpa é sua. Tente de outro jeito”, e ela começou a rir tão alto quanto podia.

Sua risada era muito engraçada, a princípio muito alta, mas gradualmente ficando mais e mais parecida com a risada da Criança, até que May não as conseguia distinguir. Então, a Vaca parou de rir, mas a Criança continuou.

“Do que está rindo, Be?”, May perguntou, pois ela não lembrava se sabia alguma coisa de ordenhação além do que Sibold sabia. Ela achou isso muito engraçado, pois sabia que muitas vezes ela havia visto as vacas serem ordenhadas em casa.

O Bebê falou: “Não é assim que se ordenha uma vaca”.

Então Sibold começou a levantar e abaixar o rabo da Vaca como a haste de uma bomba; mas o Bebê riu ainda mais.

SOB O PÔR DO SOL

Subitamente, sem saber como isso veio a acontecer, ela se sentiu derramando leite de um regador em cima do Bebê todo, que estava deitado no chão, com Sibold segurando sua cabeça. O Bebê estava gritando satisfeito e rindo como um louco; e quando o regador ficou vazio, ele disse:

“Muito obrigado aos dois. Nunca apreciei tanto um jantar em minha vida”.

“Esse é um Be muito querido e estranho!”, disse May, em sussurros.

“Muito”, disse Sibold.

Enquanto falavam, veio um som terrível de entre as árvores, muito, muito longe a princípio, mas que se aproximava mais e mais a cada momento. Era como gatos que estavam tentando imitar o trovão. O barulho veio bombardeando através das árvores.

“Meiau-u-room-r-psss. Rarkrrau-iau-p-ss”.

May ficou muito assustada; assim também Sibold, mas ele não iria admitir. Sentiu que tinha de proteger sua Irmãzinha e o Bebê, então se pôs entre os dois e o lugar de onde vinha o som. May abraçou forte a Criança, e lhe disse: “Não tenha medo, querido Be. Nós não vamos deixar ele tocar em você”.

“O que é ‘ele’?”, perguntou o Bebê.

“Eu não sei, Be”, ela respondeu. “Gostaria de saber. Lá vem ele agora”; pois, exatamente naquele instante, um grande e nervoso Tigre surgiu sobre os topos das árvores mais altas e ficou lá, olhando furiosamente para eles com seus grandes olhos verdes flamejantes.

May olhou para essa coisa terrível com seus olhos arregalados de terror; mas, ainda assim, ela abraçou o Bebê cada vez mais forte. Ficou olhando para o Tigre, e viu que ele não estava mirando nem ela nem Sibold, mas sim

O CASTELO DO REI

o Bebê. Isso a fez mais assustada do que nunca, e agarrou-o ainda mais forte. Enquanto olhava, no entanto, ela percebeu que os olhos do Tigre ficaram cada vez menos bravos a cada instante que passava, até que, por fim, eles ficaram tão gentis e amansados quanto aqueles do seu próprio gato malhado favorito.

Então o Tigre começou a ronronar. O ronronar era como o rugido de um gato, mas tão alto que parecia tambores. Entretanto, ela não se importou com isso, pois, apesar de alto, parecia gentil e carinhoso. Então o Tigre se aproximou e agachou diante da Criança Maravilhosa, e lambeu suas mãozinhas gordas com sua grande e áspera língua vermelha, porém muito suavemente. O Bebê riu, e acariciou o grande focinho do Tigre, e puxou os longos bigodes eriçados, e disse:

“Gii, gii”.

O Tigre passou a se comportar de maneira muito engraçada. Ele se deitou de costas e rolou ao redor, depois ficou em pé e ronronou mais alto que nunca. Sua grande cauda se ergueu diretamente para cima, com a ponta se movendo ao redor e derrubando aqui e ali um monte de uvas que pendiam da árvore acima. Parecia inundado de alegria, veio e agachou novamente diante da Criança, e ronronou em volta dele em grande estado de alegria. Finalmente, deitou-se, sorrindo e ronronando, e guardando a Criança, como se de guarda.

Logo depois veio de longe outro som terrível. Era como um grande Gigante sibilando; e era mais alto do que um trem, e mais numeroso que um bando de gansos. Havia também o som de galhos se partindo, de esmagamento da vegetação rasteira; e havia um som terrível de algo sendo carregado como nada que eles já tivessem ouvido antes.

SOB O PÔR DO SOL

Novamente Sibold se prostrou entre o som e May, que, mais uma vez, segurou o Bebê para protegê-lo do mal.

O Tigre se levantou e arqueou suas costas como um gato bravo, e ficou pronto para avançar em qualquer coisa que viesse.

Então ali apareceu, sobre os topes das árvores, a cabeça de uma enorme Serpente, com olhos miúdos que brilhavam como fagulhas de fogo e duas grandes mandíbulas abertas. Essas mandíbulas eram tão grandes que realmente parecia como se toda a cabeça do animal estivesse aberta em duas; e entre elas aparecia uma grande língua ramificada que parecia cuspir veneno. Atrás dessa cabeça monstruosa apareceram do corpo da Serpente enormes chocalhos que se moviam continuamente. O Tigre rugiu como se a ponto de saltar; mas, de repente, a Serpente baixou sua cabeça em submissão. Estava fitando a Criança Maravilhosa; e, olhando May, também viu que o pequenino Bebê estava apontando, como se dando ordens à Serpente, a seus pés. Então o Tigre, com um rosnado baixo e depois um ronronado contente, voltou ao seu lugar para vigiar e ficar de guarda. A grande Serpente veio suavemente e se enrolou na clareira, e também parecia como se estivesse vigiando e guardando a Criança Maravilhosa.

Novamente veio outro som terrível. Dessa vez, fora no ar. Grandes asas pareciam bater com um som mais alto do que um trovão; e, de longe, o ar foi escurecido por uma portentosa Ave de Rapina que lançava uma sombra sobre a terra com suas asas abertas.

Quando a Ave de Rapina desceu, o Tigre se levantou novamente e arqueou suas costas como se prestes a pular e avançar sobre ela, e a Serpente levantou seus chocalhos poderosos e abriu suas mandíbulas como se prestes a dar

O CASTELO DO REI

o bote.

Mas, quando a Ave viu a Criança, ela também se tornou menos feroz, e suspendeu-se no meio do ar com sua cabeça inclinada como se estivesse reverenciando. Logo, a Serpente se enrolou como antes, o Tigre voltou a vigiar e ficar de guarda, e a Ave de Rapina pousou na clareira e ficou vigiando e também de guarda.

May e Sibold começaram a observar maravilhados o Belo Garoto, ante a quem esses monstros faziam reverências; mas eles não conseguiam ver nada de estranho.

Novamente, houve outro som terrível – dessa vez lá do mar –, uma arremetida e um assvio como se alguma coisa gigante estivesse chicoteando a água.

Olhando em torno, as crianças viram dois monstros se aproximando. Eram um Tubarão e um Crocodilo. Eles surgiram do mar e vieram para a terra. O Tubarão estava pulando, batendo com sua cauda e rangendo sua tripla fileira de grandes dentes. O Crocodilo estava rastejando com seus grandes pés e pernas curtas e curvas, e sua boca terrível estava abrindo e fechando, batendo seus grandes dentes.

Quando esses dois se aproximaram, o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina se ergueram todos para proteger a Criança; mas, quando os recém-chegados viram o Bebê, eles também reverenciaram e também mantiveram vigia e guarda – o Crocodilo rastejando na praia, e o Tubarão se movendo para lá e para cá na água – iguais a sentinelas.

Novamente, May e Sibold olharam para a Bela Criança e se espantaram.

Mais uma vez, houve um som terrível, mais horrível do que haviam escutado.

SOB O PÔR DO SOL

A terra pareceu tremer e um som profundo e abafado veio de muito abaixo. Então, um pouco longe, uma montanha se ergueu de repente; seu cume abriu, e dali estouraram, com um som mais alto do que o de uma tempestade, fogo e fumaça. Grandes volumes de vapor preto se ergueram e suspenderam, uma nuvem preta, acima. Pedras fervendo, de um tamanho enorme, foram atiradas para o alto e caíram novamente na cratera, e se perderam. Pelos lados da montanha rolavam torrentes de lava incandescente e fontes de água fervente irrompiam de todo lado.

Sibold e May ficaram mais assustados que nunca, e May segurou o querido Bebê forte contra seu peito.

O troar da montanha flamejante ficou cada vez mais alto, a lava ardente jorrava densa e rápida, e da cratera se ergueu a cabeça de um feroz Dragão, com olhos como carvão incandescente e dentes como línguas de fogo.

Então o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina, e o Crocodilo e o Tubarão, todos se preparam para defender a Criança Maravilhosa.

Mas quando o feroz Dragão viu o Garoto, também ele domou-se, e rastejou humildemente para fora da cratera em chamas.

Então, a montanha furiosa afundou novamente para dentro da terra, a lava incandescente desapareceu; e o Dragão permaneceu com os outros para vigiar e ficar de guarda.

Sibold e May ficaram mais impressionados do que nunca, e olharam para o Bebê com ainda maior curiosidade. De repente, May disse a seu irmão:

“Sibold, quero cochichar a você algo”.

Sibold inclinou sua cabeça e ela sussurrou muito baixo em seu ouvido:

O CASTELO DO REI

“Eu acho que Be é um Anjo!”

Sibold olhou para ele pasmo e respondeu:

“Eu também acho, querida. O que vamos fazer?”

“Não sei”, disse May, “espero que ele não fique bravo de novo conosco por o chamarmos de ‘Be’ ”.

“Espero que não”, disse Sibold.

May pensou por um momento, e então seu rosto se iluminou com um sorriso contente, dizendo:

“Ele não ficará bravo, Sibold. Você sabe que nós o divertimos sem intenção”.

“Bem verdade”, disse Sibold.

Enquanto estavam falando, todos os tipos de animais e pássaros e peixes estavam vindo à clareira, andando de braços dados tanto quanto podiam – pois nenhum deles tinha braços. Um Leão e um Carneiro vieram primeiro, e estes dois se curvaram à Criança, e depois se foram e se deitaram juntos. Então veio uma Raposa e um Ganso; e depois um Gavião e um Pombo; e depois um Lobo e outro Cordeiro; e depois um Cachorro e um Gato; e depois outro Gato e um Rato; e depois outra Raposa e uma Cegonha; e uma Lebre e uma Tartaruga; e um Lúcio e uma Truta; e um Pardal e uma Minhoca; e muitos, muitos outros, até que toda a clareira estivesse cheia de coisas vivas, todas em paz uma com a outra.

Todos eles se sentaram em volta da clareira em pares, e todos eles olharam para a Criança Maravilhosa.

May sussurrou novamente para Sibold:

“Acho que, se ele for um anjo, devemos ser muito respeitosos com ele”.

Sibold assentiu, mostrando que concordava com ela; então, ela aconchegou o Bebê mais perto e disse:

“Por favor, senhor Be, sentados assim, eles não parecem todos bons e belos?”

SOB O PÔR DO SOL

A Bela Criança sorriu docemente quando respondeu:
 “Belo e doces eles parecem”.
 May disse novamente:
 “Gostaria que eles sempre fossem assim, e nunca bri-
 gassem ou discordassem de forma alguma, querido Be.
 Oh! Peço perdão. Digo, Senhor Be”.

A Criança perguntou a ela:
 “Por que pede meu perdão?”
 “Porque lhe chamei de Be, ao invés de Senhor Be”.
 O Garoto perguntou novamente:
 “Por que você deveria me chamar de Senhor Be?”
 May não gostaria de dizer “Porque você é um Anjo”
 da forma como gostaria de ter dito, então ela aproximou
 mais a Criança e sussurrou em seu pequeno ouvido róseo:
 “Você sabe”.

A criança colocou seus bracinhos em volta do pescoço
 dela e beijou-a, e disse, bem baixo e bem docemente, pa-
 lavras que por toda sua vida ela não se esqueceu:

“Eu sei. Seja sempre carinhosa e doce, querida cri-
 ança, e até mesmo os Anjos conhacerão teus pensamen-
 tos e escutarão tuas palavras”.

May sentiu-se muito feliz. Olhou para Sibold, que se
 inclinou e beijou-a, e chamou-a de “doce irmãinha”; e to-
 dos os animais, em pares, e todos aqueles terríveis que es-
 tavam de guarda, todos disseram juntos, como uma aclamação:

“Certo!”

Então eles pararam e emitiram todos juntos cada um
 dos sons, um após o outro, que cada um usava para mos-
 trar que estava feliz. Primeiro todos ronronaram, e de-
 pois todos grasnaram, e depois todos cacarejaram, e gru-
 nhiram, e bateram as asas e sacudiram suas caudas.

O CASTELO DO REI

“Oh, que bonito!”, disse May novamente, “olhe, querido Be!” Ela estava prestes a dizer Senhor quando a Criança levantou seu dedo, então ela disse somente “Be”.

A Criança sorriu e disse:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”.

Novamente, todos os animais disseram juntos como um grito:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”, e então todos eles repetiram as mesmas maneiras de mostrar sua alegria como antes.

May disse à Criança – e de alguma forma sua voz pareceu muito, muito alta, apesar de ela não ter intenção de sair assim, mas somente de sussurrar:

“Oh, querido Be, eu desejaria muito que eles sempre continuassem felizes e em paz dessa maneira. Não há meios de fazer isso?”

A Bela Criança abriu sua boca para falar, e todas as coisas vivas colocaram suas garras, ou suas asas, ou suas barbatanas nos ouvidos para ouvir com atenção.

Ele falou, e suas palavras pareciam cheias de som, mas muito suaves, como o eco de um trovão distante vindo de águas longínquas nas asas da música.

“Sabei, queridas crianças, e sabei vós todos que escutais – haverá paz na terra entre todas as coisas vivas quando os filhos dos homens ficarem, por uma hora, em perfeito amor e em perfeita harmonia um com o outro. Lutai, oh!, lutai cada um de vós, para que assim o seja”.

Enquanto ele falou, ouviu-se um silêncio solene e eles ficaram muito quietos.

Então a Criança Maravilhosa pareceu flutuar dos braços de May e se mover em direção ao mar. Todas as coisas vivas instantaneamente se apressaram para formar uma fila dupla entre a qual ela passou.

SOB O PÔR DO SOL

May e Sibold seguiram-na de mãos dadas. Ela esperou por eles na borda do mar e então beijou-os ambos.

Enquanto ele os beijava, o barco se aproximou da margem; a âncora subiu a bordo; as velas brancas se abriram para cima; e uma brisa fresca começou a soprar em direção de casa.

A Criança Maravilhosa foi para a proa e ali repousou. Sibold e May subiram a bordo, e tomaram seus lugares de antes; e depois de enviar beijos com as mãos para todas as coisas vivas – que estavam, nesse momento, dançando juntas na clareira –, mantiveram seus olhos fixos no Belo Garoto.

Quando se sentaram de mãos dadas, o barco se moveu suavemente, porém muito rápido. A encosta, com seus muitos lugares belos, parecia deslizar, tornando-se uma névoa turva à medida que rapidamente passavam.

Logo depois, eles viram seu próprio riacho, e o grande Salgueiro erguendo-se acima de todas as outras árvores na margem.

O barco chegou a terra. A Criança Maravilhosa, fluindo no ar, moveu-se em direção ao Caramanchão do Salgueiro.

Sibold e May seguiram-na.

Ela entrou no caramanchão; eles seguiram logo depois.

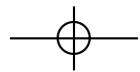
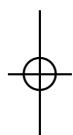
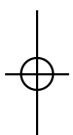
Quando a cortina folhada caiu atrás deles, o vulto da Criança Maravilhosa se tornou cada vez mais turvo, até que, por fim, olhando-os amavelmente, e abanando suas pequeninas mãos, como se os abençoando, ela pareceu desvanecer no ar.

Sibold e May ficaram sentados por um longo tempo, de mãos dadas, pensando. Então, ambos se sentindo so-

O CASTELO DO REI

nolentos, colocaram seus braços um em volta do outro, e
deitaram-se para descansar.

Nessa posição, dormiram novamente, com as Papou-
las ao redor deles.



A criança maravilhosa

Muito longe, na beira de um grande riacho, que se estendia para o distante interior do mar infinito, havia uma tranquila vila.

Ali os lavradores levavam uma vida feliz e próspera. Eles se levantavam cedo, de forma que na manhã fria e gris eles ouviam a cotovia, totalmente invisível nas alturas da manhã, cantando o hino matinal do qual ela nunca se esquece.

Quando o pôr do sol vinha furtivo, eles retornavam a suas casas, felizes pelo que o resto do cair da noite trazia a eles.

No outono, quando a colheita devia ser feita, eles trabalhavam até tarde, conforme eram capazes de fazer; pois, naquela época, o bom Sol e sua esposa, a Lua, tinham um pacto de que ajudariam aqueles que trabalhassem na colheita. Então o sol ficava no céu um pouco mais, e a lua saía de sua cama no horizonte um pouco mais cedo; assim, havia sempre luz para se trabalhar.

A lua rubra, larga e cheia, que olha de cima aos lavradores trabalhando, é chamada de Lua da Colheita.

O Senhor da Mansão dessa vila tranquila era um homem muito bom e agradável, que ajudava sempre os pobres. Na hora da refeição, a porta de sua mansão ficava aberta e todos os que estavam com fome poderiam entrar

SOB O PÔR DO SOL

se assim escolhessem e tomar assento na mesa, sendo hóspedes bem-vindos.

Esse Senhor da Mansão tinha três filhos, Sibold e May, e um Garotinho havia acabado de chegar em casa, ainda sem ter um nome.

Sibold havia acabado de alcançar seu décimo oitavo aniversário e May estava a dois meses de seu sexto. Eles gostavam muito um do outro – como irmãos e irmãs devem gostar – e faziam todas as brincadeiras juntos. May pensava que Sibold era muito grande e forte, e qualquer coisa que ele desejasse fazer ela sempre concordava.

Sibold adorava achar coisas e fazer explorações; e em tempos diferentes as duas crianças estiveram por todo os domínios de seu pai.

Eles tinham certos abrigos secretos dos quais ninguém sabia exceto eles mesmos. Alguns deles eram lugares extraordinários e deleitáveis.

Um ficava no centro de um carvalho oco, no qual viviam tantos esquilos que os galhos eram quase como ruas de uma cidade devido às idas e vindas deles.

Outro lugar era no topo de uma rocha, que era alcançado somente por um caminho estreito entre arbustos altos de heras. Aqui havia um tipo de cadeira grande cincelada na terra, em que cabia somente os dois; e para ali eles frequentemente levavam seu almoço e sentavam-se pela metade do dia observando sobre os topes das árvores onde, bem longe na distância, a borda alva do horizonte deitava-se no mar cintilante.

Então eles contavam um ao outro as coisas que pensavam e o que gostariam de fazer e o que tentariam fazer quando crescessem.

Havia também outro lugar que lhes era o favorito entre todos.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Era embaixo de um grande Salgueiro Chorão. Essa era uma árvore vigorosa, com muitas centenas de anos, que se erguia alta acima de outras árvores que pontuavam a relva. Os longos galhos caíam tão espessos que, até mesmo no inverno, quando as folhas tinham caído e os galhos estavam nus, mal se podia ver no buraco oco que havia ali dentro.

Quando a nova roupagem da primavera voltava a toda a árvore, de seu cimo mais alto até o solo musgoso do qual ela se elevava, ocorria uma abundância de verde sólido; e era difícil entrar nela mesmo se se soubesse o caminho.

Em um lugar, um dos galhos longos tinha sido, há muito tempo, quebrado em uma grande tempestade que havia posto abaixo muitas árvores da floresta. Mas os galhos que pendiam perto dele lançaram novos brotos para preencher o espaço vazio, e, assim, a abertura foi coberta com ramos finos ao invés de galhos fortes.

No verão, as folhas cobriam tudo com uma massa de verde; mas aqueles que conheciam a abertura podiam empurrar de lado os ramos e, assim, entrar no desvão.

Era um desvão muito belo. Sem importar o quão forte o sol brilhasse lá fora, dentro era fresco e agradável. Desde o chão até mesmo o topo, até o próprio telhado em que os galhos pretos que se encontravam formavam uma massa escura, tudo era de um verde delicado, pois a luz lá de fora vinha pelo meio das folhas suave e docemente.

Sibold e May pensavam que assim o mar devia parecer às Sereias, que cantam e penteiam seus longos cabelos com pentes dourados nas profundezas frias do oceano.

Na relva ao redor dessa grande árvore havia muitos canteiros de belas flores. Ásteres, com seus rostos largos de muitas cores, olhando fixos diretamente ao sol sem

SOB O PÔR DO SOL

mesmo piscar os olhos, ao redor e por onde esvoaçavam belas borboletas, com suas asas como arco-íris ou pavões ou pores do sol ou nada que fosse mais belo. A doce Reseda, sobre a qual pairavam abelhas com zumbido agradecido. Amores-perfeitos, com seus rostos grandes e delicados tremendo em seus caules delgados. Tulipas, abrindo suas bocas ao sol e à chuva; pois a Tulipa é uma flor gananciosa, que abre tanto sua boca até que, de tão aberta, sua cabeça quebra-se em pedaços e ela morre. Jacintos, com seus muitos sinos agrupados em um galho – como uma grande festa de família. Grandes Girassóis, cujos rostos pendentes brilhavam como filhos do próprio parente, o Sol.

Havia também grandes Papoulas, com folhas espalhadas e descuidadas, caules grossos e suculentos, e grandes flores escarlates, que se erguiam e pendiam como bem quisessem, e que pareciam muito livres e descuidadas e independentes.

Tanto Sibold quanto May amavam essas Papoulas e iam todos os dias olhá-las. Nos canteiros, na relva muggosa, da qual se erguia o grande Salgueiro, elas cresciam a tamanhos enormes; tão altas que, quando Sibold e May ficavam de mãos dadas junto ao canteiro, as grandes Papoulas elevavam-se sobre eles, até que Sibold, ficando na ponta dos pés, não pudesse alcançar as flores escarlates.

Um dia, depois do café da manhã, Sibold e May levaram consigo sua comida e saíram para passar o dia juntos passeando entre os bosques, pois era uma festa para eles. Um pequenino irmão Garotinho havia chegado na casa e todos estavam ocupados arrumando coisas para ele. As crianças haviam-no visto somente um instante.

De mãos dadas, Sibold e May percorreram todos os seus lugares favoritos. Eles olharam a caverna no Carva-

A CRIANÇA MARAVILHOSA

lho e diziam “Como vai o senhor?” a todo esquilo que vivia na árvore, e contaram-lhes sobre o novo Bebê que havia chegado em casa. Depois eles foram à rocha, e sentaram-se juntos no assento, e olharam o mar distante.

Eles ficaram ali por um tempo sob a luz do sol quente e falaram do pequeno e querido irmãozinho bebê que haviam visto. Eles se perguntaram de onde ele havia vindo, e fizeram um plano; procurariam e procurariam até que eles também encontrassem um bebê. Sibold disse que ele deve ter vindo lá do mar e ter sido colocado no canteiro de salsa pelos Anjos para que uma enfermeira pudesse encontrá-lo ali e levá-lo para confortar sua pobre mãe doente. Depois eles pensaram como seriam capazes de partir para além do mar, e planejaram que algum dia o barco de Sibold seria aumentado e eles entrariam nele e partissem pelos mares, e procurariam outro bebezinho todo para eles.

Depois de um tempo eles se cansaram de se sentar no sol quente; então, deixaram o lugar e, de mãos dadas, perambularam até que chegaram na relva plana onde o grande Salgueiro estava, e onde os canteiros de flores faziam o ar parecer cheio de cor e de perfume.

De mãos dadas eles caminharam, olhando as borboletas, e as abelhas, e os pássaros, e as belas flores.

Em um canteiro encontraram uma nova flor que aparecera. Sibold conhecia-a e contou a May que era um Lírio Asiático; ela teve medo de se aproximar dele até que ele contou a ela que a flor não a machucaria, pois era somente uma flor.

À medida que caminhavam, Sibold colhia algumas flores de cada canteiro e dava-as à sua irmã; quando eles estavam se afastando do Lírio Asiático, ele puxou a flor, e, porque May tinha medo de carregá-la, ele mesmo a levou.

SOB O PÔR DO SOL

Por fim, eles chegaram ao grande canteiro das Papoulas. As flores pareciam tão brilhantes e frescas, devido a toda a sua cor, e tão descuidadas, que May e Sibold pensaram, ambos ao mesmo tempo, que elas gostariam de tomar parte com eles no Desvão do Salgueiro, pois eles estavam indo comer lá e desejaram que o lugar estivesse tão feliz e belo quanto possível.

Mas, antes, eles voltaram ao Carvalho para recolher muitas folhas, pois Sibold sugeriu que fariam do novo bebê irmão o Rei do Banquete e que eles iriam fazer a ele uma coroa de carvalho. Como ele não estaria lá em pessoa, eles colocariam a coroa onde eles a pudessem ver bem.

Quando chegaram ao Carvalho, May exclamou:

“Oh, olhe, Sibold, olhe, olhe!”

Sibold olhou e viu que em quase todos os galhos havia um monte de esquilos sentados dois a dois, com suas caudas cheias de pelos sobre suas costas, comendo nozes tão ávidos quanto podiam.

Quando os esquilos os viram, não tiveram medo, pois as crianças nunca haviam feito mal algum a eles. Eles emitiram todos juntos um tipo de graxnido estranho e um pequeno pulo engraçado. Sibold e May começaram a rir, mas eles não gostaram da perturbação e voltaram ao canteiro de Papoulas.

“Agora, Sibold, querido”, disse May, “precisamos pegar muitas Papoulas, pois o querido Be gosta muito delas”.

“Como você sabe?”, perguntou Sibold.

“Porque ele deve gostar”, ela respondeu. “Você e eu gostamos, e ele é nosso irmão, então claro que ele gosta”.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Então Sibold colheu muitas Papoulas e algumas delas ele apanhou com muitas das folhas verdes presas até que ficaram, cada um, com um braço cheio delas. Então juntaram todas as outras flores e entraram no Desvão do Salgueiro para comer. Sibold foi à fonte que nascia no jardim e que corria ao mar. Ali ele encheu seu gorro com água e trouxe-o tão firme quanto pôde para que não deramasse muito e voltou ao desvão. May segurou abertos os galhos folhados quando ele chegou; quando passou, ela os deixou cair novamente. Quando a cortina de folhas estava pendurada toda em volta deles, as duas crianças ficaram sozinhas no Desvão do Salgueiro.

Então se puseram a trabalhar para adornar sua cabana folhada com as flores. Eles as torciam em torno dos galhos que pendiam, e fizeram uma coroa de flores que eles colocaram em volta do tronco da árvore. Em toda parte, eles colocaram as Papoulas no lugar mais alto que alcançavam, e então Sibold segurou May no alto enquanto ela enfiava os Lírios Asiáticos em uma fissura no tronco de árvore em cima de todas as outras flores.

Então as crianças sentaram-se para comer. Os dois estavam muito cansados e com muita fome, e apreciaram muito o descanso e a comida. Havia somente uma coisa que eles queriam, e essa coisa era o novo Irmãozinho Bebê, para que pudessem fazê-lo o rei do banquete.

Quando a refeição terminou, eles se sentiram muito cansados, então se deitaram juntos com suas cabeças uma no ombro do outro e seus braços entrelaçados; e ali eles foram dormir com as Papoulas escarlates acenando em todo o entorno.

Depois de um tempo, eles não estavam mais dormindo. Não parecia ser mais tarde no dia, mas sim ser de manhã cedo. Nenhum deles se sentiu nem um pouco

SOB O PÔR DO SOL

sonolento ou cansado; ao contrário, ambos queriam partir para uma expedição mais longa do que nunca.

“Venha ao riacho”, disse Sibold, “e saímos em meu barco”.

May levantou-se, e eles abriram a porta de folhas e saíram. Desceram ao riacho e lá encontraram o barco de Sibold com todas as suas velas armadas.

“Vamos entrar”, disse Sibold.

“Por quê?”, perguntou May.

“Porque assim podemos velejar”, ele respondeu.

“Mas ele não vai nos aguentar; é pequeno demais”, disse May, que estava com um tanto de medo de velejar, mas não queria dizê-lo.

“Tentemos”, disse seu irmão. Ele tomou a corda que amarrava o barco à margem e puxou. A linha parecia muito longa, e Sibold parecia estar puxando-a já por um bom tempo. Entretanto, o barco por fim chegou. À medida que se aproximava, ele ficava cada vez maior, até que, quando tocou a margem, eles viram que era grande o bastante para aguentar os dois.

“Vamos, vamos entrar”, disse Sibold.

De alguma forma May não sentia mais medo. Ela entrou no barco e descobriu que ali havia almofadas de seda da cor das flores de Papoula. Então Sibold entrou e afastou a corda que amarrava o barco à margem. Ele sentou-se na popa e segurou o leme em sua mão; May sentou-se em uma almofada no fundo do barco e segurou-se nas bordas.

As velas brancas inflaram com uma brisa suave e eles começaram a se afastar da margem; as pequenas ondas agitaram-se desde a proa do barco. May ouvia o marulhar das ondas quando elas tocavam a proa, e então se deitou.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

O sol brilhava muito vivamente. A água estava tão azul quanto o céu e tão límpida que as crianças podiam ver lá nas profundezas, onde os peixes estavam se movendo rápidos. Ali, também, as plantas e as árvores que crescem sob a água estavam abrindo e fechando seus galhos; e as folhas estavam se movendo como o fazem aquelas das árvores terrestres quando sopra o vento.

Por um momento, o barco afastou-se da margem, até que eles perderam a vista do alto Salgueiro que era maior do que os outros. Então pareceu se aproximar novamente à margem, e mudou de posição, sempre tão perto que as crianças podiam ver muito claramente tudo o que lá havia.

A margem era muito variada e cada momento mostrava algo novo e belo...

Agora era uma rocha saliente toda coberta com plantas rastejantes cujas flores quase tocavam a água.

Agora era uma praia, em que a areia branca reluzia e resplandecia à luz, e na qual as ondas faziam um zunido agradável à medida que corriam margem acima e novamente voltavam – como se brincando “tocando” consigo mesmas.

Agora árvores escuras com uma folhagem densa pendiam sobre a água; mas, através de sua obscuridade, brilhavam fendas distantes quando o sol jorrava, por alguma abertura, na clareira.

Novamente, havia lugares em que a grama, tão verde quanto esmeralda, seguia em declive até a borda da água, e onde as Prímulas e os Ranúnculos que cresciam na margem, sobre a qual se debruçavam, quase beijavam as ondinhas que iam encontrá-los.

Então havia lugares em que grandes Lilases tornavam o ar, até bem longe, doce com o sopro de seus cachos de

SOB O PÔR DO SOL

flores rosa e branca, e onde os Laburnos pareciam jorrar torrentes de ouro da riqueza das flores que pendiam de seus galhos verdes retorcidos.

Havia também grandes Palmeiras, com suas folhas amplas, fazendo uma sombra fresca na terra abaixo. Grandes Coqueiros, em cujos troncos tropas de macacos ficavam correndo para reunir cocos que eles arrancavam e jogavam para baixo. Aloés com grandes caules carregados com flores púrpuras e douradas – pois esse era o centésimo ano quando, somente então, os aloés florescem.

Havia Papoulas tão grandes quanto árvores e Lírios cujas flores eram maiores que cabanas.

As crianças gostaram de todos esses lugares, mas, de repente, chegaram a um lugar em que havia um canteiro de grama esmeralda ensombrado por árvores gigantescas. Em volta crescia ou pendia ou se agrupava cada uma das flores que crescem. Canas-de-Açúcar altas brotavam da beirada de um pequeno córrego que fluía sobre um leito de pedras brilhantes como joias. Cervos elevavam suas cabeças eminentes, e plantas com grandes folhas erguiam-se e produziam sombras até mesmo na penumbra. Perto havia uma fonte cristalina que borbulhava formando pequeno córrego de onde as Canas-de-Açúcar se erguiam.

Quando eles viram esse lugar, ambas as crianças bradaram: “Oh! Que bonito! Vamos parar aqui”.

O barco pareceu entender os desejos deles, pois sem o leme ser tocado, virou-se e fluiu suavemente à margem.

Sibold desceu e levantou May para a terra. Ele pretendia amarrar o barco; mas, no instante que May saiu, todas as velas se dobraram por si mesmas, a âncora pulou para fora do barco e, antes que fosse possível fazer qualquer coisa, o barco estava ancorado perto da margem.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

Sibold e May deram-se as mãos e perambularam juntos pelo lugar, olhando para tudo.

Logo, May disse, em um sussurro:

“Oh, Sibold, este lugar é tão bom, será que há Salsa aqui?”

“Por que você quer Salsa?”, ele perguntou.

“Porque, se houver um bom canteiro de Salsa, talvez poderemos encontrar um Bebê... E, oh!, Sibold, quero *muito* um Bebê”.

“Muito bem, então, vamos procurar”, disse seu irmão. “Parece haver todo tipo de planta aqui; e se há *todo* tipo de planta, você sabe que *deve* haver Salsa”. Pois Sibold era muito lógico.

Então as duas crianças caminharam por todo o vale gramado, procurando. Logo depois, decerto, sob as folhas espalhadas de uma Cidra, eles encontraram um grande canteiro de Salsa – as maiores Salsas que eles já haviam visto.

Sibold ficou bem satisfeito com isso, e disse: “Isso se parece com Salsa. Sabe, May, sempre fiquei intrigado com como um Bebê, que é muito maior do que a Salsa, possa estar escondido nela; e ele deve estar escondido nela, pois muitas vezes saio para olhar no canteiro de casa e nunca consigo achar um, apesar de a enfermeira sempre achar um em qualquer lugar que ela vá olhar. Mas ela não procura quase nunca. Sei que, se eu fosse tão sortudo quanto ela, ficaria sempre procurando”.

May viu que o desejar encontrar um bebê tornou-se tão forte nela que disse novamente:

“Oh, Sibold, eu desejo *tanto* um Bebê; espero que encontremos um”.

SOB O PÔR DO SOL

Quando ela falou, ouviu-se um som estranho – um tipo de risada muito, muito leve – como um sorriso causado por música.

May ficou surpresa e, por um momento, não pensou em fazer coisa alguma; ela meramente apontou, e disse: “Olhe, olhe!”

Sibold correu adiante e levantou a folha de uma enorme Salsa; e ali – oh, alegria de alegrias! – estava deitado o Bebê mais precioso que já fora visto.

May ajoelhou-se ao lado dele, levantou-o, começou a balançá-lo e cantou “Nana nenê”, enquanto Sibold olhava complacente. Entretanto, depois de uns instantes, ele ficou impaciente e disse:

“Veja bem, entende, eu encontrei esse Bebê; ele pertence a mim”.

“Oh, por favor”, disse May, “eu o ouvi primeiro. Ele é meu”.

“Ele é meu”, disse Sibold. “Ele é meu”, disse May; e ambos começaram a ficar um pouco nervosos.

De repente eles ouviram um gemido baixo – um tipo de som como se uma música tivesse dor de dente. Ambas as crianças olharam para baixo alarmadas e viram que o pobre Bebê estava morto.

Ambos ficaram horrorizados e começaram a chorar; e pediram perdão um ao outro e prometeram que nunca, nunca mais iriam ficar nervosos. Quando o fizeram, a Criança abriu seus olhos, olhou para eles gravemente, e disse:

“Agora, nunca briguem ou fiquem nervosos. Se ficarem nervosos de novo, qualquer um dos dois, eu morrerei, sim, e serei enterrado também, antes que vocês possam dizer ‘raquetes’”.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

“De fato, Be”, disse May, “nunca, nunca ficarei brava de novo. Ao menos, eu tentarei não ficar”.

Disse Sibold:

“Eu lhe garanto, senhor, que sob nenhuma provocação, resultando de quaisquer concatenações de circunstâncias, eu serei culpado da *malfaisance* da raiva”.

“Como ele fala bonito”, disse May; e o Bebê acenou a ele com sua cabeça de maneira familiar, como dizendo:

“Tudo bem, velho, nós nos entendemos”.

Então, por um tempo, todos eles ficaram cada vez mais quietos. Logo, o Bebê virou seus olhos azuis para May e disse:

“Por favor, pequena mãe, cantaria para mim?”

“O que gostaria, Be?”, perguntou May.

“Oh, qualquer coisinha, algo patético”, ele respondeu.

“Algum estilo em particular?”, perguntou May.

“Não, obrigado; qualquer coisa que venha a calhar. Prefiro algo simples – alguma coisinha elementar, como, por exemplo, qualquer canção começando com uma escala cromática em quintas e oitavas consecutivas, *pianissimo – rallentando – excellerando – crescendo* – até uma mudança harmônica na dominante da nona bemol diminuta”.

“Oh, por favor, Be”, disse May, muito humildemente, “não sei ainda nada sobre isso. Estou ainda nas escalas e, com sua licença, não sei do que tudo isso se trata”.

“Olhe, e você verá”, disse a Criança, e tomou um pedaço de graveto e escreveu uma música na areia.

“Ainda não sei”, disse May.

Bem naquele momento, um animal marrom-amarelado pequeno apareceu na clareira caçando um rato. Quando ficou no lado oposto deles, de repente disparou como o som de uma pistola.

SOB O PÔR DO SOL

“Agora você sabe?”, perguntou a Criança.

“Não, querido Be, mas não importa”, ela respondeu.

“Muito bem, querida”, disse a Criança, beijando-a, “qualquer coisa que lhe agradar, somente deixe vir diretamente de seu coraçãozinho amável”, e ele a beijou novamente.

Então May cantou algo muito doce e belo – tão doce e belo que a fez chorar, e também Sibold, e o Bebê. Ela não conhecia as palavras e ela não conhecia a melodia, e ela tinha somente uma noção bem vaga do que falava; mas era muito, muito bela. Durante todo o tempo enquanto ela cantava, ela cuidou do Bebê e ele colocou seus braços gordos em volta do pescoço dela, e a amou muito.

Quando ela terminou de cantar, a Criança disse:

“Chlap, Chlap, Chlap, M-chlap!”

“O que ele quer dizer?”, perguntou Sibold, desconfiado, pois ela viu que o Bebê queria algo.

Naquele momento, uma bela Vaca colocou sua cabeça sobre os arbustos e disse: “Muu-uu-uu”. A Bela Criança bateu suas palmas; assim também May, que disse:

“Oh, eu sei agora. Ele quer ser alimentado”.

A Vaca entrou ali sem ser convidada, e Sibold disse:

“Acho que sim, May, melhor eu tirar leite dela”.

“Por favor, sim, querido”, disse May. Ela começou a ninar novamente o Bebê, a beijá-lo, a acalentá-lo, e a contar-lhe que logo iria ser alimentado.

Enquanto ela estava assim ocupada, sentava-se com suas costas a Sibold. Mas o Bebê estava olhando para a ordenhação, com seus olhos azuis dançando com alegria. Subitamente, ele começou a rir, rir tanto que May olhou em volta para ver do que ele estava rindo. Ali estava Sibold tentando ordenhar a Vaca puxando seu rabo.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

A Vaca não parecia se importar com ele, e continuou a pastar.

“Eia, Dona”, disse Sibold. A Vaca começou a mover-se.

“Oh, nossa!”, disse Sibold, “vamos, apresse-se e dê-nos um pouco de leite; o Be quer um pouco”.

A Vaca respondeu a ele:

“O querido Be não deve desejar nada”.

May pensou que era muito estranho a Vaca poder falar; mas, como Sibold não pareceu pensar isso ser estranho, segurou a língua.

Sibold começou a discutir com a Vaca: “Mas, agora, Senhora Vaca, se ele não deve querer nada, por que a senhora faz ele querer?”

A Vaca respondeu: “Não me culpe. A culpa é sua. Tente de outro jeito”, e começou a rir tão alto quanto podia.

Sua risada era muito engraçada, a princípio muito alta, mas gradualmente ficando mais e mais parecida com a risada da Criança, até que May não as conseguia diferenciar. Então, a Vaca parou de rir, mas a Criança continuou.

“Do que está rindo, Be?”, May perguntou, pois ela não lembrava se sabia algo de ordenhação além do que Sibold sabia. Ela achou isso muito engraçado, pois sabia que muitas vezes ela havia visto as vacas serem ordenhadas em casa.

O Bebê falou: “Não é assim que se ordenha uma vaca”.

Então Sibold começou a levantar e abaixar o rabo da Vaca como a haste de uma bomba; mas o Bebê riu ainda mais.

SOB O PÔR DO SOL

Subitamente, sem saber como isso veio a acontecer, ela se sentiu derramando leite de um regador em cima do bebê todo, que estava deitado no chão, com Sibold seguindo sua haste. O Bebê estava vociferando e rindo como louco; e quando o regador ficou vazio, ele disse:

“Muito obrigado aos dois. Nunca apreciei tanto um jantar em minha vida”.

“Esse é um Be muito querido e estranho!”, disse May, em sussurros.

“Muito”, disse Sibold.

Enquanto falavam, veio um som terrível de entre as árvores, muito muito longe a princípio, mas que se aproximava mais e mais a cada momento. Era como gatos que estavam tentando imitar o trovão. O barulho veio bombardeando através das árvores.

“Meiau-u-room-r-p-sss. Rarkrrau-iau-p-ss”.

May ficou muito assustada. Também Sibold ficou assustado, mas ele não iria admitir; ele sentiu que tinha de proteger sua Irmãzinha e o Bebê, então se pôs entre os dois e o lugar de onde vinha o som. May abraçou apertado a Criança, e disse-lhe: “Não tenha medo, querido Be. Nós não vamos deixar ele tocar em você”.

“O que é ‘ele’?”, perguntou o Bebê.

“Eu não sei, Be”, ela respondeu. “Gostaria de saber. Lá vem ele agora”, pois, exatamente naquele instante, um grande e nervoso Tigre surgiu sobre os topo das árvores mais altas e ficou lá, olhando furiosamente para eles com seus grandes olhos verdes flamejantes.

May olhou para essa coisa terrível com seus olhos arregalados de terror; mas, ainda assim, ela abraçou o Bebê cada vez mais forte. Ficou olhando para o Tigre e viu que ele estava mirando não ela nem Sibold, mas sim o Bebê. Isso a fez mais assustada do que nunca e agarrou-o ainda

A CRIANÇA MARAVILHOSA

mais apertado. Enquanto olhava, no entanto, ela percebeu que os olhos do Tigre ficaram cada vez menos bravos a cada instante que passava, até que, por fim, eles ficaram tão gentis e amansados quanto aqueles do seu próprio gato malhado favorito.

Então o Tigre começou a rugir. O rugido era como o rugido de um gato, mas tão alto que parecia tambores. Entretanto, ela não se importou com isso, pois, apesar de alto, parecia como se fosse gentil e carinhoso. Então o Tigre se aproximou e agachou-se diante da Criança Maravilhosa, e lambeu suas mãozinhas gordas com sua grande e áspera língua vermelha, porém muito suavemente. O Bebê riu e acariciou o grande focinho do Tigre, puxou os longos bigodes eriçados e disse:

“Gii, gii”.

O Tigre passou a se comportar de maneira muito engraçada. Ele se deitou de costas e rolou ao redor, depois ficou em pé e rugiu mais alto do que nunca. Sua grande cauda ergueu-se diretamente para cima, com a ponta movendo-se ao redor e derrubando aqui e ali um monte de uvas que pendiam da árvore acima. Parecia inundado de alegria, veio e agachou-se novamente ante a Criança, e rugiu em volta dele em grande estado de alegria. Finalmente, deitou-se, sorrindo e rugindo, e guardando a Criança, como se de guarda.

Logo depois veio da distância outro som terrível. Era como um grande Gigante sibilando; e era mais alto do que um trem, e mais numeroso do que um bando de gansos. Havia também o som de galhos se partindo, de esmagamento da vegetação rasteira, e havia um som terrível de algo sendo carregado como nada que eles já ouviram antes.

SOB O PÔR DO SOL

Novamente Sibold se prostrou entre o som e May, que, mais uma vez, segurou o Bebê para protegê-lo do mal.

O Tigre levantou-se e arqueou suas costas como um gato bravo e ficou pronto para avançar em qualquer coisa que viesse.

Então ali apareceu, sobre os topes das árvores, a cabeça de uma enorme Serpente, com olhos miúdos que brilhavam como fagulhas de fogo e duas grandes mandíbulas abertas. Essas mandíbulas eram tão grandes que realmente parecia como se toda a cabeça do animal estivesse aberta em duas; e entre elas aparecia uma grande língua ramificada que parecia cuspir veneno. Atrás dessa cabeça monstruosa apareceram do corpo da Serpente enormes chocinhos que se moviam continuamente. O Tigre rugiu como se a ponto de saltar; mas, de repente, a Serpente baixou sua cabeça em submissão. Estava fitando a Criança Maravilhosa; e, olhando, May também viu que o pequenino Bebê estava apontando, como se dando ordens à Serpente, a seus pés. Então o Tigre, com um rosnado baixo e depois um rugido contente, voltou ao seu lugar para vigiar e ficar de guarda. A grande Serpente veio suavemente e se enrolou na clareira, e também parecia como se estivesse vigiando e de guarda para a Criança Maravilhosa.

Novamente veio outro som terrível. Dessa vez, fora no ar. Grandes asas pareciam bater com um som mais alto do que o trovão; e, de longe, o ar foi escurecido por uma portentosa Ave de Rapina que lançava uma sombra sobre a terra com suas asas abertas.

Quando a Ave de Rapina desceu, o Tigre levantou-se novamente e arqueou suas costas como se prestes a pular e avançar sobre ela, e a Serpente levantou seus chocinhos poderosos e abriu suas mandíbulas como se prestes a dar

A CRIANÇA MARAVILHOSA

o bote.

Mas quando a Ave viu a Criança ela também se tornou menos feroz, e suspendeu-se no meio do ar com sua cabeça inclinada como se estivesse reverenciando. Logo, a Serpente enrolou-se como antes, o Tigre voltou a vigiar e ficar de guarda, e a Ave de Rapina pousou na clareira e ficou vigiando e também de guarda.

May e Sibold começaram a observar maravilhados o Belo Garoto, ante a quem esses monstros faziam reverências; mas eles não conseguiam ver nada de estranho.

Novamente houve outro som terrível – dessa vez do mar – uma arremetida e um assvio como se alguma coisa gigante estivesse chicoteando a água.

Olhando em torno, as crianças viram dois monstros se aproximando. Eram um Tubarão e um Crocodilo. Eles surgiram do mar e vieram para a terra. O Tubarão estava pulando, batendo com sua cauda e rangendo sua tripla fileira de grandes dentes. O Crocodilo estava rastejando com seus grandes pés e pernas curtas e curvas, e sua boca terrível estava abrindo e fechando, batendo seus grandes dentes.

Quando esses dois se aproximaram, o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina todos se ergueram para proteger a Criança; mas quando os recém-chegados viram o Bebê, eles também reverenciaram e também mantiveram vigia e guarda – o Crocodilo rastejando na praia, e o Tubarão movendo-se para lá e para cá na água – como sentinelas.

Novamente May e Sibold olharam para a Bela Criança e espantaram-se.

Mais uma vez houve um som terrível, mais horrível do que se havia escutado.

A terra pareceu tremer e um som profundo e abafado veio de muito abaixo. Então, um pouco longe, uma

SOB O PÔR DO SOL

montanha ergueu-se de repente; seu cume abriu-se, e dali estouraram, com um som mais alto do que o de uma tempestade, fogo e fumaça. Grandes volumes de vapor preto levantaram-se e suspenderam-se, uma nuvem preta, acima. Pedras fervendo de tamanho enorme foram atiradas para o alto e caíram novamente na cratera, e perderam-se. Pelos lados da montanha rolavam torrentes de lava incandescente e fontes de água fervorosa irrompiam de todo lado.

Sibold e May ficaram mais temerosos do que nunca e May agarrou o querido Bebê forte contra seu peito.

O troar da montanha flamejante ficou cada vez mais alto, a lava ardente jorrava densa e rápida, e da cratera ergueu-se a cabeça de um feroz Dragão, com olhos como carvão incandescente e dentes como línguas de fogo.

Então o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina, e o Crocodilo e o Tubarão, todos se preparam para defender a Criança Maravilhosa.

Mas quando o feroz Dragão viu o Garoto, ele, também, domou-se e rastejou humildemente para fora da cratera em chamas.

Então a montanha furiosa afundou novamente para dentro da terra, a lava incandescente desapareceu; e o Dragão permaneceu com os outros para vigiar e ficar de guarda.

Sibold e May ficaram mais impressionados do que nunca, e olharam para o Bebê com ainda maior curiosidade. De repente, May disse a seu irmão:

“Sibold, quero cochichar a você algo”.

Sibold inclinou sua cabeça e ela sussurrou muito baixo em seu ouvido:

“Eu acho que Be é um Anjo!”

Sibold olhou para ele pasmo e respondeu:

A CRIANÇA MARAVILHOSA

“Eu também acho, querida. O que vamos fazer?”

“Não sei”, disse May, “espero que ele não fique bravo de novo conosco por o chamarmos de ‘Be’ ”.

“Espero que não”, disse Sibold.

May pensou por um momento e então seu rosto iluminou-se com um sorriso contente quando ela disse:

“Ele não ficará bravo, Sibold. Você sabe que nós o divertimos sem querer”.

“Bem verdade”, disse Sibold.

Enquanto estavam falando, todos os tipos de animais e pássaros e peixes estavam vindo à clareira, andando de braços dados, tanto quanto podiam – pois nenhum deles tinha braços. Um Leão e um Carneiro vieram primeiro, e estes dois curvaram-se à Criança, e depois se foram e se deitaram juntos. Então veio uma Raposa e um Ganso; e depois um Gavião e um Pombo; e depois um Lobo e outro Cordeiro; e depois um Cachorro e um Gato; e depois outro Gato e um Rato; e depois outra Raposa e uma Cegonha; e uma Lebre e uma Tartaruga; e um Lúcio e uma Truta; e um Pardal e uma Minhoca; e muitos, muitos outros, até que toda a clareira estivesse cheia de coisas vivas, todas em paz uma com a outra.

Todos eles sentaram-se em volta da clareira em pares e todos eles olharam para a Criança Maravilhosa.

May sussurrou novamente para Sibold:

“Acho que, se ele for um anjo, devemos ser muito respeitosos com ele”.

Sibold assentiu, mostrando que concordava com ela; então ela aconchegou o Bebê mais perto e disse:

“Por favor, senhor Be, eles não parecem todos bons e belos, sentados assim?”

A Bela Criança sorriu docemente quando respondeu:

“Bela e doces eles parecem”.

SOB O PÔR DO SOL

May disse novamente:

“Gostaria que eles sempre fossem assim, e nunca brigassem ou discordassem de forma alguma, querido Be. Oh! Peço perdão. Digo, Senhor Be”.

A Criança perguntou a ela:

“Por que pede meu perdão?”

“Porque lhe chamei de Be, ao invés de Senhor Be”.

O Garoto perguntou novamente:

“Por que você deveria me chamar de Senhor Be?”

May não gostaria de dizer “Porque você é um Anjo” da forma como gostaria de ter dito, então ela aproximou mais a Criança e sussurrou em seu pequeno ouvido róseo:

“Você sabe”.

A criança colocou seus bracinhos em volta do pescoço dela e beijou-a, e disse, bem baixo e bem docemente, palavras que por toda sua vida ela não se esqueceu:

“Eu sei. Seja sempre carinhosa e doce, querida criança, e até mesmo os Anjos conhecerão teus pensamentos e escutarão tuas palavras”.

May sentiu-se muito feliz. Olhou para Sibold, que se inclinou e beijou-a, e chamou-a de “doce irmãzinha”; e todos os animais, em pares, e todos aqueles terríveis que estavam de guarda, todos disseram juntos, como uma aclamação:

“Certo!”

Então eles pararam e emitiram todos juntos cada um dos sons, um após o outro, que cada um usava para mostrar que estava feliz. Primeiro todos rugiram, e depois todos grasnaram, e depois todos cacarejaram, e grunhiram, e bateram as asas e sacudiram suas caudas.

“Oh, que bonito!”, disse May novamente, “olhe, querido Be!” Ela estava prestes a dizer Senhor quando a Criança levantou seu dedo, então ela disse somente “Be”.

A CRIANÇA MARAVILHOSA

A Criança sorriu e disse:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”.

Novamente, todos os animais disseram juntos como um grito:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”, e então todos eles repetiram as mesmas maneiras de mostrar sua alegria como antes.

May disse à Criança – e de alguma forma sua voz pareceu muito, muito alta, apesar de ela não ter intenção de sair assim, mas somente de sussurrar:

“Oh, querido Be, eu desejaria muito que eles sempre continuassem felizes e em paz dessa maneira. Não há meios de fazer isso?”

A Bela Criança abriu sua boca para falar, e todas as coisas vivas colocaram suas garras, ou suas asas, ou suas barbatanas nos ouvidos para ouvir com atenção.

Ela falou, e suas palavras pareciam cheias de som, mas muito suaves, como o eco de um trovão distante vindo de águas longínquas nas asas da música.

“Sabei, queridas crianças, e sabei vós todos que escutais – haverá paz na terra entre todas as coisas vivas quando os filhos dos homens ficarem, por uma hora, em perfeito amor e perfeita harmonia um com o outro. Lutai, oh!, lutai cada um de vós, para que assim o seja”.

Enquanto ele falou, ouviu-se um silêncio solene e eles ficaram muito quietos.

Então a Criança Maravilhosa pareceu flutuar dos braços de May e mover-se em direção ao mar. Todas as coisas vivas instantaneamente se apressaram para formar uma fila dupla entre a qual ela passou.

May e Sibold seguiram-no de mãos dadas. Ela esperou por eles na borda do mar e então beijou-os ambos.

SOB O PÔR DO SOL

Enquanto ele estava os beijando, o barco aproximou-se da margem; a âncora subiu a bordo; as velas brancas abriram-se para cima; e uma brisa fresca começou a soprar em direção de casa.

A Criança Maravilhosa moveu-se para a proa e ali reclinou-se. Sibold e May subiram a bordo e tomaram seus lugares de antes; e depois de enviar beijos com as mãos para todas as coisas vivas – que estavam, nesse momento, dançando juntas na clareira – eles mantiveram seus olhos fixos no Belo Garoto.

Quando se sentaram de mãos dadas, o barco moveu-se suavemente, porém muito rápido. A encosta, com seus muitos lugares belos, parecia deslizar, tornando-se uma névoa turva à medida que rapidamente passavam.

Logo depois, eles viram seu próprio riacho e o grande Salgueiro erguendo-se acima de todas as outras árvores na margem.

O barco chegou a terra. A Criança Maravilhosa, flutuando no ar, moveu-se em direção ao Desvão do Salgueiro.

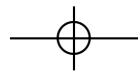
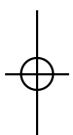
Sibold e May seguiram-na.

Ele entrou no Desvão; eles seguiram logo depois.

Quando a cortina folhada caiu atrás deles, o vulto da Criança Maravilhosa tornou-se cada vez mais turvo, até que, por fim, olhando-os amavelmente, e abanando suas pequeninas mãos, como se os abençoando, ela pareceu desvanecer no ar.

Sibold e May ficaram sentados por um longo tempo, de mãos dadas, pensando. Então, ambos se sentindo sonolentos, colocaram seus braços em volta um do outro, e deitaram-se para descansar.

Nessa posição dormiram novamente, com as Papoulas em volta deles.



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu accus! Zola | O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviéticos traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetas*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cáticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro

55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft

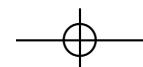


- 112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
- 113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
- 114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
- 115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
- 116. *Sobre a filosofia e seu método – Parerga e paralipomema* (v. II, t. I), Schopenhauer
- 117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
- 118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
- 119. *Sobre a liberdade*, Mill
- 120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
- 121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
- 122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
- 123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
- 124. *Educação e sociologia*, Durkheim
- 125. *Elixir do pajé – poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
- 126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamântis
- 127. *Lisístrata*, Aristófanes
- 128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
- 129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
- 130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
- 131. *Romanceiro cigano*, Lorca
- 132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
- 133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
- 134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
- 135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
- 136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
- 137. *Odisseia*, Homero
- 138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
- 139. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
- 140. *Eu, Augusto dos Anjos*
- 141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
- 142. *Sobre a ética – Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
- 143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
- 144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
- 145. *A arte da guerra*, Maquiavel
- 146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
- 147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
- 148. *Oliver Twist*, Dickens
- 149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
- 150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

- 1. *Dao De Jing*, Lao Zi
- 2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
- 3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
- 4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
- 5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
- 6. *O destino do erudito*, Fichte
- 7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
- 8. *Diário de um escritor* (1873), Dostoiévski

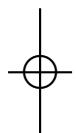
«SÉRIE SEXO»



1. *Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada*, Anna P.
2. *A vénus das peles*, Sacher-Masoch
3. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
4. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
5. *perversão: a forma erótica do ódio*, oscar wilde
6. *A vénus de quinze anos*, [Swinburne]

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrindo o Islã no Brasil*, Karla Lima



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas
oficinas, em 9 de fevereiro de 2017, em tipologia Libertine, com
diversos softwares livres, entre eles, Lua^{TEX}, git & ruby.

